



**Carla Faria Leitão**

**Os impactos subjetivos da Internet**  
**reflexões teóricas e clínicas**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio.

Orientador: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Rio de Janeiro, dezembro de 2002



**Carla Faria Leitão**

**Os impactos subjetivos da Internet**  
**reflexões teóricas e clínicas**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Ana Maria Nicolaci-da-Costa**  
Orientador  
PUC-Rio

**Ana Maria Rudge**  
PUC-Rio

**Benilton Carlos Bezerra Jr.**  
UERJ

**Julio Sergio Vertzman**  
PUC-Rio

**Octávio Domont de Serpa Jr.**  
UFRJ

**Jürgen Heye**  
Coordenador Setorial de Pós Graduação e  
Pesquisa do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas - PUC-Rio

Rio de Janeiro,        /        / 2003

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Carla Faria Leitão**

Psicóloga graduada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, especialista em Saúde Mental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio.

#### Ficha Catalográfica

Leitão, Carla Faria

Os impactos subjetivos da Internet : reflexões teóricas e clínicas / Carla Faria Leitão; orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2003.

[12], 144 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Psicologia clínica. 3. Internet. 4. Impactos subjetivos. 5. Prática clínica. 6. Psicoterapeutas. I. Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. III. Título.

Para Sofia, por me mostrar que um novo e diferente mundo pode ser, também, muito bonito.

Para Nelson, meu companheiro na gostosa aventura de apreender esse novo mundo.

## Agradecimentos

À Ana Maria Nicolaci-da-Costa, *por tudo*. Em uma espécie de versão “pós-moderna” de orientação, Ana foi múltipla e intensa, indo sempre muito além de suas funções. Como intelectual, inspirou-me a lançar novos olhares sobre o tempo presente. Como orientadora, incentivou-me a pensar, a insistir em boas idéias e a evitar becos sem saída. Ensinou-me, também, o caminho da simplicidade e, sobretudo, a deixar desarrumado aquilo que não é organizável. Mostrou-me, por fim, os meandros da vida acadêmica. Como amiga, deu colo e empurrões e, sobretudo, um carinho inesgotável. Às várias Anas, posso somente dizer: “Obrigada, valeu!”.

À “D. Yette”, sogra de todas as horas, que, mesmo em momentos difíceis, estava disponível para me ajudar nos cuidados com Sofia.

À Daniela Romão-Dias, que, sempre muito atenta e sensível, foi uma preciosa interlocutora ao longo destes anos e, sobretudo, uma grande amiga.

À Rosane Abreu, pelas longas conversas que tivemos para desembaralhar idéias e pelo seu sorriso plácido, capaz de acalmar ânimos exaltados.

À equipe de pós-graduação de Ana, por tornar o processo de elaboração de minha tese um ato menos solitário.

À equipe de graduação de Ana, por injetar, mesmo à distância, a energia e o entusiasmo característicos daqueles que começam a se fascinar pela atividade de pesquisa.

Ao corpo docente do Departamento, pela dedicação e pelo incentivo.

À professora Cláudia Garcia, pela valiosa troca de idéias e pela atenção com a qual sempre me recebeu.

À professora Solange Jobim, pelas ricas discussões sobre a Pós-modernidade que me proporcionou.

À professora Ana Maria Rudge pela leitura cuidadosa da versão preliminar do segundo capítulo desta tese e pelas sugestões que gentilmente me ofereceu.

À Marise, à Verinha e à Dudu, incansáveis na árdua tarefa de administrar alunos atrapalhados, sempre com um carinho especial.

Ao CNPq e à FAPERJ, pelo apoio financeiro.

## Resumo

Leitão, Carla Faria. **Os impactos subjetivos da Internet**: reflexões teóricas e clínicas. Rio de Janeiro, 2002, 144 p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho tem por objetivo examinar os impactos da difusão da Internet sobre o campo da psicologia clínica e, em particular, sobre as práticas psicoterápicas da atualidade. Para tanto, é feita, inicialmente, uma discussão teórica sobre as transformações em curso no contexto de produção científica contemporâneo, à luz do recente desenvolvimento das tecnologias digitais e, em especial, da Internet. Em seguida, a discussão concentra-se especificamente no contexto da psicologia clínica, no recente interesse desta área pelo estudo dos impactos subjetivos da Internet e no exame da produção a este respeito. Dado que esta produção é composta quase que exclusivamente de pesquisas empíricas e não contempla os efeitos da Internet sobre as práticas clínicas, o trabalho de campo da presente tese visou investigar esta lacuna. Em outras palavras, foi realizada uma pesquisa qualitativa junto a 16 psicoterapeutas com o objetivo de conhecer o que estes têm a dizer sobre a chegada da Internet aos seus consultórios. Os principais resultados obtidos podem ser divididos em dois grupos. O primeiro diz respeito a indicadores clínicos que, da ótica dos terapeutas entrevistados, apontam para impactos subjetivos sofridos pelos pacientes-usuários da Rede. São eles: o prazer no uso da Internet, a sensação de “onipotência” que experimentam, as novas formas de se relacionarem com o corpo, as diferentes formas de excesso às quais se expõem e as novas formas de controle exercidas por meio dos registros que a Rede disponibiliza. Já o segundo grupo de resultados refere-se aos impactos da Internet sobre os próprios terapeutas, ou seja, às suas reações frente à chegada da Internet aos consultórios e à desorientação que experimentaram diante das novas questões clínicas colocadas em cena pelas aventuras on-line de seus pacientes.

Palavras-chave:

Psicologia Clínica; Internet; impactos subjetivos; prática clínica; psicoterapeutas.

## Abstract

Leitão, Carla Faria. **The Internet subjective impacts**: some clinical and theoretical reflections. Rio de Janeiro, 2002, 144 p. PHD thesis – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present thesis aims at examining the impacts of Internet diffusion on the clinical psychology fields and, particularly on the psychotherapy practice in use presently. Firstly, a theoretical discussion is done. It is about the current changes in the contemporaneous context of scientific production, considering the recent development of digital technologies and, especially Internet. Secondly, the discussion focuses specifically on the clinical psychology context, on the recent interest of this area for the studies of the Internet subjective impacts and, on the exam of the corresponding production. Due to the fact that such production is almost exclusively composed of empirical research and does not consider the effects of Internet on the clinical practice, the practical focus of the present thesis aimed at investigating the gap above. In other words, a qualitative research with 16 psychotherapists has been done to know what they have to say about the Internet arrival into their offices. The main results obtained can be divided into two groups. The first one refers to clinical indicators according to the interviewed therapists' perspective. They expose subjective impacts suffered by the patients-users of the Net. Those are: the pleasure in using Internet, the sensation of “omnipotence” they experience, the new ways of relationship with their own bodies, the new ways of excess they are exposed to and, the new ways of control done by means of the registers set available by the Net. Nevertheless, the second group of results refers to the impacts of the Net on therapists themselves, that is, their reaction to the Internet presence in their offices and to the disturbance they felt facing the new clinical issues set in scene by their patients' on-line adventures.

Keywords:

Clinical psychology; Internet; subjective impacts; clinical practice; psychotherapists.



“As teorias tendem a ser recipientes claros e bem talhados feitos para receber os conteúdos limosos e lamacentos da experiência. Mas, para conservá-los aí, suas paredes precisam ser duras; tendem a ser opacas. É difícil ver os conteúdos da experiência através das paredes da teoria. Muitas vezes se tem que furar as paredes – ‘desconstruí-las’, ‘decompô-las’ – para ver o que elas escondem.”

Zygmunt Bauman, O mal-estar da pós-modernidade.

## Sumário

1. Introdução	1
2. A produção científica contemporânea: um breve panorama	17
2.1. Introduzindo as tecnologias da informação como categoria de análise.	17
2.2. Quatro correntes teóricas contemporâneas	19
2.2.1. As teorias pós-modernas	20
2.2.1.1. Lyotard e Vattimo: ênfase nas condições de produção de conhecimento	21
2.2.1.2. Jameson, Harvey e Bauman: ênfase nas condições de produção da ordem capitalista	23
2.2.2. As teorias da modernização reflexiva	26
2.2.2.1. Beck: a sociedade de risco	26
2.2.2.2. Giddens: a percepção individual dos riscos	28
2.2.2.3. Lash: a tecnologia como base da sociedade de risco	29
2.2.3. A teoria da Revolução da Tecnologia da Informação	30
2.2.3.1. Castells: a sociedade em rede	31
2.2.4. A teoria do paradoxo	35
2.2.4.1. Baudrillard: o assassinato do real	36
2.3. Um novo contexto de produção científica: um convite à análise do campo da psicologia clínica	41
3. Psicologia clínica e Internet: por que essa inusitada aproximação?	43
3.1. A psicologia clínica em questão	44
3.2. Compreendendo o inusitado: a psicologia clínica e as tecnologias da informação	49
3.2.1. O contexto norte-americano	50
3.2.1.1. As décadas de 1940, 1950 e 1960	50
3.2.1.2. De 1970 a meados da década de 1980	52

3.2.1.3. De 1985 aos dias de hoje	53
3.2.2. O contexto brasileiro	55
3.2.2.1. As décadas de 1950 e 1960	56
3.2.2.2. As décadas de 1970 e 1980	56
3.2.2.3. De 1990 aos dias de hoje	57
3.3. A produção da psicologia clínica sobre a Internet	58
3.3.1. O contexto norte-americano	59
3.3.2. O contexto brasileiro	63
3.4. Identificando uma lacuna: a prática clínica e a Internet	69
4. A pesquisa de campo: Objetivos e Procedimentos metodológicos	71
4.1. Objetivo	71
4.2. Procedimentos metodológicos	72
4.2.1. Sujeitos da pesquisa	73
4.2.1.1. Critérios de recrutamento	73
4.2.1.2. Considerações sobre o anonimato do grupo de sujeitos	78
4.2.1.3. Um breve perfil dos terapeutas entrevistados	80
4.2.2. A coleta de dados	80
4.2.2.1. O estudo-piloto	80
4.2.2.2. As entrevistas	81
4.2.3. A análise dos dados	84
5. Impactos da Internet sobre a prática clínica: Apresentação e discussão dos resultados da pesquisa	87
5.1. Resultados	87
5.1.1. Os primeiros contatos	87
5.1.2. O uso pessoal da Internet	88
5.1.3. A Internet na clínica	92
5.1.3.1. Primeiras reações	96
5.1.3.2. Indicadores clínicos relevantes	100
5.1.3.2.1. Internet e prazer	101
5.1.3.2.2. Internet e “onipotência”	103
5.1.3.2.3. Internet e corpo	106

5.1.3.2.4. Internet e excesso	109
5.1.3.2.5. Internet, registros e controles	112
5.1.3.3. Refletindo sobre os indicadores clínicos detectados	116
5.1.4. Os conhecimentos da psicologia clínica em questão	117
5.1.5. Perspectivas para o futuro	125
5.2. Discussão dos resultados	127
6. Tecendo novas redes conceituais: um desafio para a psicologia clínica.	132
7. Referências Bibliográficas	138

# 1 Introdução

Após décadas de grandes expectativas, atingimos a marca histórica do ano 2000, presenciamos o fim do milênio e entramos, finalmente, no século XXI. Muitas das previsões que povoaram o imaginário popular não chegaram a se realizar. Uma delas, porém, tornou-se a marca inequívoca de nosso presente. Refiro-me à tão esperada e temida revolução que, segundo muitos, atingiria o mundo e a humanidade na virada do século XX.

Trinta anos atrás, no entanto, esta revolução era, ainda, muito nebulosa. Não havia características claras que a definissem nem, sequer, um nome de batismo que a designasse. Havia, tão-somente, a certeza de que os rumos do mundo de então – em consequência da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria – iriam transformar profundamente nossas vidas. Havia, também, a percepção de que o embrionário desenvolvimento tecnológico em curso naquela época – marcado pelo desenvolvimento da física nuclear e pelo surgimento dos primeiros computadores – iria desempenhar um papel importante na futura revolução. No mais, tudo dizia respeito a previsões que misturavam sensibilidade e senso crítico apurados, muita imaginação, medo do desconhecido e, sobretudo, uma enorme curiosidade a respeito do futuro.

Muito rapidamente, contudo, o futuro tornou-se presente. Computadores, chips, cabos de fibras óticas, satélites, Internet, telefones celulares, câmeras digitais, etc. – as chamadas tecnologias da informação – saíram do território da imaginação para integrar a vida cotidiana de grande parte da população mundial. Desde os anos finais do século XX, o acelerado desenvolvimento destas tecnologias vem transformando cada esfera da vida em sociedade e, também, da vida privada. Finalmente, a nebulosa revolução mostrou sua face e, nos dias que correm, já recebeu diferentes nomes de batismo: Revolução Digital, Revolução da Informática, Revolução Virtual, Revolução das Tecnologias da Informação, etc.

Atualmente, a compreensão dos efeitos desta revolução tornou-se algo mais do que um mero exercício de futurologia levado a cabo por indivíduos mais

curiosos. Não estamos mais diante da tarefa de prever o futuro. Estamos, outrossim, diante do desafio de interpretar o presente. Trata-se, sobretudo, de detectar, registrar e analisar o surgimento do novo. Trata-se, em outras palavras, de enfrentar o desafio de identificar as características da revolução em curso, bem como seus impactos sobre o mundo e sobre a humanidade.

Este desafio atinge, portanto, todos aqueles que se acham comprometidos com a produção de conhecimentos a respeito do mundo contemporâneo. Dada a radicalidade das mudanças geradas pelas recentes tecnologias digitais, produzir conhecimento científico atualmente implica estar sintonizado com tais mudanças. Em decorrência disto, pesquisadores e teóricos das diversas áreas do conhecimento já estudam, de diferentes perspectivas, os efeitos da penetração das tecnologias da informação em seus domínios de investigação.

O presente trabalho é fruto deste novo contexto de produção científica. Nasceu do desafio de conhecer como a área da psicologia clínica, em suas vertentes de pesquisa e intervenção clínica, vem se posicionando frente à revolução tecnológica em curso.

Por meio de uma análise preliminar da recente produção da psicologia clínica, foi possível detectar que vários profissionais desta área já estudam as transformações de ordem psicológica geradas pela introdução das novas tecnologias digitais no mundo contemporâneo. Desde meados da década de 1990, começaram a surgir trabalhos sobre esta questão e, em especial, sobre os impactos subjetivos gerados pelo uso cotidiano da Internet.

Curiosamente, contudo, estes trabalhos referem-se quase que exclusivamente a *pesquisas* na área da psicologia clínica. Não há, neste recente e embrionário campo de investigação, trabalhos que abordem os impactos da penetração da Internet sobre as *práticas clínicas* contemporâneas. Ou seja, enquanto que diferentes *pesquisadores* falam dos impactos subjetivos gerados pela Rede, pouco se sabe a respeito dos pontos de vista dos *psicoterapeutas* a respeito destes impactos.

Motivada pela ausência de informações sobre as relações entre a Internet e a prática clínica, defini, finalmente, o objetivo deste trabalho, a saber, o de *investigar os impactos da difusão da Internet sobre a prática clínica contemporânea*. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo junto a

psicoterapeutas, na qual buscou-se conhecer alguns de seus pontos de vista sobre o papel da Internet na clínica.

A estrutura de organização deste trabalho tem o objetivo de apresentar os principais resultados obtidos na pesquisa, relacionando-os ao contexto mais amplo de produção de conhecimentos no qual está incluída. Ou seja, busca enfatizar que a pesquisa realizada faz parte do recente processo de tecer uma nova rede conceitual que explique uma também nova realidade mundial.

Com vistas a este objetivo, após a presente introdução, seguem-se os segundo e terceiro capítulos deste trabalho, destinados à discussão do atual contexto de produção de conhecimento científico e da inserção da psicologia clínica no mesmo.

Assim, no segundo capítulo, “*A produção científica contemporânea: um breve panorama*”, são analisadas algumas teorias recentemente desenvolvidas nas ciências sociais e na filosofia a fim de identificar algumas das principais características do que venho chamando de um novo contexto de produção científica. Nesta análise, é dada especial ênfase ao papel desempenhado pelas tecnologias digitais na constituição deste contexto.

Já no terceiro, “*Psicologia clínica e Internet: por que essa inusitada aproximação?*”, é examinada a posição da psicologia clínica neste novo cenário científico. Para tanto, a partir dos principais marcos da história dos computadores e da Internet, são discutidas algumas das razões pelas quais esta área da psicologia passou a se interessar pelas novas tecnologias digitais e, em particular, pela Internet. Feito isto, a produção da psicologia clínica sobre os impactos subjetivos da Internet é também examinada.

Concluída esta etapa, os dois capítulos seguintes concentram-se na pesquisa de campo que, conforme mencionado acima, buscou identificar os impactos da difusão da Internet sobre as práticas psicoterápicas da atualidade.

Assim, no quarto capítulo, cujo título é “*A pesquisa de campo: objetivos e procedimentos metodológicos*”, são descritos os objetivos da pesquisa qualitativa realizada, o perfil dos terapeutas entrevistados, bem como cada uma de suas etapas de execução.

Já no quinto capítulo, “*Impactos da Internet sobre a prática clínica: apresentação e discussão dos resultados da pesquisa*” são, finalmente, apresentados principais resultados obtidos.

Para concluir, no sexto e último capítulo deste trabalho, *“Tecendo novas redes conceituais: um desafio para a psicologia clínica”*, é feita uma breve discussão dos desafios que a psicologia clínica tem pela frente para se inserir em um novo contexto de produção científica e compreender as transformações da subjetividade em consequência das radicais mudanças do mundo contemporâneo.



## 2

### **A produção científica contemporânea: um breve panorama<sup>1</sup>**

#### 2.1

#### **Introduzindo as tecnologias da informação como categoria de análise**

As recentes e radicais alterações do cenário mundial vêm gerando impactos profundos na produção de conhecimentos científicos contemporânea. Notadamente desde a década de 1990, profissionais de diferentes disciplinas buscam dar sentido a um mundo que, no cotidiano, se apresenta como caótico. Em consequência disto, experimentam sentimentos de confusão e insegurança, deparam-se com dúvidas e inquietações, e aguçam seu espírito investigativo e sua criatividade para tecer uma nova rede de conhecimentos que explique uma também nova realidade mundial.

O filósofo Edgar Morin – em seu artigo intitulado “A ciência sem consciência está condenada?” (1998) – descreve algumas das principais características dessa nova rede em construção. Esta é composta de trabalhos dos mais diferentes campos de saber (nenhuma disciplina parece estar imune aos impactos das transformações mundiais). É, ainda, extremamente densa (são numerosos os novos fenômenos examinados). É, também, heterogênea (um mesmo fenômeno suscita diferentes interpretações). É, finalmente, qualitativamente distinta da antiga rede conceitual que explicava o mundo (a radicalidade das mudanças em curso impõe a desconstrução de certezas, o registro paciente do novo e a construção de novas categorias que captem fenômenos recentes).

---

<sup>1</sup> A primeira versão do presente capítulo deu origem ao artigo intitulado “A psicologia no novo contexto mundial”, escrito em co-autoria com Ana Maria Nicolaci-da-Costa, que está em processo de publicação (no prelo) na *Revista Estudos de Psicologia (Natal)*.

A obra *A religião dos saberes: o desafio do século XXI* (1999) – extensa coletânea de artigos, organizada também por Morin – torna visíveis as características acima examinadas. Nessa coletânea, profissionais das mais diferentes áreas do conhecimento (biologia, física, economia, história, etc.) traçam um panorama da produção acadêmica mais recente, discutindo em profundidade as rupturas conceituais em curso, a pluralidade teórica de cada disciplina e, principalmente, o desafio de construir novas categorias de análise para lidar com as incertezas de uma realidade que se transforma rapidamente.

Meu olhar sobre essa publicação detectou, contudo, um outro ponto em comum a grande parte de seus artigos. Nestes, frequentemente, o recente desenvolvimento das tecnologias da informação é utilizado como elemento fundamental para a reflexão sobre as transformações na produção de conhecimentos científicos. Dou alguns exemplos.

Na física, Balibar (1999) descreve a participação de sua disciplina no desenvolvimento das tecnologias da informação, analisando, em seguida, os impactos disto sobre outros campos científicos e sobre a vida cotidiana. Reproduzo, abaixo, um trecho de seu artigo:

“Vou contentar-me em dizer que os físicos contemporâneos compreenderam, entre outras coisas, o essencial das propriedades da matéria, o que permitiu um desenvolvimento tecnológico que transformou profundamente nossa vida cotidiana (eletrônica, informática, audiovisual e transmissão de informações, imagística e análises médicas, observação da Terra, arquitetura, meios de expressão artística, etc.).” (p. 61)

Já na astronomia, Cassé (1999) enfoca a ruptura de concepções tradicionais a respeito do cosmos a partir do uso de tecnologias sofisticadas de captação e processamento de dados:

“Para que a pesquisa continue florescendo no campo fragmentado e complexo do saber, escolho a palavra céu. Céu convoca, um pouco em desordem, as almas viajantes e as tecnologias galopantes. Nos últimos vinte anos aprendemos mais do céu do que tínhamos aprendido em dois mil.” (p. 35)

“A astronomia do invisível, eletrônica, automatizada e satelitizada revela que o céu noturno brilha com todo o seu esplendor em gamas de irradiação que a visão natural não pode apreender. (...) A noite faz parte do domínio das aparências. Ela não é negra; antes, nosso olhar é que é obscuro.” (p. 42)

Se, na astronomia, certezas peremptórias foram desconstruídas quando seus pesquisadores tornaram-se usuários de novas tecnologias, na geografia, os

impactos tecnológicos parecem ser de outra ordem. Segundo o geógrafo Frémont (1999), uma nova realidade instaurada pela difusão das tecnologias digitais na sociedade contemporânea transformou o próprio objeto de investigação de sua disciplina:

“Eis, portanto, a verdadeira crise da geografia, que é muito menos uma querela entre diferentes escolas do que uma dificuldade maior para apreender uma nova realidade. Os geólogos tinham o hábito de tratar sociedades camponesas, singulares, diversas, heterogêneas, muito enraizadas em seu meio e em sua história. Os parceiros obrigatórios dos geógrafos eram os historiadores ou os naturalistas (...) Ora, o objeto geográfico muda a ponto de furtar-se sob a mobilidade, sob a estandardização, a mundialização (...) O geógrafo se volta de bom grado agora para o economista, o sociólogo, o demógrafo, o informático. (...) Mas desse dilaceramento da geografia, a escola sai perturbada, como entre dois mundos, entre duas culturas, como seus alunos.” (p. 142-143)

Muitos outros exemplos poderiam ser ainda relatados. Parece-me, contudo, que os três aqui apresentados já dão pistas suficientes a respeito da importância de examinarmos – à luz das tecnologias da informação – a instauração de um novo cenário mundial e suas conseqüências para os novos rumos da produção científica contemporânea. Em outras palavras, estou sugerindo que utilizemos *as tecnologias da informação como categoria de análise* para, com isto, obtermos uma compreensão mais global dessa nova, densa e heterogênea rede de conhecimentos científicos. Para tanto, analiso quatro correntes teóricas – oriundas da sociologia e da filosofia – amplamente difundidas no meio acadêmico atual.

## 2.2

### **Quatro correntes teóricas contemporâneas**

Três critérios nortearam a escolha das correntes teóricas aqui analisadas. Em primeiro lugar, essas correntes deveriam fornecer visões amplas daquilo que está acontecendo no mundo atual e nas principais esferas da atividade humana. Em segundo, deveriam discutir o papel das tecnologias digitais no novo cenário mundial. Finalmente, deveriam abordar questões relacionadas às transformações da produção de conhecimentos contemporânea.

Quatro correntes teóricas mostraram-se, então, particularmente interessantes para o meu objetivo. São elas: as teorias pós-modernas, as teorias da

modernização reflexiva, a teoria da Revolução da Tecnologia da Informação e a teoria do paradoxo.<sup>2</sup>

### 2.2.1 As teorias pós-modernas

Originadas no campo da arte e da literatura na década de 1960, as teorias pós-modernas se difundiram no meio acadêmico somente em 1979, com a publicação da obra *A condição Pós-moderna*, do filósofo Jean-François Lyotard. A partir daí, o pós-modernismo se consolidou no campo acadêmico, caracterizando-se pela polêmica e pela heterogeneidade.

Pelo alto grau de heterogeneidade que apresentam, essas obras resistem a classificações e análises simplistas. Parece-me ser possível, contudo, detectar uma organização das teorias pós-modernas em torno de duas posições principais. A primeira refere-se à ênfase dada à discussão das condições contemporâneas de produção de conhecimento, tendo Lyotard e, mais recentemente, o filósofo Gianni Vattimo como seus representantes mais significativos. Já a segunda dá maior destaque às condições de produção da ordem capitalista contemporânea. Seus principais representantes são autores que sofreram fortes influências das teorias marxistas: David Harvey, Fredric Jameson, Terry Eagleton, Zygmunt Bauman, Richard Sennett e Perry Anderson.

No que se segue, apresento, a partir da obra de alguns de seus representantes, essas duas posições pós-modernas. Discuto as posições epistemológicas de Lyotard e Vattimo e as análises de Jameson, Harvey e Bauman a respeito do capitalismo contemporâneo.

---

<sup>2</sup> Teorias pós-modernas, teorias da modernização reflexiva e teoria da Revolução da Tecnologia da Informação são expressões utilizadas pelos próprios autores que representam essas correntes para nomeá-las. Já teoria do paradoxo é uma expressão de minha autoria para nomear o conjunto de idéias e conceitos de Jean Baudrillard, uma vez que este não faz uso de nenhuma expressão para identificar a totalidade de sua obra.

### 2.2.1.1

#### **Liotard e Vattimo: ênfase nas condições de produção de conhecimento**

Liotard (1979), como precursor do pós-modernismo no campo acadêmico, fornece uma visão panorâmica da Pós-modernidade, comparando as condições de produção científica modernas e pós-modernas.

Segundo esse autor, a Modernidade foi um período histórico no qual, embora o mundo fosse percebido de modo complexo, essas percepções eram organizadas através de sistemas teóricos totalizadores. Por meio desses sistemas – chamados por ele de “Grandes Relatos” –, buscava-se a previsibilidade dos fenômenos, a objetividade e o progresso científicos.

Diferentemente do que aconteceu na Modernidade, Lyotard afirma que vivemos em um período histórico no qual o mundo é percebido como fragmentado, complexo e imprevisível. Na Pós-modernidade não é mais possível descrever o mundo através de discursos científicos unificados em uma meta-linguagem universal. As visões de mundo modernas foram drasticamente desconstruídas e, atualmente, o conhecimento pós-moderno é composto de “pequenos relatos”, ou seja, de narrativas múltiplas sobre um mundo também múltiplo.

Para Lyotard, as transformações na produção de conhecimento contemporânea devem ser entendidas a partir da utilização maciça das tecnologias da informática. O acesso fácil e rápido à informação dissolveu o “grande discurso científico” da Modernidade, rompendo também “*a trama enciclopédica na qual cada ciência devia encontrar seu lugar*” (Lyotard, 1979, p.71).

Mais recentemente, Vattimo (1985, 1998 e 1999) dá continuidade à discussão epistemológica iniciada por Lyotard. Tal como o último, enfatiza a necessidade de desconstruir o modelo moderno de ciência universal, considerando o conhecimento pós-moderno um conjunto de pequenos relatos sobre o mundo. Vattimo, no entanto, aprofunda as discussões a respeito da desconstrução dos grandes relatos científicos, criticando algumas posições teóricas contemporâneas – por ele chamadas de “nostálgicas” – que se reapropriam de conceitos construídos na Modernidade para interpretar as atuais transformações mundiais. De sua ótica, os conceitos modernos, além de ineficazes para a análise do que ocorre na Pós-

modernidade, refletem uma tentativa inócua de restabelecer a tranqüilidade e a ordem que a ciência moderna propiciava.

Para Vattimo, a dificuldade de lidar com a ruptura e de apreender as características próprias do viver contemporâneo cria, com freqüência, uma visão de que todos os fenômenos atuais são negativos e destruidores de tudo que tínhamos de positivo no mundo. Os nostálgicos encaram a Pós-modernidade como um processo de desumanização de nossa sociedade. Estaríamos vivendo o “*inferno da negação do humano*” (Vattimo, 1985, p.18). Essa negatividade impede, no entanto, que uma nova ordem – diferente, mas não menos humana do que a da Modernidade – seja percebida.

De modo análogo ao de Lyotard, Vattimo (1985 e 1999) também considera as tecnologias da informação a base para o rompimento com a produção moderna de conhecimento:

“A contemporaneidade é a época em que, enquanto, com o aperfeiçoamento dos instrumentos de coleta e transmissão de informação, seria possível realizar uma ‘história universal’, precisamente essa história se tornou impossível.” (Vattimo, 1985, p. 11)

Vattimo argumenta, contudo, que as tecnologias digitais são freqüentemente consideradas um instrumento de destruição da humanidade, em vez de um fator de ruptura dos modos tradicionais de interpretação do mundo. Dessa ótica nostálgica, as novas tecnologias da informação afastariam os homens de um relacionamento genuíno e automatizariam suas ações, sendo as vilãs de um cenário pós-moderno desumanizante.

Ainda segundo Vattimo, a análise, sem nostalgias, da penetração das novas tecnologias digitais no cotidiano remete a uma outra relação com o conhecimento, a saber, a de considerar a tecnologia como uma provocação para repensar o mundo. Por um lado, as narrativas universais se enfraquecem, bombardeadas pelo excesso. Por outro, o conhecimento torna-se mais relativizado e afastado de reapropriações teóricas e conceituais (Vattimo, 1998 e 1999).

Existem, no entanto, outros teóricos da Pós-modernidade que se reapropriam de conceitos modernos para pensar o mundo atual. Fredric Jameson, David Harvey e Zygmunt Bauman são autores que, em oposição a Lyotard e a Vattimo, interpretam os fenômenos pós-modernos através das modernas idéias do marxismo. Passo, neste ponto, a analisar as obras desses autores.

### 2.2.1.2

#### **Jameson, Harvey e Bauman: ênfase nas condições de produção da ordem capitalista**

As teorias pós-modernas influenciadas pelo marxismo partem de uma crítica veemente ao que consideram uma “ingenuidade” das concepções de Lyotard sobre a fragmentação do mundo pós-moderno. Do ponto de vista de Harvey (1989), Jameson (1991) e Bauman (1997 e 1998), a complexidade e a fragmentação pós-modernas, paradoxalmente, não excluem uma historicidade e uma lógica global de compreensão. Na opinião desse grupo, a teorizações de Lyotard deixam inexplicadas as relações políticas e econômicas do mundo pós-moderno, sendo espantoso o fato de Lyotard ter deixado em segundo plano seu próprio passado marxista, se eximindo de uma interpretação histórica e temporal da Pós-modernidade. (sobre as críticas à obra de Lyotard, ver Eagleton, 1996 e Anderson, 1998.)

Assim, apesar de criticarem sua “ingenuidade”, esses teóricos concordam com as concepções de Lyotard e de Vattimo sobre uma ruptura histórica entre Modernidade e Pós-modernidade. Tal como estes, também discutem crise da história e o fim das meta-teorias. Paradoxalmente, no entanto, diferentemente de Lyotard e de Vattimo, Jameson, Harvey e Bauman buscam construir categorias globais para dar sentido à época pós-moderna. Para tanto, enfatizam o modo de produção capitalista como principal categoria de análise, relegando a segundo plano as condições pós-modernas de produção de conhecimento. Nessa visão, a ancoragem da Pós-modernidade é um conjunto de alterações objetivas na ordem econômica do capital.

Jameson (1991)<sup>3</sup> é – cronologicamente – o primeiro autor a trabalhar nessa direção. Para ele, a Pós-modernidade é uma nova época do capitalismo – a do capitalismo tardio – regida por uma lógica de funcionamento global que perpassa as diferentes esferas da vida humana e dá coesão às mesmas.

Na contemporaneidade, não vigora mais a lógica da produção industrial e a conseqüente divisão entre classes produtoras e trabalhadoras. A esfera econômica

---

<sup>3</sup> Essa obra de Jameson foi publicada na íntegra, originalmente, em 1991. O conteúdo do famoso texto “*A lógica cultural do capitalismo tardio*” foi, no entanto, divulgado pela primeira vez em uma conferência em 1982 (ver Anderson, 1998).

se expandiu para todos os níveis do viver humano, inclusive para a esfera cultural. A lógica da Pós-modernidade é aquilo que Jameson chama de lógica cultural do capitalismo tardio. A esfera cultural torna-se coextensiva à economia, não sendo mais possível pensar a cultura como expressão autônoma da organização social. Essa expansão capitalista estruturou nossa sociedade em torno do consumo de bens materiais, de informação e de cultura.

A posição de Jameson frente à tecnologia relaciona-se também à expansão capitalista e à organização da sociedade a partir do consumo. Segundo ele, o desenvolvimento tecnológico, na concepção marxista, é resultado do desenvolvimento do capital e não, como pensam Lyotard e Vattimo, uma instância determinante em si mesma. O desenvolvimento econômico pós-guerra foi o fator que gerou a expansão tecnológica de sistemas aperfeiçoados de automação da produção e da distribuição. Esse quadro, por sua vez, propiciou a intensificação da produção em massa, uma distribuição mais rápida dessa produção e a circulação veloz do capital resultante de suas vendas.

Harvey é outro autor que discute a Pós-modernidade à luz da teoria marxista. Em seu livro *Condição Pós-moderna*, publicado originalmente em 1989, ele reflete, de modo semelhante ao de Jameson, sobre a expansão do capitalismo e sobre a sociedade de consumo. Harvey examina, no entanto, de maneira mais detalhada do que Jameson, o sistema de produção pós-moderno.

Para Harvey, o sistema de produção contemporâneo não é mais, como acontecia na Modernidade, racional, uniforme e padronizado. Na época moderna, cada espaço era destinado à realização de uma tarefa e cada trabalhador especializava-se em uma das etapas produtivas. Ao final do processo, um mesmo produto era produzido em série, de modo rigorosamente uniforme. Já no sistema pós-moderno, o trabalhador desempenha tarefas múltiplas e pouco demarcadas. A produção é flexível e voltada para a personalização de bens e serviços. Em um mesmo espaço, são produzidos – em escala industrial – diferentes produtos personalizados. A distribuição desses produtos é mais rápida e a circulação do capital resultante de suas vendas veloz. A lógica pós-moderna de produção é, portanto, flexível, ágil e passível de constantes modificações. Todos esses fatores contribuem, segundo sua análise, para o aumento do consumo a níveis inesgotáveis e para a organização de nossa sociedade em torno desse consumo.



Dentre os autores marxistas pós-modernos, é Bauman (1997 e 1998) aquele que mais se detém na categoria consumo. Esta é por ele considerada como fator de referência e de organização da sociedade pós-moderna. De sua ótica, todas as sociedades sempre consumiram, mas aquilo que caracteriza a sociedade contemporânea como sociedade de consumo é a ênfase dada a esse consumo. Os membros da sociedade moderna definiam suas redes de sociabilidade em torno da capacidade de produção. Já na Pós-modernidade, a organização social se dá mais pela capacidade e pelo desejo de consumir do que pelo que cada um de seus membros produz.

A tecnologia digital pode ser entendida, em Bauman, como mais uma fonte de consumo. A conexão de computadores através da Internet intensificou a possibilidade de consumir e deslocou sua ênfase dos bens materiais para a informação. Grande quantidade de informação é consumida instantaneamente e a custos baixos, independentemente do local onde é gerada ou recebida. Tudo isso cria, de seu ponto de vista, novas formas de exclusão social:

“A elogiadíssima ‘interatividade’ do novo veículo é um grande exagero; deveriam antes falar num ‘meio interativo one-way’ Ao contrário do que costumam acreditar os acadêmicos, eles próprios integrantes da nova elite global, a Internet e a Web não são para qualquer um, e é improvável que jamais venham a se abrir para o uso universal.” (Bauman, 1998, p. 60-1)

O aprofundamento das exclusões sociais no mundo atual em função do desenvolvimento tecnológico vem representar o principal ponto de vista em relação às novas tecnologias da informação presente em sua obra, e também nas de Harvey e Jameson. Em todas elas, a sociedade é estratificada de modo dualista em função do acesso às novas tecnologias digitais. Uma elite detém a informação, e o restante da população é excluído do amplo consumo da mesma.

Tal estratificação social é um dos fatores de discordância entre Bauman, Harvey e Jameson e os filósofos Lyotard e Vattimo. Como foi discutido anteriormente, Lyotard e Vattimo afirmam que o amplo acesso à informação pode gerar visões múltiplas e relativizadas dos fenômenos mundiais, inclusive frente às questões de exclusão social. Já para Harvey, Jameson e Bauman, o acesso à informação é gerador de exclusão e de intolerância nas relações sociais.

A despeito de divergências significativas entre esses dois grupos de teóricos pós-modernos, há em comum entre eles o pressuposto de uma ruptura histórica

entre a Modernidade e a Pós-modernidade. Essa posição, no entanto, está longe de ser unânime dentro do amplo quadro de conhecimentos contemporâneo. Outras correntes teóricas criticam esse pressuposto de ruptura histórica e elaboram outras categorias para a compreensão dos fenômenos atuais. A seguir, discuto uma delas: a das teorias da modernização reflexiva.

### 2.2.2

#### **As teorias da modernização reflexiva**

As teorias da modernização reflexiva surgiram de uma longa discussão sobre Modernidade *versus* Pós-Modernidade. Para os sociólogos Ulrich Beck, Anthony Giddens e Scott Lash, não há, como pensam os autores pós-modernos, uma descontinuidade histórica que justifique a demarcação de uma nova época. As transformações sociais em curso configuram tão-somente um outro momento da própria Modernidade.

Ainda em oposição aos teóricos da Pós-modernidade, Beck, Giddens e Lash não consideram que o mundo contemporâneo seja caótico e fragmentado. Para eles, há sempre uma forma de coesão social operante, mesmo que esta se modifique no decorrer do tempo e que não tenha, a princípio, sua lógica reconhecida pelos membros da sociedade.

O livro *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* é a obra resultante dessas discussões. Nele, Beck (1995a e 1995b), Giddens (1995) e Lash (1995a e 1995b) investigam as novas formas de coesão social e a unidade básica de organização presente na sociedade atual. Apresento, no que se segue, os conceitos centrais do trabalho desses três autores.

#### 2.2.2.1

##### **Beck: a sociedade de risco**

Segundo Beck (1999), até a década de 1980, vivíamos um momento da Modernidade no qual o conceito de sociedade era, na maioria das vezes, equivalente ao conceito de Estado. A sociedade era organizada em Estados “*containers*” que funcionavam como fonte de referência, de coesão e de proteção para seus membros. Havia, ainda, uma nítida divisão desses membros entre

classes trabalhadoras e produtoras, que se organizavam pela lógica da produção industrial.

Notadamente a partir de meados de 1980, um novo momento da Modernidade se instaura sem crises ou revoluções. O processo de modernização contínuo e acelerado da sociedade leva-a a romper com algumas de suas principais características. O aperfeiçoamento dos processos industriais e a globalização enfraquecem os Estados e os levam a se associar e se interpenetrar. A função de referência e de proteção social desempenhada por esses Estados também se enfraquece e, com isto, sentimentos de confusão e de desproteção se instalam nos membros de nossa sociedade contemporânea.

Em paralelo, esta sociedade começa a perceber com maior clareza os efeitos do longo processo de modernização pelo qual passou. Alguns desses efeitos são positivos e cumulativos. Usufruímos, na atualidade, muitos benefícios do desenvolvimento econômico, científico e tecnológico obtido no primeiro momento da Modernidade. Conhecemos melhor o mundo e criamos muitos instrumentos que nos auxiliam a nele viver melhor. Por outro lado, sofremos muitos efeitos colaterais resultantes da modernização da sociedade. Passamos a nos dar conta dos riscos gerados por nosso próprio desenvolvimento e sabemos que o controle desses riscos escapa ao poder dos enfraquecidos Estados. Todos os países se encontram simultaneamente, de uma maneira ou de outra, diante de problemas gerados pelo acelerado desenvolvimento mundial. As soluções políticas, econômicas e sociais dependem, antes de tudo, de uma perspectiva de integração global desses problemas por parte de todos os países, envolvendo um sentimento global de humanidade.

O enfraquecimento dos Estados, a desorientação social, a percepção dos riscos gerados pelo desenvolvimento mundial e a emergência de um sentimento de humanidade são, para Beck (1995a e 1995b), os principais fatores que levam a uma nova definição de sociedade e a um novo conceito de modernização neste segundo momento da Modernidade.

Segundo ele, a sociedade contemporânea pode ser melhor entendida a partir do conceito de sociedade de risco: uma sociedade que passa a perceber – em maior ou menor grau – a necessidade de novas formas de cooperação e de entendimento global para o controle dos riscos gerados por seu desenvolvimento.

O modo de desenvolvimento contemporâneo também se modifica e é definido por Beck como modernização reflexiva. Por modernização reflexiva, Beck compreende o confronto e a interação – e, também, o conflito – dos antigos temas da Modernidade (organização capitalista, produção e consumo, conflitos sociais, etc.) com os novos riscos para a humanidade (destruição do meio-ambiente, catástrofes nucleares, etc.). Não temos uma mera substituição das questões modernas por problemas contemporâneos. Trata-se de “*um jogo de duas realidades interagentes*” (Beck, 1995b, p. 213): a luta pela distribuição e consumo de bens e serviços e o desafio de lidar com a nova realidade de riscos e conseqüências globais. Trata-se, em resumo, da crítica da Modernidade pela própria Modernidade.

Esta crítica comporta, no entanto, uma peculiaridade do ponto de vista do autor. O termo reflexividade corresponde à dimensão não intencional e, portanto, em larga medida, inconsciente de crítica e confrontação. Beck (1995b) parte da premissa de que a modernização reflexiva é, portanto, um movimento assistemático – científico e cotidiano – para controlar riscos.

O recente desenvolvimento tecnológico é um dos importantes fatores que geram efeitos e riscos para nossa sociedade. A tecnologia gera efeitos positivos se forem consideradas a acumulação e a circulação de conhecimentos tão fundamentais à vida contemporânea. Todo desenvolvimento tecnológico envolve, no entanto, a dimensão de risco para a humanidade e são esses os aspectos enfatizados por Beck. São destacados os riscos de vida (gerados pelo desenvolvimento da indústria bélica e por seu poder de destruição), a destruição ecológica (em função da própria infraestrutura das indústrias de tecnologia e do aproveitamento de materiais do meio-ambiente pelas mesmas) e, por fim, os riscos de exclusão social que o desenvolvimento das novas tecnologias da informação pode criar.

#### **2.2.2.2**

#### **Giddens: a percepção individual dos riscos**

Giddens (1995) discute o conceito de sociedade de risco, dando maior ênfase à percepção que cada membro de nossa sociedade tem dos riscos globais e às formas como modificam seus valores e seus laços de coesão social.

De seu ponto de vista, os homens da sociedade contemporânea estão tendo que construir e aprender novos valores, hábitos e tradições em função da nova referência social (a de humanidade). Segundo Giddens (1999), o mundo sempre enfrentou riscos, mas as soluções para os mesmos eram encontradas dentro da bagagem de tradição que recebíamos através da cadeia de gerações. Os atuais efeitos colaterais da modernização são, entretanto, distintos daqueles que outras gerações enfrentaram. Não temos experiências anteriores que nos orientem sobre o que fazer diante deles. Para conviver com isso, nos voltamos para as tradições acumuladas e para a rede de conhecimentos recentemente produzidos, refletindo sobre as mesmas e criticando-as.

O conceito de modernização reflexiva, em Giddens (1995), enfatiza, de forma análoga à de Beck, a crítica dos conhecimentos gerados num primeiro momento da Modernidade com vistas à construção de novas tradições e conhecimentos. Percebe-se, no entanto, uma diferença importante entre as definições desse conceito em Giddens e em Beck. Giddens considera que os homens contemporâneos podem adquirir a capacidade de refletir conscientemente sobre as condições sociais de sua existência e, assim, modificá-las. Nesse sentido, a modernização reflexiva envolve a reflexão sistemática e consciente sobre os conhecimentos científicos e cotidianos. Como foi discutido anteriormente, para Beck, essa reflexão é assistemática e, em grande medida, inconsciente.

A reflexão consciente sobre os conhecimentos, sobre as tradições e sobre os riscos de nossa sociedade é, para Giddens, favorecida pelo desenvolvimento acelerado das novas tecnologias da informação. A conexão do planeta através de uma poderosa rede de comunicação propiciou a circulação rápida de informações sobre riscos presentes nas mais diversas partes do globo, gerando um maior conhecimento dos mesmos por pessoas de todo o planeta. É essa condição tecnológica que o último autor dessa linha, o sociólogo Scott Lash, vai desenvolver em suas contribuições teóricas, como discuto a seguir.

### **2.2.2.3**

#### **Lash: a tecnologia como base da sociedade de risco**

Lash (1995a), como Giddens, considera que a modernização reflexiva envolve um olhar crítico, sistemático e consciente para os conhecimentos

modernos. Segundo ele, a base de sustentação que permite que a Modernidade tome, nesse momento, seus próprios conhecimentos como objeto de crítica é a tecnologia digital. Dessa ótica, a reflexividade é sustentada por um entrelaçamento de redes globais e locais de comunicação que disponibilizam os conhecimentos de forma nunca vista. Tanto a comunidade científica como a população leiga têm maior acesso aos conhecimentos produzidos e podem incrementar o raciocínio crítico e a reflexão. Através da rede global de comunicação, os conhecimentos acerca do mundo rompem as grades institucionais às quais se circunscreviam e tornam-se objeto de crítica e de reflexão generalizadas.

A modernização reflexiva relaciona-se, de seu ponto de vista, à qualificação e ao engajamento dos membros da sociedade nessa rede global de comunicação. O acesso à rede vem gerando, no entanto, novas exclusões sociais:

“O acesso a essas estruturas de informação e comunicação – que são desigualmente distribuídas tanto espacial quanto socialmente – é um fator cada vez mais fundamental na desigualdade de classe, raça e gênero no mundo atual.” (Lash, 1995b, p. 253)

Diferentemente de Giddens, Lash revela que, a despeito de discordar da ruptura entre Modernidade e Pós-modernidade, compartilha da crítica social pós-moderna. Para ele, apesar de o conhecimento estar disponível para as elites culturais que se tornam cada vez mais qualificadas, para a grande maioria da população a crítica e capacitação ainda permanecem distantes.

A seguir, abordo uma outra teoria que também analisa, embora de modo diferente, a conexão do globo em redes de informação: a da Revolução da Tecnologia da Informação, desenvolvida pelo sociólogo Manuel Castells.

### **2.2.3**

#### **A teoria da Revolução da Tecnologia da Informação**

A obra de Manuel Castells faz parte de um recente campo de teorias no qual o desenvolvimento das novas tecnologias de informação ocupa posição central. O marco desse tipo de raciocínio encontra-se nas idéias precursoras do teórico da comunicação Marshall McLuhan que, já nos anos de 1960, analisava as mudanças sociais criadas pelas tecnologias da mídia televisiva (ver McLuhan, 1962). No

início da década de 1980, McLuhan reafirmava sua sensibilidade para as grandes transformações geradas por novas tecnologias. Desta vez, seu olhar se voltava para as tecnologias da informática. Em 1986, sua última obra – *The Global Village: transformations in the world life and media in the 21st century* – inaugurava um campo de estudos dedicado à investigação dos impactos sociais que as novas tecnologias digitais começavam a criar.

A influência de McLuhan gerou frutos em diversas áreas do conhecimento. Na área da mídia, Douglas Rushkoff (1997) é considerado o autor que dá continuidade ao seu pensamento polêmico, analisando, da ótica das crianças, as características da vida digital. Na filosofia, Pierre Lévy (1995 e 1998) é um dos autores mais significativos, investigando as características de um novo estilo cultural: a cibercultura. Na informática, Philippe Breton (1987) e Nicholas Negroponte (1995) traçam o percurso histórico e cultural das tecnologias digitais.

É no campo das ciências sociais, no entanto, que encontramos a mais valiosa contribuição teórica sobre as novas tecnologias da informação: a extensa obra do sociólogo Manuel Castells, publicada em 1999, sobre a Revolução da Tecnologia da Informação. Em seus três volumes – *A sociedade em rede, O poder da identidade e Fim de milênio* –, Castells sistematiza a história dessas tecnologias, seus conceitos, seus paradigmas e seus impactos sociais. No que se segue, apresento alguns dos principais pontos de sua análise.

### **2.2.3.1**

#### **Castells: a sociedade em rede**

Castells (1999), tal como os autores da modernização reflexiva, analisa a sociedade contemporânea a partir de sua organização em uma rede global de informação. Diferentemente desses autores, contudo, pressupõe que estamos em meio a uma revolução histórica e não tão-somente diante de transformações sub-reptícias no interior da Modernidade:

“Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado. (...) As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.” (1999, p. 21-22)

Ao considerar que a sociedade contemporânea passa por uma revolução, Castells aproxima-se do conceito de ruptura dos teóricos da Pós-modernidade. Essa aproximação é, no entanto, limitada. Isso porque ele critica intensamente o uso do conceito de fragmentação pós-moderna, julgando-o uma renúncia à capacidade de entender o mundo e de agir sobre ele.

A compreensão das recentes mudanças mundiais é fornecida, em Castells, pelo paradigma tecnológico. As tecnologias da informação, diferentemente do que ocorre nas duas correntes teóricas descritas anteriormente, são minuciosamente definidas e discutidas, havendo, inclusive, uma análise histórica de seu surgimento e de sua penetração social.

Segundo Castells, as tecnologias da informação definem-se basicamente por sua convergência. Provenientes de campos disciplinares distintos, essas tecnologias formam hoje um conjunto integrado de instrumentos com o objetivo de coletar, processar, transmitir e reprogramar informações. As tecnologias que formam esse conjunto são as da eletrônica (circuitos, chips, etc.), da informática (hardware e software), das telecomunicações/rádiodifusão (satélites de comunicação, linhas de transmissão, etc.) e da optoeletrônica (como por exemplo, a fibra ótica).<sup>4</sup>

Castells argumenta que a análise desse conjunto convergente de tecnologias possibilita uma melhor compreensão da sociedade contemporânea. Para isso, ele expõe seis características do que chama de paradigma tecnológico.

A primeira refere-se ao papel que a informação – no sentido amplo de comunicação de conhecimentos – alcança na sociedade contemporânea. Para Castells, estamos testemunhando um ponto de descontinuidade histórica no qual a informação assume papel central, sendo a própria fonte de produtividade, ou seja, a matéria-prima de nossa sociedade. Passamos de um período em que a informação capacitava a sociedade para a atividade produtiva, para outro em que a atividade produtiva central é a própria transmissão da informação. Até a década de 1970, a informação agia sobre a tecnologia. Transmitiam-se conhecimentos sobre

---

4 Diferentemente de outros autores (Breton, 1987 e Lévy, 1990, por exemplo), Castells considera a engenharia genética uma tecnologia da informação. De seu ponto de vista, a genética, de modo análogo ao da informática, também manipula informações. A diferença entre esses dois campos está no tipo de informação que manipulam. Enquanto a engenharia genética atua sobre a matéria viva, a informática age sobre conhecimentos. Esta definição foge, no entanto, aos objetivos deste trabalho.



as etapas de transformação de matérias-primas em produto e sobre a utilização de tecnologias no processo produtivo. O recente desenvolvimento tecnológico, no entanto, converteu a capacidade de gerar informação em força produtiva direta. A partir de meados da década de 1970, não é a informação que age sobre a tecnologia. É a tecnologia que age sobre a informação.

A segunda característica diz respeito ao grau de penetração das tecnologias digitais. Como a informação é parte integral de toda atividade humana, todas as esferas da existência individual e coletiva são influenciadas diretamente pelas novas tecnologias da informação. Devido a essa extensiva penetração, participamos da formação de uma nova economia – nova, mas ainda capitalista – e de uma nova cultura. A tecnologia é fator constitutivo da nova organização econômica e social, sem que, no entanto, a isso se atribua um caráter determinista. Para Castells, a tecnologia molda a organização da sociedade e, retroativamente, é moldada pelo uso que a sociedade faz dela. Os membros de uma sociedade transformam-se ao adotar novas ferramentas tecnológicas mas, ao adotá-las, eles também as adaptam criativamente.

A terceira característica descrita por Castells é a lógica de redes presente no conjunto das relações sociais. A estrutura descentralizada – mas integrada – que molda as novas tecnologias da informação fornece uma morfologia que melhor se adapta à crescente complexidade das relações do mundo contemporâneo. A lógica de redes possibilita que visualizemos e estructuremos as novas mudanças da sociedade que, a princípio, são percebidas como não-estruturadas.

Em relação estreita com a lógica de redes, Castells define a quarta característica do paradigma tecnológico: a flexibilidade. A rede estrutura o não-estruturado, preservando sua flexibilidade. As organizações, instituições e relações sociais são, na contemporaneidade, processos reversíveis e dinâmicos que reverterem regras continuamente sem destruir sua estrutura.

Já a quinta refere-se à acima citada convergência de tecnologias em uma rede altamente integrada e inseparável, o que gera uma profunda interdependência de fatores na constituição de uma nova forma de organização social.

Por fim, a última característica do paradigma tecnológico é a da transformação das categorias de análise do mundo:

“A partir da observação dessas mudanças extraordinárias em nossas máquinas e conhecimentos, está havendo uma transformação tecnológica mais profunda: a das categorias segundo as quais pensamos todos os processos. (...) O paradigma da tecnologia da informação não evolui para seu fechamento como um sistema, mas rumo à abertura como uma rede de acessos múltiplos.” (Castells, 1999, p. 80-81)

Para Castells, os conhecimentos contemporâneos estão, em grande parte, baseados em novas categorias de análise que captam adequadamente os novos fenômenos. Esses conhecimentos são, além disso, abertos e complexos. Não temos, na atualidade, modelos conceituais fechados em sistemas definidos. Segundo ele, temos redes conceituais abertas, nas quais os conceitos têm “*acessos múltiplos*”. Diferentes redes se encontram umas com as outras, através de nós conceituais comuns, e também delas se afastam, através de outros nós divergentes.

Essas seis características do paradigma tecnológico levam Castells a propor o conceito de rede como categoria central para analisar a sociedade contemporânea. Ele argumenta que a morfologia da rede constitui nossa organização social, definindo os diferentes domínios da atividade e da experiência humanas. Reproduzo aqui um trecho dessa argumentação que, apesar de um pouco extenso, dá a dimensão da complexidade de seu raciocínio:

“Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos globais. (...) São campos de coca e de papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrissagem secretas, gangues de rua e instituições financeiras para lavagem de dinheiro, na rede de tráfico que invade as economias, sociedades e Estados do mundo inteiro. (...) A topologia definida por redes determina que a distância (ou intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente e mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede. (...) A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades.”(Castells, 1999, p. 498)

No conceito de rede está presente a noção de interdependência entre fenômenos e organizações sociais. A sociedade em rede inclui, também, a dimensão do consumo destacada pelos pós-modernos. As tecnologias da informação reestruturam as relações de poder, criando um emaranhado de fios no qual a informação é disputada como mercadoria e como fonte de dominação. As relações de inclusão/exclusão social são, no entanto, tratadas de forma mais

complexa do que na visão dos autores pós-modernos. Para estes, vale lembrar, enquanto uma elite se conecta à rede de consumo global, o restante da população permanece excluída. Embora, para Castells, a inclusão ou a exclusão em uma rede também sejam critérios de hierarquização social, o problema não é tão simples como o dualismo inclusão/exclusão pode fazer supor. Há que considerar também as relações entre as inúmeras redes sociais existentes. Podemos ser excluídos de uma rede e incluídos em outras. Podemos assumir, simultaneamente, diferentes posições de inclusão e exclusão em diferentes redes. É a arquitetura de relações entre diferentes redes que estrutura as complexas formas de dominação social vigentes nos dias de hoje.

Há, contudo, outros autores contemporâneos que discordam da nova estrutura social em rede proposta por Castells. O sociólogo Jean Baudrillard, por exemplo, afirma que não é possível vislumbrar nenhuma lógica de organização social na contemporaneidade. Apresento, a seguir, alguns pontos de vista defendidos por esse autor.

#### **2.2.4 A teoria do paradoxo**

Jean Baudrillard caracteriza-se por fazer uma crítica radical à sociedade contemporânea por meio de um discurso original, irônico, metafórico e paradoxal. Alguns exemplos pontuais – que não esgotam a totalidade de sua obra – ajudam a visualizar a consolidação desse estilo discursivo em seus trabalhos. Isso será feito a seguir.

Em 1968 – quando as transformações mundiais estavam apenas começando a acontecer –, Baudrillard publicava *O sistema dos objetos*. Nessa obra, sua crítica contundente à sociedade da época conciliava pontos de vista originais com reinterpretações de conceitos tradicionais da Lingüística, unindo criatividade e rigor acadêmico.

Com o tempo, as mudanças mundiais tornavam-se mais radicais e seus impactos na obra de Baudrillard mais profundos. Em 1984, por exemplo, o livro *América* abandonava o estilo acadêmico e relatava impressões pessoais de sua viagem aos Estados Unidos.

Na década de 1990, sua ruptura com a tradição científica da Lingüística e da Sociologia estava consolidada. Em *A ilusão do fim* (1992) e *Tela total* (1997), Baudrillard defendia novas idéias a respeito do mundo às vésperas de um novo século e tornava-se cada vez mais pessimista, ácido, contundente e metafórico.

Finalmente, em *Ilusão Vital* (2000), é possível acompanhar uma interessante exposição de Baudrillard a respeito de seu próprio estilo discursivo. Revelando sua intenção de levar o leitor – por meio de seu estilo radical – a repensar criticamente a atualidade, ele diz:

“(...) entramos num estado paradoxal – o estado de realidade demais, positividade demais, informação demais. (...) Para desafiar e enfrentar esse estado paradoxal das coisas, precisamos de um modo de pensar paradoxal; uma vez que o mundo ruma para o delírio, precisamos adotar um ponto de vista delirante. (...) e permanecer tanto quanto possível no lado enigmático, ambivalente e reversível do pensamento.” (Baudrillard, 2000, p. 74-75)

Não há dúvidas de que podemos identificar esse modo de pensar enigmático e provocador na obra de Baudrillard. Nesta, podemos identificar, ainda, uma narrativa complexa, que apresenta diferentes ângulos de análise para diversas questões do mundo contemporâneo. Por esses motivos, essa obra dificilmente se presta à síntese de suas idéias centrais ou à categorização dentro de outras correntes teóricas já conhecidas. Assim, no que se segue, apresento apenas uma das muitas possibilidades de interpretação das idéias de Baudrillard, concentrando-me em sua visão negativa da realidade contemporânea e em sua análise do papel das tecnologias digitais e da produção científica na atualidade.

#### **2.2.4.1**

##### **Baudrillard: o assassinato do real**

Baudrillard (1992 e 2000) considera que a velocidade e a simultaneidade dos acontecimentos atuais operam um ruptura de proporções históricas e destroem as principais categorias de análise que davam sentido ao mundo (linearidade, universalidade, progresso, etc.). De modo análogo ao dos teóricos pós-modernos analisados anteriormente, ele afirma que a realidade contemporânea tornou-se complexa e fragmentada. Para Baudrillard, contudo, não é possível encontrar, como tentam alguns autores pós-modernos (Jameson, Harvey e Bauman, por exemplo), uma outra lógica global para a análise da atualidade. De seu ponto de

vista, a realidade contemporânea, além de fragmentada, é também inapreensível e destituída de sentido.

Esta falta de lógica e de coerência é atribuída principalmente ao que Baudrillard chama de “*processo paradoxal de reversão, de um efeito reversivo da modernidade*” (1992, p. 22). Rompemos com a Modernidade mas, paradoxalmente, ainda estamos presos a ela. As regras modernas foram drasticamente destruídas e não mais organizam a vida contemporânea. Mas, em vez de olharmos para frente para criarmos novas regras que dêem sentido a uma época histórica também nova, olhamos retrospectivamente para a Modernidade, buscando reaproveitar os acertos e eliminar os erros da época moderna. Ou seja, continuamos utilizando o modelo moderno para dar sentido à realidade contemporânea.

É relativamente fácil reconhecer a semelhança deste raciocínio com o dos teóricos da modernização reflexiva examinados anteriormente. Recapitulando, tanto para Baudrillard, quanto para Beck, Giddens e Lash, não estamos simplesmente diante do fim da Modernidade. Ainda que rupturas significativas estejam ocorrendo, a sociedade contemporânea ainda está voltada para o passado em busca de soluções para antigos problemas.

A similaridade de pontos de vista é, contudo, apenas superficial. Isso porque, para os teóricos da modernização reflexiva, a reflexão sobre os efeitos positivos e negativos da modernização constrói uma realidade coerente (ainda que distinta da precedente), uma nova forma de organização social e um novo modo de desenvolvimento. Já para Baudrillard (1992 e 2000), a retomada das questões modernas nada tem a ver com a construção de um novo mundo. De seu ponto de vista, esta tentativa de refazer a História significa, tão-somente, uma “*crise de arrependimento*” (Baudrillard, 2000, p. 45) que busca consertar – e conseqüentemente anular – o passado, evitar o futuro e, com isto, criar a ilusão de uma nova realidade. A esse respeito, ele argumenta:

“De fato esta obsessão em reviver e fazer reviver tudo, esta neurose obsessiva, esta agressão à memória é equivalente ao desaparecimento da memória – um desaparecimento da História real (...) Isto resulta em transformar o próprio passado num clone, e congelá-lo numa imitação falsa que jamais lhe fará justiça.” (Baudrillard, 2000, p. 46)

E, mais adiante, continua:

“(…) a História se repete e se torna farsa. A falsa História apresenta-se como se estivesse avançando e continuando, quando na verdade ela está num colapso. O período atual oferece diversos exemplos desta forma baixa e exaurida de acontecimentos primários da modernidade. Eventos-fantasma, eventos-clone, eventos faux.” (p. 55-56)

Trechos como esses deixam claro seu descrédito diante da época atual. Mais do que isto, apontam sua tendência para desconsiderar o caráter de realidade de tudo o que hoje ocorre no mundo. A definição de realidade em Baudrillard (1997 e 2000) parece incluir somente o passado, seus acontecimentos e as antigas categorias então utilizadas para a análise do mundo. Aos acontecimentos da contemporaneidade, ele reserva novas categorias, como as de “simulacro”, “fantasma” e “clone”.

Estas novas categorias não se prestam, contudo, à construção de uma definição nova e positiva de realidade que identifique novas características para o viver contemporâneo. “Simulacro” e “clone” são categorias usadas para marcar o caráter negativo da realidade atual, destacando tão-somente a perda de suas antigas características. Uma das metáforas utilizadas por Baudrillard (2000) torna visível essa negatividade. Segundo ele, estamos assistindo à concretização de um crime perfeito: ao do “*assassinato do real*” (p. 67).

Este assassinato refere-se ao ato contínuo de fazer do mundo atual uma cópia – mais que perfeita – do mundo do passado. Eliminando deste último todos os conflitos, tensões e frustrações, criamos um mundo irreal que acaba por destruir o modelo que lhe serviu de inspiração. Sobre esse “clone” da realidade de outrora, Baudrillard (2000) diz:

“Nós nos movemos para um mundo onde tudo o que existe como idéia, sonho, fantasia ou utopia será erradicado, porque tudo isso será imediatamente realizado, operacionalizado. Nada sobreviverá como uma idéia ou como um conceito. Não haverá sequer tempo suficiente para imaginar. Acontecimentos reais, sequer terão tempo para se realizar. Tudo será precedido de sua realização virtual. Estamos lidando com uma tentativa de construir um mundo inteiramente positivo, um mundo perfeito, expurgado de toda ilusão, de toda espécie de mal e negatividade, isento da própria morte. Esta realidade pura, absoluta, esta realização incondicional do mundo – é isto que eu chamo de Crime Perfeito.” (2000, p. 73)

Sem poupar críticas às mais diversificadas esferas dessa falsa realidade, Baudrillard é, no entanto, especialmente contundente e negativista quando fala das novas tecnologias digitais. Sua análise dos impactos dessas tecnologias sobre a

atualidade aborda diferentes conseqüências sociais geradas por sua recente difusão. É possível perceber, no entanto, que todas as conseqüências apontadas são negativas e correspondem à perda de antigas características de nossa sociedade. Detenho-me no exame de quatro destas conseqüências.

A primeira refere-se à perda capacidade crítica da sociedade contemporânea devido ao excesso de informações disponibilizadas pela rede mundial de computadores. Para Baudrillard (1997 e 2000), este excesso – por ser superior à capacidade humana de absorção e elaboração – tem um efeito social paralisante, ou seja, torna os membros de nossa sociedade incapazes de oferecer qualquer oposição ou resistência aos rumos do mundo atual.

Já a segunda conseqüência relaciona-se à impossibilidade dos diferentes tipos de discursos sociais fornecerem sentido à realidade contemporânea. Segundo Baudrillard (2000), as ricas e complexas linguagens “naturais” perderam o confronto com as novas linguagens computacionais. Simplificadas ao extremo pelo processamento digital e esvaziadas de sua dimensão simbólica, as linguagens “naturais” teriam, então, se tornado ineficazes em suas funções de interpretação da realidade e de intervenção social.

À perda das capacidades crítica e discursiva de nossa sociedade, Baudrillard (1997 e 2000) acrescenta a perda da capacidade de organização dos acontecimentos em curso. Esta é a terceira conseqüência que a penetração das tecnologias da informação traz ao nosso cotidiano. De sua ótica, a circulação de informações em tempo real abole o distanciamento temporal entre a percepção de um acontecimento e de outro ou entre o recebimento de uma informação e de outra. Sem o intervalo de tempo necessário à elaboração de um encadeamento seqüencial dos acontecimentos, os membros de nossa sociedade – imersos na simultaneidade – estariam impossibilitados de organizar a realidade, percebendo-a, então, como caótica.

Finalmente, a quarta e última conseqüência diz respeito à ilusão de liberdade que vigora na sociedade contemporânea. Segundo Baudrillard (2000), a profusão de informações que circulam pela rede internacional de computadores dá a impressão de que construímos nossos pontos de vista sem censuras ou barreiras. Ainda segundo ele, essa ilusão cairia por terra ao nos darmos conta de que tudo o que circula na Rede é pré-estabelecido, limitado e tendencioso, guiando de forma sutil nossas escolhas e julgamentos.

Para resumir, a perda da liberdade, da crítica, da eficácia simbólica da linguagem e da capacidade de organização do mundo são algumas das conseqüências atribuídas por Baudrillard ao acelerado desenvolvimento das tecnologias da informação. Estas são tão graves e profundas que tornam possível identificar as tecnologias digitais como as principais responsáveis pelo “assassinato do real” do qual nos fala Baudrillard. A nova “realidade virtual” criada por essas tecnologias estaria, de sua ótica, exterminando o real por meio de um excesso de informações caóticas e incoerentes, criando uma nova – mas falsa – realidade e, finalmente, tornando o mundo incompreensível aos nossos olhos.

Nem mesmo a produção de novos conhecimentos científicos seria eficaz na tentativa de tornar o mundo mais inteligível. Segundo Baudrillard, “*o conhecimento não é mais logicamente possível*” (2000, p. 81). Os pressupostos que guiam a produção científica não captam a fragmentação contemporânea, nem tampouco lhe dão sentido. O caos no qual estamos imersos suporta todo o tipo de interpretação científica, mesmo as mais contraditórias. E quando tudo pode explicar tudo, nada explica nada.

Baudrillard (2000) aponta, contudo, uma possível (mas pouco provável) saída para esses dias tão difíceis. De seu ponto de vista, não devemos – na qualidade de intelectuais – tentar dar fim ao caos contemporâneo através da busca de sentido para a realidade em que vivemos. Ao contrário, devemos forçar a falta de sentido através de uma produção científica que explore radicalmente a irracionalidade, a ironia e a ininteligibilidade. Estaríamos, assim, deixando de “reeditar” o passado e de evitar o fim dos tempos. Ainda de seu ponto de vista, seria somente chegando a esse fim tão temido por nós que poderíamos ter um novo – e real – começo. Defendendo a construção de um novo papel para a produção científica contemporânea, Baudrillard conclui:

“A única justificativa para pensar e escrever é que isto acelera estes processos terminais. Aqui, além do discurso da verdade, reside o valor poético e enigmático do pensamento. Pois diante de um mundo que é ininteligível e problemático, nossa tarefa é clara: precisamos tornar este mundo ainda mais ininteligível, ainda mais enigmático.” (Baudrillard, 2000, p. 89)



### 2.3

#### **Um novo contexto de produção científica: um convite à análise do campo da psicologia clínica**

Por meio da análise feita nas seções antecedentes, foi possível acompanhar a ruptura que autores representantes das quatro correntes teóricas examinadas vêm efetuando – com maior ou menor intensidade – em relação às formas tradicionais de produção de conhecimento científico. Ao priorizar as tecnologias da informação como eixo principal de minha análise, foi possível perceber, ainda, o papel fundamental que a difusão dessas tecnologias desempenha nos novos rumos da produção científica contemporânea.

Vimos, por exemplo, que a Internet – ao facilitar o intercâmbio na comunidade acadêmica mundial – modificou radicalmente a relação dos cientistas com suas formas tradicionais de produzir conhecimento. Para alguns – como, por exemplo, para Vattimo, Lash e Castells –, o acesso a um volume impressionante de produções oriundas de diferentes partes do mundo tornou o pensamento científico mais crítico, relativizado e baseado em novas categorias de análise. Já para outros – aqui representados por Baudrillard –, o excesso de informações fez com que a produção de saber alcançasse um estágio de irracionalidade, de falta de lógica e de crítica. Ainda que com pontos de vista divergentes, todos parecem concordar que a difusão das tecnologias digitais na vida acadêmica criou novas e diferentes formas de fazer ciência.

Foi possível constatar, também, que a penetração dessas tecnologias nas diferentes esferas da atividade humana vem gerando transformações drásticas em cada uma das incontáveis dimensões da vida no mundo atual. Os diferentes campos da ciência deparam-se com o desafio de desvendar desconhecidos fenômenos que compõem um novo cotidiano e de criar um também novo conjunto de conhecimentos que lhes dê sentido.

Toda essa discussão resgata o caráter provisório, historicamente datado e socialmente determinado de todo conhecimento científico. Enquanto vivíamos um período de longa estabilidade no mundo, criamos a ilusão de que nossos conhecimentos eram definitivos e que as categorias de análise de que dispúnhamos eram suficientes e eficazes para compreender tudo o que acontecia (ou viria a acontecer) na vida cotidiana. Como vimos, um novo cenário mundial – permeado por novas tecnologias – vem derrubando essa ilusão e impondo a

emergência de um novo contexto de produção científica. Observamos, finalmente, que já é possível (ao menos em algumas áreas científicas) perceber os primeiros resultados desse esforço para aceitar a dúvida e o desconhecimento e – com ousadia e criatividade – identificar a emergência do novo.

Esse recente contexto de produção científica convida-me, inevitavelmente, a refletir sobre o que pode estar acontecendo em minha área específica de investigação: a da psicologia clínica. Como esta área da psicologia vem lidando com as radicais transformações mundiais introduzidas pelo desenvolvimento das tecnologias da informação? Que efeitos a difusão dessas tecnologias na vida cotidiana pode estar gerando sobre a produção de conhecimentos da psicologia clínica? No capítulo que se segue, tento responder a essas perguntas. Para tanto, afasto-me da visão panorâmica do contexto científico contemporâneo e passo a examinar a recente produção da psicologia clínica sobre as novas tecnologias digitais e, em particular, sobre a Internet.

### 3

## Psicologia clínica e Internet: por que essa inusitada aproximação? <sup>1</sup>

No capítulo anterior, foi possível analisar o atual contexto de produção científica e observar o quanto, em diferentes áreas do conhecimento, a elaboração de novos trabalhos vem sendo impulsionada pelo acelerado desenvolvimento tecnológico das últimas décadas. A partir disto, foi proposto o exame do campo da psicologia clínica, de sua recente produção sobre as tecnologias digitais e, em particular, sobre a Internet. Este é o objetivo do presente capítulo e, para tanto, divido-o em quatro seções.

Na primeira, intitulada “*A psicologia em questão*”, apresento a definição de psicologia clínica utilizada neste trabalho. Isto porque, as diversas e, muitas vezes, contraditórias definições dadas a esta área da psicologia moldam o tipo de olhar que lançamos sobre sua produção. E, vale lembrar, diferentes olhares dão origem a análises também muito distintas do objeto a ser investigado.

Já na segunda, que batizei de “*Compreendendo o inusitado: a psicologia clínica e as tecnologias da informação*”, discuto as razões pelas quais a psicologia clínica começa a se interessar pelas novas tecnologias da informação e, mais especificamente, pela Internet. Dado que, tradicionalmente, os psicólogos clínicos não se interessavam por questões tecnológicas, devemos refletir sobre esse inusitado interesse, tentando compreender suas origens.

Já na terceira, “*A recente produção da psicologia clínica sobre a Internet*”, exponho, em seqüência cronológica, o conjunto de trabalhos psicológicos sobre a Rede.

---

<sup>1</sup> Parte do conteúdo deste capítulo deu origem ao artigo “Psicologia clínica e informática: por que essa inusitada aproximação?”, escrito em co-autoria com Ana Maria Nicolaci-da-Costa e publicado, em 2002, na revista *Psicologia Clínica*.

Finalmente, na quarta seção, intitulada “*Identificando uma lacuna: prática clínica e Internet*”, chamo a atenção para a falta de trabalhos de psicólogos clínicos que discutam os impactos da difusão da Internet sobre o cotidiano dos atendimentos psicoterápicos contemporâneos.

Uma vez esclarecidos os passos adotados para o encaminhamento dos objetivos deste capítulo, volto-me, finalmente, para o desenvolvimento das discussões propostas.

### **3.1 A psicologia clínica em questão**

Há, na psicologia, diferentes e contraditórias definições a respeito de quais seriam as características e objetivos tanto do campo psicológico em geral, quanto da psicologia clínica em particular. Nesta seção, detenho-me em duas destas definições, a partir de uma brevíssima exposição dos pontos de vista de dois autores que, embora não sejam oriundos do campo “psi”, são importantes referências para a discussão do estatuto da psicologia como ciência. Refiro-me, aqui, às posições de Georges Canguilhem e de Michel Foucault.

Dado que a definição de psicologia clínica utilizada neste trabalho está baseada na posição adotada por Foucault, a exposição de seus pontos de vista será um pouco mais extensa que a de Canguilhem. Considero, entretanto, que a posição deste último deve ser pontuada para enfatizar que a definição de psicologia clínica adotada neste trabalho está longe de ser unânime no campo “psi”. Passemos, então, à exposição destas duas posições.

Georges Canguilhem, em seu clássico artigo “Qu’est-ce que la psychologie?” (1968), afirma que a psicologia não apresenta um projeto científico unificado. Segundo ele, interesses e objetivos muito distintos deram origem a vários projetos independentes e divergentes (como, por exemplo, o de alinhamento da psicologia às ciências naturais e o de criação de uma ciência do comportamento, entre outros). Teríamos tantas “psicologias” quanto o número de projetos existentes. Cada uma destas, em função de seus objetivos, definiria um determinado domínio de problemas, um objeto de estudo específico e procedimentos metodológicos particulares. Conseqüentemente, os conhecimentos produzidos pelas diversas “psicologias” seriam qualitativamente distintos e não

poderiam ser examinados em conjunto. A fragmentação seria, assim, a característica básica do campo psicológico.

A partir desta definição de Canguilhem – que enfatiza a multiplicidade de projetos para a psicologia em geral –, é possível argumentar que cada uma das diversas especialidades psicológicas absorve tal multiplicidade e, em decorrência disto, também não apresenta um projeto único que a defina. Desta ótica, a área da psicologia clínica, foco deste trabalho, também seria um campo de conhecimentos fragmentado. Cada uma de suas inúmeras abordagens teórico-práticas<sup>2</sup> teria objetivos muito distintos e projetos inconciliáveis, o que exigiria uma análise compartimentada de seus trabalhos. Em outras palavras, não seria possível detectar, em meio à tamanha heterogeneidade, características comuns às diferentes abordagens clínicas, de modo a definir um projeto científico único para a psicologia clínica.

Há, contudo, como já foi assinalado, posições divergentes, nas quais se considera possível identificar um domínio de investigação comum que engloba as diferentes concepções, tanto da psicologia em geral, quanto da psicologia clínica em particular. Michel Foucault, por exemplo, considera que as diferentes formas de fazer e pensar psicologia reúnem-se em torno de um projeto comum. No que se segue, serão brevemente discutidos alguns pontos da obra de Foucault, nos quais são definidas as principais características deste projeto.<sup>3</sup>

Em “A psicologia de 1850 a 1950” (1957), Foucault analisa diferentes modelos existentes na psicologia deste período. Destaca que, ao contrário do que poderíamos ser levados a supor, as contradições entre seus objetivos e postulados, em vez de gerarem sua fragmentação, impulsionaram a construção de um projeto científico que diferenciou a psicologia de outras áreas da ciência. De sua ótica, o

---

<sup>2</sup> Entendo por abordagens da psicologia clínica as diferentes formas que esta área da psicologia encontra para interpretar o homem – seu objeto de estudo – e para nele intervir. Considero que cada uma dessas abordagens apresenta um corpo teórico particular e, articulado a este, uma determinada modalidade de prática terapêutica (com técnicas e enquadramento específicos). As abordagens psicanalítica, cognitivo-comportamental, existencial-humanista e gestáltica são alguns de seus exemplos mais conhecidos. No que se segue, refiro-me a essas abordagens simplesmente como *abordagens clínicas*.

<sup>3</sup> Diferentes trabalhos de Foucault dão subsídios para pensarmos o projeto científico da psicologia. A obra *As palavras e as coisas* (1966), por exemplo, examina as condições de surgimento das ciências humanas em geral. Já *O nascimento da clínica* (1963), ao tratar do desenvolvimento do método clínico na medicina, fornece elementos para a reflexão sobre o uso deste método na psicologia clínica. Em meu trabalho, no entanto, concentro-me nos artigos que tratam exclusivamente da constituição e consolidação da psicologia como campo de conhecimento, a saber, “A psicologia de 1850 a 1950” (1957) e “Filosofia e Psicologia” (1965).

confronto de diferentes idéias e pressupostos criou, pouco a pouco, o caminho para que a psicologia descobrisse seu próprio estilo, a especificidade de seu objeto de estudo e, portanto, o seu projeto como ciência independente.

Ainda segundo Foucault (1957), este projeto gerou uma nova maneira de observar a existência humana. A esse respeito, ele diz:

“(…) trata-se de retomar um exame mais rigoroso da realidade humana, ou seja, mais de acordo com sua medida, mais fiel às suas características específicas, mais apropriado a tudo o que, no homem, escapa às determinações de natureza. Tomar o homem, não no nível desse denominador comum que o assimila a todo ser vivente, mas no seu próprio nível, nas condutas nas quais se exprime, na consciência em que se reconhece, na história pessoal através da qual ele se constituiu”. (p. 127)

Dando prosseguimento à sua argumentação, Foucault afirma que esse novo olhar psicológico sobre o homem voltou-se, sobretudo, para a identificação de seus sofrimentos, patologias e conflitos. Assim sendo, a psicologia seria, em sua origem:

“(…) uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, uma reflexão sobre as contradições do homem consigo mesmo. E se ela se transformou em uma psicologia do normal, do adaptativo, do organizado, é de um modo segundo, como que por um esforço para dominar essas contradições”. (p. 123-124).

Para conhecer o homem tal como este percebe sua história de existência no mundo, seus sofrimentos e seus conflitos, a psicologia inaugurou, também, uma nova relação com a prática. No projeto psicológico, ressalta Foucault (1957), as questões de estudo foram formuladas a partir dos problemas suscitados pela prática junto a homens concretos, seja na escola, no trabalho ou no contexto dos atendimentos psicoterápicos. Isto é, somente através de um *“laço apertado e constante com a prática”* (Foucault, 1957, p.123), os psicólogos de diferentes áreas puderam se aproximar dos homens e conhecer de perto suas dificuldades. Assim, esses profissionais transformaram as práticas psicológicas em fonte privilegiada de investigação, delas retirando a matéria-prima para a construção dos conhecimentos da psicologia.

Em poucas palavras, em *“A psicologia de 1850 a 1950”* (1957), Foucault define o projeto que une os diferentes modelos psicológicos como a construção de conhecimentos sobre um homem concreto, sobre seus conflitos, sofrimentos e patologias. Este projeto define-se, ainda, como a tentativa de, através de diferentes

práticas psicológicas, *“reapreender o homem como existência no mundo e caracterizar cada homem pelo estilo próprio a essa existência”* (Foucault, 1957, p. 138).

Há, no entanto, outras informações complementares a respeito deste projeto em *“Filosofia e Psicologia”* (1965), transcrição de uma entrevista concedida por Foucault a Alain Badiou. Nesta, Foucault retoma suas discussões sobre a heterogeneidade da psicologia e sobre a influência de suas diversas práticas em seu projeto científico. Dentre as muitas questões colocadas ao longo desta entrevista, detenho-me em duas, que são particularmente relevantes para a presente discussão.

A primeira diz respeito aos objetivos terapêuticos das diferentes práticas psicológicas. Uma frase de Foucault expõe com clareza esses objetivos que, no artigo anteriormente analisado, ainda não haviam sido apontados: *“Toda psicologia é uma pedagogia, toda decifração é uma terapêutica, não se pode saber sem transformar”* (1965, p. 205). Como esta breve afirmação sugere, além de fonte privilegiada de investigação dos conflitos humanos, as diferentes práticas psicológicas sempre visaram algum tipo de intervenção e de transformação. Em outras palavras, o projeto da psicologia buscou não somente conhecer de perto homens concretos, mas também neles intervir, ajudando-os na difícil tarefa de lidar com as dificuldades de suas vidas.

Já a segunda questão refere-se à contextualização histórica do surgimento da psicologia. Para Foucault, o projeto psicológico tornou-se possível somente no início do século XIX, a partir das radicais alterações pelas quais o mundo passou naquela época. Para compreendê-las, um novo contexto científico surgiu e novos projetos científicos tiveram lugar. Um destes foi o da psicologia, que buscou compreender os problemas que os homens e mulheres do século XIX enfrentaram quando suas antigas referências foram drasticamente destruídas e uma nova realidade introduziu, para eles, novas formas de viver, de agir e de sentir. Em decorrência destas abruptas transformações, uma nova organização subjetiva, batizada de diferentes nomes – “indivíduo”, “sujeito moderno”, “homem

psicológico”, etc. – começou a ser construída e tornou-se objeto de estudo da psicologia.<sup>4</sup>

Desta perspectiva histórica, o projeto psicológico não representou somente, como Foucault havia dito, uma *nova* forma de conhecer o homem. Representou também – e sobretudo –, como ele acrescentou, uma *nova* forma de conhecer *um novo e desconhecido homem*. Transcrevo, em seguida, um trecho da entrevista de Foucault, que sintetiza suas principais idéias a esse respeito:

“[A. Badiou] Mas, então, se o termo psicologia aceita aspectos tão diferentes, qual é o sentido comum a esses aspectos? Haverá uma unidade da psicologia?”

[Foucault] Sim, se admitirmos que, quando um psicólogo estuda o comportamento de um rato em um labirinto, o que ele busca é a forma geral de comportamento que poderia valer igualmente para um rato e para um homem: *trata-se sempre daquilo que se pode saber do homem*.

[A. Badiou] Então o senhor aceita que se diga: o objeto da psicologia é o conhecimento do homem e as diferentes ‘psicologias’ são igualmente tantos meios para esse conhecimento?

[Foucault] Sim, no fundo eu admitiria sem ousar muito dizê-lo porque isso parece demasiado simples ... Mas é muito menos simples se pensarmos que, *no início do século XIX, apareceu esse projeto muito curioso de conhecer o homem*. Aqui se encontra, provavelmente, um dos fatos mais fundamentais na história da cultura européia porque, se de fato existiram, nos séculos XVII e XVIII, livros que se chamavam ‘Tratado do homem’ ou ‘Tratado da natureza humana’ eles não tratavam absolutamente do homem como nós o fazemos quando fazemos psicologia.” (Foucault, 1965. p. 206-207, minhas ênfases)

Em resumo, para Foucault, a partir do século XIX, um “*projeto muito curioso de conhecer o homem*” (1965, p. 206) começou a ser construído pela psicologia, visando identificar as características de uma nova organização subjetiva e criar práticas que ajudassem os homens a enfrentar as conseqüências geradas por um novo estilo de vida. Para tanto, diferentes áreas da psicologia se estruturaram (a psicologia clínica, a escolar, a do trabalho, entre outras), definiram

<sup>4</sup> Outros importantes teóricos analisaram em profundidade as transformações sociais e humanas ocorridas no século XIX. Para tanto, privilegiaram diferentes ângulos de análise.

Na sociologia, por exemplo, Durkheim (1897/1982), Nisbet (1966) e Simmel (1902/1987) oferecem análises muito ricas dessas transformações, tomando a Revolução Industrial e o papel desempenhado por uma nova tecnologia (a das máquinas a vapor) como ponto de partida para a compreensão das radicais mudanças que a vida humana sofreu no século XIX. Assinala-se, aqui, uma importante diferença entre essas análises e as de Foucault. Enquanto esses sociólogos privilegiam uma tecnologia como categoria de análise, Foucault prioriza as alterações no contexto científico da época para desenvolver suas idéias acerca do surgimento da psicologia como ciência (a esse respeito ver, também, Foucault, 1966).

Já no campo psicológico, Figueiredo (1986 e 1992) examina minuciosamente as diferentes influências históricas em jogo na constituição do espaço psicológico. Embora adote um raciocínio bem distinto do de Foucault, esse autor também considera que a heterogeneidade que caracteriza a psicologia não exclui a existência de um projeto científico comum aos seus diferentes modelos.



interesses e campos de atuação específicos, bem como forneceram diferentes interpretações da existência humana.

Finalmente, a partir da breve discussão das idéias de Foucault sobre a psicologia em geral, parece-me possível considerar que, de modo análogo a esta, a psicologia clínica também apresenta um projeto comum às suas diferentes abordagens. Com suas raízes históricas no projeto científico da psicologia, a área da clínica também se constituiu a partir da necessidade de conhecer a nova organização subjetiva que emergiu das profundas transformações ocorridas no século XIX e no início do século XX. Como uma área específica da psicologia, concentrou-se na investigação das patologias, dos sofrimentos e dos conflitos humanos e na criação de práticas psicoterápicas que auxiliassem os seres humanos a melhor lidar com suas dificuldades. Em torno deste projeto comum, diferentes abordagens clínicas se consolidaram. Contudo, a despeito das diferenças e especificidades que apresentam, todas elas demarcam os contornos de um domínio particular de investigação: o território do conflito subjetivo. Demarcam, ainda, um domínio específico de intervenção: o das práticas psicoterápicas.

A partir desta definição, considero, portanto, ser possível, ao longo deste trabalho, referir-me à área da psicologia clínica no singular, sem desconsiderar as especificidades de suas diferentes abordagens clínicas. Assim, tendo em mente o projeto comum que une estas diferentes abordagens, passo, no que segue, ao exame das razões pelas quais *a psicologia clínica* começa a se interessar pelas novas tecnologias da informação e, mais especificamente, pela Internet.

### **3.2** **Compreendendo o inusitado: a psicologia clínica e as tecnologias da informação**

Um pouco de história pode ser um recurso particularmente útil para compreendermos o que está levando a psicologia clínica a investigar uma área – a das tecnologias digitais – tão distante de seu tradicional domínio de estudos. Com bastante frequência, revisitando o passado, conseguimos dar sentido a acontecimentos que, atropelados pelo ritmo veloz da história, nos pareciam sem importância, ou que simplesmente não eram percebidos por nós. Por isto, mesmo com as falhas resultantes do fato de não ser uma historiadora, proponho um breve e desprezioso passeio por alguns marcos da história das tecnologias da

informação, explorando a participação (ou a ausência) da psicologia clínica neste percurso.

Esta brevíssima história será dividida em dois episódios. O primeiro diz respeito ao desenvolvimento dos computadores e da Internet nos Estados Unidos, país que sempre ocupou uma posição de ponta na área da informática. Já o segundo, refere-se à versão brasileira desta história, ou seja, à maneira pela qual os computadores e a Internet chegaram ao Brasil e aqui vêm se difundindo.

### **3.2.1 O contexto norte-americano**

É sabido que os Estados Unidos desempenharam – e ainda desempenham – o papel de protagonista na história das tecnologias digitais. Neste país, foi dada a partida ao desenvolvimento dessas tecnologias e, em diferentes épocas, foram definidos os rumos que sua história iria tomar.<sup>5</sup>

É possível demarcar três períodos básicos nesta história, períodos esses que correspondem ao desenvolvimento de três diferentes tecnologias: a dos computadores de grande-porte, a dos microcomputadores e a da Internet. Vejamos alguns dos principais marcos desses três períodos.

#### **3.2.1.1 As décadas de 1940, 1950 e 1960**

Do início dos anos de 1940 ao final dos anos de 1960, cientistas concentraram seus esforços na criação dos primeiros computadores para fins prioritariamente militares. Segundo o engenheiro e pesquisador da história da informática Philippe Breton, os cientistas que criaram esses computadores desejavam construir máquinas que reproduzissem os processos lógico-formais do pensamento humano, contando, para isto, com a colaboração de psicólogos cognitivos e de outros especialistas. Apesar de suas grandes proporções, os

---

<sup>5</sup> Para narrar brevemente a história dessas tecnologias no contexto norte-americano, utilizo, como referências, as análises de Breton (1987) e de Castells (1999) a esse respeito. Nestas, além do papel central desempenhado pelos Estados Unidos, é possível notar, secundariamente, a importância de alguns países europeus nessa história, notadamente da Inglaterra, da França e da Suíça. O contexto europeu não será, no entanto, abordado neste trabalho.

primeiros computadores eram máquinas projetadas com o objetivo de funcionar como “*um modelo reduzido do cérebro humano*” (Breton, 1987, p. 124).<sup>6</sup>

Duas décadas mais tarde, uma curiosa participação da psicologia clínica quebrava temporariamente a austeridade desse objetivo. Em 1966, Joseph Weizenbaum e Kenneth Colby – psicoterapeutas e pesquisadores do Massachusetts Institute of Technology (MIT) – apresentavam o programa “ELIZA”, que simulava uma relação psicoterápica.<sup>7</sup>

Esse programa não tinha, contudo, qualquer finalidade terapêutica. Havia sido criado com o propósito de tornar evidentes as limitações das pesquisas em inteligência artificial. Com ele, buscava-se apontar as dificuldades de reproduzir, em um computador, sentimentos e conflitos humanos, bem como esclarecer que as relações entre homens (neste caso, entre terapeutas e pacientes) são muito diferentes – e muito mais sofisticadas – do que a relação homem-computador. Embora represente apenas uma participação episódica da psicologia clínica no desenvolvimento dos primeiros computadores, a criação do “ELIZA” sugere o quanto esta área da psicologia parecia não se identificar com os rumos iniciais da história da informática.

Os profissionais da psicologia clínica norte-americana não eram, contudo, os únicos a permanecerem distantes das novas tecnologias em desenvolvimento. As finalidades militares e o contexto político da época (marcado consecutivamente pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra Fria) faziam com que quase toda população americana fosse mantida à distância. Tudo era cercado de muito sigilo e as poucas informações que vazavam – mistura de realidade e fantasia – incutiam o medo em grande parte dessa população. Temia-se o poder de destruição dessas novas máquinas e o controle que estas poderiam exercer sobre as pessoas.

---

<sup>6</sup> Desenvolvida nos E.U.A., em 1946, a primeira máquina desse tipo – o ENIAC – pesava 30 toneladas e tinha em torno de 3 metros de altura (sobre este projeto, ver Breton, 1987).

<sup>7</sup> Restrito a uso experimental, esse programa continha informações sobre a sintomatologia da depressão e simulava a figura de um psicoterapeuta. Um usuário, no papel de um paciente, interagia com o computador, respondendo a perguntas que a máquina lhe fazia sobre seu quadro depressivo e endereçando ao computador perguntas sobre o assunto. Obviamente, as perguntas e respostas da máquina eram muito simples e limitadas aos dados que os psicólogos-programadores haviam introduzido previamente no programa (sobre o “ELIZA”, ver Turkle, 1995).

Em resumo, as décadas de 1940, 1950 e 1960 foram marcadas pelo medo, pelo pessimismo e pela desconfiança gerados pelo pouco que se sabia e pelo muito que se imaginava a respeito dessas grandes máquinas pensantes.

### **3.2.1.2**

#### **De 1970 a meados da década de 1980**

A partir da década de 1970, a aura de sigilo que cercava os computadores começou a se dissipar. O predomínio dos objetivos militares no desenvolvimento das ciências da computação foi abalado e a comercialização dos computadores no mercado civil passou a ser um objetivo central.

Os esforços da informática concentraram-se, então, na adaptação dos computadores para fins de comercialização. Buscavam-se três mudanças básicas. A primeira referia-se à redução de seus custos de fabricação para torná-los mais atraentes no mercado. A segunda dizia respeito à adaptação de seus programas para as necessidades de novos clientes (geralmente grandes empresas). Já a terceira estava voltada para a miniaturização dessas máquinas de modo a facilitar seu uso nos mais diferentes ambientes.

Tais esforços levaram à criação de um novo tipo de equipamento: o microcomputador. De proporções bem menores que as primeiras máquinas construídas, mais barato e com novos programas, o microcomputador tornou-se o responsável pela entrada da informática em sua bem-sucedida era comercial.

No início dos anos de 1980, o uso dos microcomputadores já estava difundido, pelo menos na esfera profissional. Por meio de suas atividades profissionais, a população norte-americana já estava se aproximando das novas tecnologias digitais, conhecendo um pouco melhor seu funcionamento e suas possibilidades de uso.

Esta aproximação despertaria a curiosidade da psicóloga Sherry Turkle. Em 1984, esta publicava *The second self: computers and the human spirit*, livro que é visto como o precursor das investigações da psicologia clínica sobre os impactos subjetivos das tecnologias da informação, que tomariam impulso somente em meados da década de 1990. Neste, eram discutidas as conseqüências subjetivas da difusão dos computadores na esfera profissional.

No que diz respeito às reações da população norte-americana em geral, a aproximação homem-computador, nessa primeira metade da década de 1980, tinha uma outra consequência. Desfazia a aura de mistério que cercava o uso dos computadores e gerava um abrandamento do medo e do pessimismo que caracterizaram as décadas anteriores.

### **3.2.1.3 De 1985 aos dias de hoje**

Em meados dos anos de 1980, a história dos computadores dava uma nova guinada. Nesta época, encontrava-se nos estágios finais de desenvolvimento uma tecnologia que iria impactar o mundo, penetrar praticamente em todas as áreas da atividade humana e interligar computadores do mundo inteiro. A Internet estava prestes a se tornar acessível ao grande público.

Tendo suas origens, ainda na década de 1960, quando uma rede de computadores – a Arpanet – foi implantada para fins militares e científicos, foi somente a partir de 1990 que a Internet rompeu os muros militares e acadêmicos e se difundiu junto à população norte-americana (sobre isso, ver Castells, 1999).

Neste ano, entrou em operação o primeiro provedor de acesso comercial à Rede nos Estados Unidos. Também em 1990, surgiu a World Wide Web (WWW) que revolucionou radicalmente a já revolucionária Internet. Tornando mais rápido, fácil e diversificado o acesso a todo tipo de informação, a Web popularizou velozmente o uso da Internet. A partir de sua criação, o número de pessoas que conectam seus computadores à Rede não pára de crescer. Também não cessam de aparecer melhores recursos de navegação e novas formas de se conectar à Internet (como, por exemplo, via telefone celular, dispensando o uso de computadores).

A partir da década de 1990, milhões de pessoas adquiriram o hábito de trabalhar utilizando os recursos da Rede. Além disto, impulsionadas pela curiosidade, essas milhões de pessoas passaram a consumir várias de suas preciosas horas de descanso desbravando as novas e instigantes possibilidades de lazer on-line. Começaram a ter experiências inéditas e intensas, associadas, principalmente, a duas atividades: a pesquisa e o bate-papo.

Pesquisar, sem compromisso, informações a respeito de qualquer assunto tornou-se uma diversão excitante. Navegar sem destino pelas páginas da Rede

significou, para muitos, abrir as portas de sua vida para um fantástico e incomensurável mundo de informações sobre diferentes culturas, anteriormente obtidas somente por meio de muito esforço. *Poder conhecer praticamente tudo* facilmente tornava-se *querer conhecer tudo* e muitos mostraram-se insaciáveis.

O principal atrativo da Internet foi, no entanto, a conversa à distância nas salas de bate-papo (o chat). Muitas pessoas conectaram-se à Rede para saber como eram os chats e grande parte delas logo se tornou adepta das novas formas de relacionamento que ali eram criadas (contatos entre conhecidos fisicamente distantes, conversas pontuais com desconhecidos, amizades íntimas entre pessoas que nunca se viram, relações amorosas, sexo virtual, etc.). Em outras palavras, para um grande número de usuários, conectar-se à Internet queria dizer, simplesmente, *estar com pessoas* ou, mais exatamente, *teclar com elas*.

Essas novas experiências on-line despertaram encantamento e sentimentos profundos de liberdade e onipotência, desfazendo as pessimistas impressões que, como vimos, povoaram o imaginário popular nos primórdios do desenvolvimento dos computadores (recapitulando, estas se referiam ao medo de que essas máquinas destruíssem a humanidade ou cerceassem a liberdade individual). Esses novos sentimentos, por sua vez, geraram muitos excessos. Na Rede, tudo parecia poder acontecer livremente, sem os limites do mundo real. Para muitos, a vida on-line tornou-se uma válvula de escape para as pressões do cotidiano.

Cedo, porém, o medo retornou à cena, como que para equilibrar as coisas. Os excessos – tanto em relação às horas gastas on-line, quanto à auto-exposição a pessoas desconhecidas nas salas de bate-papo – deixaram claro que os usuários ainda não sabiam conviver com a ausência de limites e de regras características da nova vida digital. Bastante desorientados, esses usuários procuravam respostas para as muitas dúvidas que tinham a respeito de suas novas aventuras on-line.

Em resumo, nos E.U.A., a década de 1990 (principalmente sua primeira metade, que correspondeu à fase de popularização da Internet) caracterizou-se pelas novas experiências humanas na Rede. Do ponto de vista dos milhões de norte-americanos que começaram a se conectar à Internet, essa nova tecnologia, mais do que interligar computadores, conectou pessoas e criou novas formas de relacionamento entre elas. Tudo isso gerou sentimentos intensos e contraditórios (prazer, medo, sofrimento, euforia, etc.), todos muito difíceis de explicar, posto que acarretados pela exposição a uma nova realidade, a realidade virtual.

Esses primeiros passos dos seres humanos na realidade virtual indicam o caminho que aproximou dois territórios historicamente tão distantes: o da psicologia clínica e o da tecnologia digital. No final do século XX, *homens, mulheres e crianças tornaram-se usuários da Internet*. Nesta época, as novas experiências na Rede começaram a introduzir na população norte-americana novas formas de pensar, de se relacionar, de sentir e de sofrer. Ou seja, seres humanos estavam passando por transformações subjetivas de peso e apresentando novos problemas psicológicos. Despreparados para lidar com esse novo estado de coisas, esses seres humanos praticamente intimaram os profissionais da psicologia clínica a fornecerem respostas para as muitas dúvidas que tinham. Fazia-se necessário, portanto, entender, da ótica da psicologia clínica, o que a Internet significava, que experiências essa tecnologia estava propiciando e que impactos subjetivos vinham sendo gerados. Ou seja, tornava-se necessário que os psicólogos clínicos se aproximassem – eles próprios – da Internet para que pudessem responder às perguntas que os milhões de usuários lhes endereçavam.

Muitos psicólogos norte-americanos não se fizeram de rogados diante de tão inusitada situação e, a partir de meados da década de 1990, encararam o desafio de observar a realidade da Internet e de tecer seus pontos de vista a esse respeito.

Enquanto tudo isso acontecia na América do Norte, as tecnologias digitais se espalhavam também pelo restante do planeta. Em cada país do mundo, seu desenvolvimento tomava rumos específicos. Passo, nesse momento, a discutir a versão brasileira da história dessas tecnologias.

### **3.2.2 O contexto brasileiro**

Apesar das barreiras protecionistas erigidas pelo governo militar, os computadores e a Internet chegaram ao Brasil pela via das importações. Importamos, dos Estados Unidos, computadores e software. Importamos, também, o modelo de desenvolvimento das tecnologias da informação implementado nesse país e muitas interpretações dos impactos que tudo isso gerou sobre o homem contemporâneo.

Mesmo assim, a história dessas tecnologias no Brasil assumiu características bem particulares. Além de apresentar uma cronologia distinta da norte-americana,

seus períodos de desenvolvimento são mais compactos e, portanto, mais confusos.<sup>8</sup>

### **3.2.2.1**

#### **As décadas de 1950 e 1960**

De 1950 até o final da década de 1960, o Brasil investiu muito pouco no desenvolvimento de computadores. Tínhamos máquinas de grande-porte espalhadas por alguns órgãos governamentais e universidades, bem como por poucas empresas privadas. Estas máquinas eram importadas dos Estados Unidos e operadas por uma elite de pesquisadores e de funcionários do alto-escalão de grandes empresas.

A população brasileira ainda não travara contato com os computadores. Mesmo assim, a desconfiança, o pessimismo e o medo gerados por essas máquinas penetravam o imaginário nacional por meio das notícias que chegavam dos Estados Unidos.

### **3.2.2.2**

#### **As décadas de 1970 e 1980**

A partir de 1970, o país começou a definir os rumos que sua política de desenvolvimento da informática iria tomar. Em decorrência disto, passou a investir no desenvolvimento de tecnologias nacionais, limitando (quase que em sua totalidade) as importações de equipamentos e software. Nesta época, mais precisamente em 1972, o primeiro computador nacional – ironicamente batizado de “o patinho feio” – foi construído por cientistas da Universidade de São Paulo.

Durante esses vinte anos, a despeito do crescimento (em termos absolutos) da indústria brasileira de informática, imperou uma grande defasagem entre os equipamentos brasileiros e os norte-americanos. Os computadores fabricados no Brasil tinham capacidade e qualidade inferiores e preços muito superiores, o que

---

<sup>8</sup> Diferentemente do que acontece com a história norte-americana, não há um registro sistemático e organizado do desenvolvimento da informática no Brasil. As informações são muito dispersas e muitas discrepâncias entre diferentes datas são encontradas. Para minimizar essas discrepâncias, utilizo, neste trabalho, dados oficiais colhidos junto ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), órgão governamental responsável, entre outras atribuições, pelas diretrizes básicas da informática brasileira. Esses dados podem ser encontrados no site do MCT, mais especificamente em “História do MCT” (<http://www.mct.gov.br/sobre/historia.htm>) e em “Evolução da Internet no Brasil e no



impedia a sua difusão. Enquanto, nos Estados Unidos, os microcomputadores já estavam sendo amplamente utilizados como ferramenta de trabalho, no Brasil, ainda predominavam os computadores de grande porte, cujo uso era privilégio de poucos.

Na ausência de contato direto com a realidade dos computadores pessoais, o imaginário brasileiro continuava preso ao pessimismo e ao medo de que essas máquinas destruíssem ou dominassem a humanidade.

### **3.2.2.3 De 1990 aos dias de hoje**

No início da década de 1990, as conseqüências do nosso atraso no campo da informática já se faziam mais do que evidentes. Além disso, o Brasil passava por profundas mudanças políticas. Nos primeiros anos da década de 1990, esses fatores levaram ao gradativo término da reserva de mercado da indústria brasileira de informática e à liberação das importações de hardware e software.

Uma vez liberadas as importações, a oferta de microcomputadores aumentou, seus preços ficaram um pouco mais acessíveis e seu consumo tornou-se mais viável. O resultado foi o esperado: os microcomputadores difundiram-se rapidamente. O Brasil finalmente entrava na Era Digital.

Simultaneamente, a Internet chegava ao país. De 1988 a 1991, diversas universidades brasileiras conectaram-se (ainda que precariamente) à Rede. O acesso era, no entanto, restrito a alguns segmentos da comunidade acadêmica. Em 1995, contudo, o Brasil abria as portas para a Internet, liberando seu uso comercial.

O curto espaço de tempo compreendido entre o fim da reserva de mercado e a abertura da Internet comercial fez, portanto, com que os brasileiros, diferentemente dos norte-americanos, se familiarizassem quase que ao mesmo tempo com os microcomputadores e com a Internet.

Essa familiarização teve, no entanto, resultados análogos aos norte-americanos. Tal como nos Estados Unidos, milhões de pessoas, além de trabalhar on-line, passaram a despender várias horas de seu lazer à frente de seus micros. Tal como os norte-americanos, os brasileiros rapidamente aprenderam a pesquisar

e a bater papo através da Rede. E, tal como aqueles, começaram a experimentar novos tipos de relacionamento, novos e intensos sentimentos e conflitos. Portanto, também tal como no caso norte-americano, *milhões de brasileiros tornaram-se usuários da Rede Mundial de Computadores*. Em decorrência disto, a psicologia clínica brasileira viu-se convocada a investigar os impactos da Internet sobre os seus conterrâneos. E, aceitando essa convocação, também passou a lançar seus olhares sobre as experiências dos brasileiros na Rede.

Para resumir, apesar da história das tecnologias digitais apresentar características muito diferentes no Brasil e nos Estados Unidos, do ponto de vista da psicologia clínica, suas conseqüências foram bastante semelhantes. Vários psicólogos clínicos de ambos os países gradativamente perceberam que os seres humanos incorporaram a Internet à vida cotidiana e tornaram-se usuários da Rede Mundial de Computadores. Em função disto, estes profissionais foram levados a compreender os impactos da Rede sobre o homem contemporâneo e, a partir de meados da década de 1990, começaram a divulgar seus primeiros estudos a esse respeito. Em seguida, faço um mapeamento do conjunto de trabalhos resultantes da recente aproximação da psicologia clínica e da Internet.

### 3.3

#### **A produção da psicologia clínica sobre a Internet**

Antes de mais nada, é preciso deixar claro que meu exame da produção da psicologia clínica sobre a Internet concentra-se naqueles trabalhos que se aproximam desta tecnologia com o objetivo de identificar os impactos que sua difusão pode estar gerando sobre as formas de pensar, sentir, sofrer, agir e se relacionar de nossos contemporâneos. Em outras palavras, discuto somente aqueles trabalhos que apresentam alguma reflexão sobre o homem – objeto de estudo da psicologia – e sobre as possíveis transformações subjetivas pelas quais ele passa ao fazer da Internet uma parte de sua vida cotidiana. Ficam, portanto, excluídas de minha análise os trabalhos sobre o uso instrumental da Internet pelos psicólogos clínicos, ou seja, sobre formas eficazes de pesquisar e/ou divulgar trabalhos psicológicos na Internet e sobre as terapias on-line (ver Fink, 1999). Tratando a Internet tão-somente como ferramenta de trabalho, esses trabalhos

deixam de discutir o que, para mim, é prioritário, a saber, seus impactos sobre o objeto de estudo e sobre os conhecimentos da psicologia clínica.

Lanço sobre esses trabalhos um olhar abrangente, expondo estudos de diferentes abordagens clínicas a partir da seqüência cronológica de publicação dos mesmos em seus contextos de origem. Tal como fiz na seção anterior, concentro-me no contexto norte-americano (devido ao grande número de trabalhos que os E.U.A. já desenvolveram sobre os impactos subjetivos da Internet.) e no brasileiro (para conhecer de perto as especificidades da nossa própria produção).<sup>9</sup>

Por meio desse relato descritivo – uma espécie de registro do surgimento de algo novo –, o leitor pode acompanhar alguns dos principais passos envolvidos na constituição deste recente campo de investigação da psicologia clínica. Uma vez esclarecidos os critérios e objetivos de minha discussão, passemos a ela.

### 3.3.1 O contexto norte-americano

A partir de meados da década de 1990, a psicologia clínica norte-americana começou a divulgar os primeiros estudos sobre os efeitos da difusão da Internet na vida cotidiana dos seres humanos.

Em 1995, Sherry Turkle publicava *Life on the screen: identity in the age of Internet*, livro que é considerado o primeiro estudo em profundidade sobre os impactos subjetivos da Internet. Neste, eram divulgados os resultados de uma meticulosa pesquisa qualitativa com usuários da Rede. Baseada nestes resultados, Turkle chamava atenção para o surgimento de um novo modelo subjetivo, argumentando que a organização pós-moderna de nossos mundos interno e externo não era mais regida pela lógica linear, seqüencial e unificadora que caracterizava o sujeito moderno. Para ela, nossa exposição a duas realidades muito distintas – a real e a virtual –, a falta de limites rígidos entre estas duas realidades e os múltiplos e simultâneos papéis vivenciados nesses dois mundos vêm gerando um novo sujeito. Trata-se, diz ela, de um *sujeito fluido e múltiplo*, que vive no

---

<sup>9</sup> Pelo que me foi possível pesquisar, na Europa, o interesse da psicologia clínica pelo estudo dos impactos subjetivos da Internet ainda não foi despertado. Enquanto outras especialidades psicológicas – tais como a psicologia do trabalho e a da educação – já têm uma produção extensa sobre os efeitos da Rede em seus campos de investigação, a psicologia clínica européia não apresenta, até o momento, um conjunto consistente de trabalhos sobre o assunto. Por esse motivo, o contexto europeu não foi incluído em minha análise.

mundo do excesso, da instabilidade de limites, da simultaneidade e, principalmente, da experimentação de inúmeras facetas de si nas realidades real e virtual.<sup>10</sup>

Em 1996, Kimberly Young resumia – com uma visão bem mais negativa das experiências humanas na Internet que a de Sherry Turkle – seus primeiros achados sobre o uso intensivo dessa tecnologia. Na reunião anual da American Psychological Association, apresentava o trabalho “Internet Addiction: The Emergence of a New Disorder”, no qual descrevia o que julga ser uma nova patologia: o “vício” na Internet. Para esta autora, o usuário que passa horas a fio – com euforia e prazer – navegando pela Rede, vem sendo envolvido por uma nova armadilha do mundo atual. A Internet passa a seduzir nossos contemporâneos, tal como, anteriormente, as drogas e os jogos os haviam seduzido. A Internet torna-se, dessa ótica, um dos mais novos perigos do mundo de hoje.

Ainda em 1996, John Suler apresentava uma inovação: o livro virtual *The psychology of Cyberspace* (atualizado permanentemente e disponibilizado, em linguagem de hipertexto, no site da Rider University<sup>11</sup>). Neste, eram analisadas algumas características – positivas e negativas – da vida virtual: as diferentes formas de estar em contato (à distância) com pessoas, o prazer que isto envolve e algumas especificidades desses novos contatos virtuais (o anonimato, a criação de personagens, a espontaneidade, a falta de regras claras, etc.).

Em 1997, Don Tapscott publicava *Growing up digital: the rise of the Net Generation*, no qual relatava os resultados de um extenso trabalho com crianças usuárias da Internet, apontando o uso saudável que elas fazem da Rede. Neste, criticava também a ótica patologizante a partir da qual muitos psicólogos (como, por exemplo, Kimberly Young, cujo trabalho foi mencionado acima) começavam a observar a Internet.

---

<sup>10</sup> A autora usa uma excelente metáfora para descrever essa nova organização subjetiva: a das janelas dos programas *Windows*. O sujeito contemporâneo é tão plural e simultâneo quanto são as janelas de atividades que abrimos ao usar o computador. Assim como não abrimos apenas uma janela para trabalhar no computador, não vivemos mais de forma seqüencial os diversos papéis de nossas vidas. Temos várias janelas (várias facetas de nós mesmos) abertas simultaneamente. Algumas dessas janelas fazem parte da vida real, enquanto outras, estão abertas na realidade virtual. Metaforicamente, somos a soma de nossa presença distribuída pela tela de um computador. Uma discussão mais aprofundada sobre o modelo de subjetividade fluida e múltipla é encontrada em Romão-Dias (2001).

<sup>11</sup><http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/psycyber.html>.

Nesse mesmo ano, Michelle Weil e Larry Rosen abordavam – em *Technostress: coping with technology @ work, @ home, @ play* – a falta de controle que hoje temos diante do volume excessivo de informações disponibilizadas pela Internet (e por outras tecnologias da informação). Para os autores, um dos grandes desafios contemporâneos é o de estabelecer limites e prioridades para lidar com o fascinante – mas excessivo – mundo informacional.

Em 1998, Kimberly Young lançava o livro *Caught in the Net: How to recognize the signs of Internet Addiction and a winning strategy for recovery*. Divulgando os resultados da pesquisa quantitativa que havia concluído, ela sistematizava os critérios de diagnóstico para o suposto “vício” na Internet. Relacionava este ao surgimento de problemas profissionais, escolares e familiares e a um interesse compulsivo por sites de conteúdo pornográfico, por jogos on-line e por salas de bate-papo (sobre isso, ver também <http://www.netaddiction.com>).

Ainda nesse ano, Jayne Gackenbah organizava uma extensa coletânea, intitulada *Psychology and Internet: intrapersonal, interpersonal and transpersonal implications*, que fornecia uma visão geral das principais atividades realizadas na rede (as trocas de e-mails, os chats, o trabalho à distância, os grupos de ajuda-mútua, etc.) e de algumas das características do comportamento humano ao desempenhá-las (o estado de euforia, a desinibição, a busca de autoconhecimento, o interesse em ajudar pessoas, entre outras).

Também em 1998, o *APA monitor*, jornal da American Psychological Association, confirmava o interesse dos psicólogos em geral pelos impactos da Internet e dedicava – em março e em setembro – duas matérias de capa sobre o assunto. “Datasmog: newest culprit in brain drain” (Murray, 1998) fornecia um panorama dos trabalhos já realizados pela psicologia sobre a Internet, apontando como referências importantes para a área da psicologia clínica os livros de Turkle (1995), de Weill & Rosen (1997) e de Young (1998). Já “Isolation increases with Internet use” (Sleek, 1998) divulgava os resultados de uma pesquisa, liderada por Robert Kraut, que apontava o uso da Internet nos lares americanos como fonte de depressão e isolamento social.

Em 1999, David Greenfield publicava o livro *Virtual Addiction: help for netheads, cyberfreaks, and those who love them*. Este trabalho, juntamente com os da psicóloga Kimberly Young, não deixava dúvidas quanto à tendência de interpretar o uso intensivo da Rede como uma forma de “vício”.

Em 2000, finalmente acontecia uma reflexão mais amadurecida, crítica e consistente sobre tudo o que vinha sendo produzido pela psicologia norte-americana. O jornal da American Psychological Association – rebatizado de *Monitor on Psychology* – dedicava todo o periódico do mês de abril à Internet, discutindo diferentes pontos de vista adotados pelos psicólogos para o estudo dessa tecnologia. Dois artigos, em particular, discutiam questões do âmbito da psicologia clínica. Em “Is Internet addiction real?” (DeAngelis, 2000), havia críticas às pesquisas de Kimberly Young e de David Greenfield sobre o “vício” na Internet e à falta de conhecimento sobre os impactos subjetivos gerados pelo uso saudável e cotidiano da Rede. Já em “A mirror on the self” (Murray, 2000), tais impactos eram discutidos, a partir da concepção de sujeito fluido e múltiplo desenvolvida por Sherry Turkle (1995). Com depoimentos desta autora e também de John Suler, era apontada, ainda, a necessidade de os psicólogos clínicos investigarem as formas através das quais nossos contemporâneos vêm integrando suas vidas on-line e off-line.

A respeito da integração das experiências virtuais e reais, ainda em 2000, John Suler acrescentava ao seu livro virtual (*The Psychology of cyberspace*) o artigo “Bringing on-line and off-line living together: the integration principle”. Neste, o autor analisava algumas das formas que os usuários da Rede estão encontrando (consciente ou inconscientemente) para integrar as experiências tão diferentes de suas vidas on-line e off-line. A incorporação de características de personagens virtuais à vida real e a “morte” de personagens virtuais para a revelação de características “reais” no mundo on-line são alguns exemplos desta integração.

Enquanto autores como Sherry Turkle e John Suler buscavam conhecer as novas e saudáveis maneiras encontradas por nossos contemporâneos para lidar com os conflitos gerados pela simultaneidade das vidas on-line e off-line, Kimberly Young continuava seu trabalho sobre o uso “patológico” da Rede. Em 2001, voltada para as práticas de sexo virtual, publicava o livro *Tangled in the Web: understanding cybersex from fantasy to addiction*. Neste, destacava que o fascínio – e a “compulsão” – pelo sexo virtual estão na possibilidade de expressar, anonimamente e sem censuras, fantasias e desejos sexuais freqüentemente contidos pelas barreiras sociais do mundo real.

Em pouco mais de cinco anos, a psicologia clínica norte-americana construiu um conjunto expressivo e diversificado de trabalhos sobre as transformações subjetivas advindas do contato dos homens com a realidade da Internet. Passo, nesse momento, a examinar a produção da psicologia clínica brasileira a esse respeito.

### **3.3.2 O contexto brasileiro**

No Brasil, a partir de meados da década de 1990, alguns psicólogos clínicos começaram a se aproximar da Internet, buscando conhecer como sua difusão estava afetando os brasileiros em particular.

Em 1996, Ana Maria Nicolaci-da-Costa publicava – em *A Psicologia em Contexto* – o artigo “A subjetividade nas malhas da Rede”. Neste, já chamava atenção para os impactos avassaladores da Internet sobre a subjetividade contemporânea. Apontava, também, a necessidade de pesquisas que identificassem os novos modos de pensar, sentir e agir introduzidos pela Internet.

Em 1997, o psicanalista Joel Birman – no artigo “Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível: sobre Denise está chamando, de Hal Salwer” – demonstrava suas preocupações com as conseqüências subjetivas geradas pelo uso da Rede. De seu ponto de vista, as relações virtuais (marcadas pela falta de contato físico, de afetos e de sentimentos) estão levando os sujeitos contemporâneos ao automatismo e ao esvaziamento subjetivo.

No ano seguinte, Nicolaci-da-Costa publicava o livro *Na malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*, no qual divulgava os resultados da primeira pesquisa em profundidade sobre o perfil do usuário brasileiro da Internet. Diferentemente de Birman (que partia dos referenciais da psicanálise para interpretar a subjetividade na Era da Internet), a autora considerava fundamental observar as novas experiências humanas na Rede a partir de um olhar também novo e desvinculado das tradicionais categorias psicológicas de análise. Por meio deste olhar, detectava as transformações subjetivas – já drásticas, mas apenas iniciais – geradas pela nova realidade da Internet. Conhecer pessoas de culturas e estilos diferentes e viver novos papéis no mundo on-line criavam novas possibilidades de adquirir conhecimento sobre si mesmo. O medo de tornar-se

antiquado e o fascínio pelo novo faziam com que os novos usuários rompessem barreiras para construir novas alternativas de vida. As experiências no mundo do tempo largo<sup>12</sup>, das tarefas simultâneas<sup>13</sup> e do hipertexto<sup>14</sup> faziam com que pensassem de forma mais ágil, relativizada e pouco linear. Essas eram algumas das muitas características que começavam a definir aquele que Nicolaci-da-Costa nomeava como o “homem do século XXI” (sobre isso, ver ainda Nicolaci-da-Costa, 1999).

Também em 1998, o psicanalista Contardo Calligaris publicava, no jornal *Folha de São Paulo*, uma pequena crônica intitulada “Solidão na Rede”. Fazia, ali, críticas pesadas às visões pessimistas das pesquisas norte-americanas (anteriormente mencionadas) que a mídia brasileira começava a importar. De seu ponto de vista, estas pesquisas são manifestações de medo do novo, de nostalgia do velho e de resistência à mudança.

O ano de 1998 continuava a revelar o crescente interesse da psicologia clínica brasileira pela Internet. Neste ano, o Conselho Federal de Psicologia organizava o *I Seminário de Psicologia e Informática*, buscando reunir a produção nacional sobre as relações do homem com as tecnologias digitais. Ficava evidente, contudo, que muito pouco havia sido feito e que, salvo iniciativas individuais, o interesse dos psicólogos clínicos voltava-se quase que exclusivamente para a utilização dessas tecnologias como ferramentas de trabalho (para a criação de sites e, principalmente, para a viabilização das terapias on-line).

Em 1999, Eliza Sayeg, atenta à tendência da psicologia brasileira de limitar-se ao uso instrumental da Rede, divulgava, no site do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, o artigo “Psicologia e Informática – interfaces”. Neste, apontava os estudos sobre os impactos subjetivos da Internet como uma

---

<sup>12</sup> Tempo largo é a expressão utilizada para definir a sensação que temos ao realizar, no computador e na Internet, inúmeras tarefas ao mesmo tempo. A agilidade adquirida com essas tecnologias leva-nos a perceber o tempo de modo mais elástico, como se nele pudéssemos realizar mais atividades do que éramos capazes em outras épocas.

<sup>13</sup> O conceito de tarefas simultâneas diz respeito à capacidade dos sistemas computacionais mais modernos (os programas Windows e sua lógica de janelas são seus exemplos mais conhecidos) processarem várias tarefas tão rapidamente que, aos olhos humanos, estas parecem estar sendo executadas simultaneamente. Na prática, isso cria para o usuário a possibilidade de realizar, no computador e na Internet, diferentes atividades ao mesmo tempo (navegar pela Rede enquanto usa o editor de texto, checar e-mail enquanto conversa em uma sala de bate-papo, etc.).

<sup>14</sup> O hipertexto organiza seu conteúdo por meio de links que remetem o leitor a diferentes partes do texto. Deste modo, é possível fazer uma leitura linear de suas informações ou formar diferentes seqüências associativas, segundo o interesse do leitor.



importante – e, muitas vezes, desconsiderada – área de aproximação da psicologia e da informática.

Também neste ano, o Núcleo de Pesquisa de Psicologia em Informática (NPPI), da PUC de São Paulo, começava a oferecer atendimento psicoterápico a pessoas com dificuldades no uso das novas tecnologias digitais (tanto aos chamados usuários “compulsivos” da Internet, quanto àqueles com algum tipo de “fobia tecnológica”).<sup>15</sup>

Ainda em 1999, a revista *Methodus* publicava o artigo “Cyberespaco, criação e alteridade”, da psicanalista Gilza de Oliveira. Para ela, tal como para Birman (1997), as relações virtuais – ao substituírem o contato real entre as pessoas – vêm colocando-as num mundo imaginário e de ilusão, o que as leva a uma existência subjetiva vazia e empobrecida.

Em 2000, os Conselhos Regionais de Psicologia de diferentes estados brasileiros organizavam pequenos eventos para discutir as novas relações de sua categoria com a Internet. Além disso, o Conselho Federal de Psicologia organizava o *II Seminário de Psicologia e Informática*. As discussões desses eventos limitavam-se, entretanto, à regulamentação do exercício das terapias on-line no Brasil (a respeito da legislação elaborada a partir dessas discussões, ver <[http://www.pol.org.br/arquivos\\_pdf/resolucoes/2000/resolucao03\\_2000.pdf](http://www.pol.org.br/arquivos_pdf/resolucoes/2000/resolucao03_2000.pdf)>).

Em paralelo, contudo, a partir de 2000, já era possível detectar que a produção nacional sobre os impactos subjetivos da Internet ganhava algum fôlego. Muitos psicólogos clínicos divulgavam artigos sobre as conseqüências subjetivas do uso da Rede e as primeiras dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o assunto começavam também a ser defendidas.

Neste ano, Cláudia Lanzari publicava, na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*, o artigo “A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio”. Examinando a Internet à luz do conceito psicanalítico de fantasia, a autora considerava que as relações virtuais tornam-se atraentes por propiciarem o anonimato, a criação de personagens fictícios e o jogo da fantasia. Considerava também que, por esses mesmos motivos, as relações que são construídas no

---

<sup>15</sup> Ainda não há publicações científicas do NPPI a esse respeito. Informações sobre esse trabalho encontram-se no site do Núcleo (<http://www.pucsp.br/~clinpsic/nppib.htm>) ou nas matérias “Viciado em informática? Relax: isso tem cura” (*Jornal da Tarde*, 13/09/2000), “Netmaníacos só vivem com o Modem na veia” (*O Estado de São Paulo*, 12/03/2001) e “Perca o receio de usar o computador” (*Folha de São Paulo*, 12/06/2002).

mundo da Internet freqüentemente fracassam no mundo real, gerando profundas frustrações e decepções naqueles que nelas se aventuram.

Também em 2000, Daniela Romão-Dias publicava “Entre o real e o virtual: que paciente é esse?”, na *Revista Nova América*. Para a autora, a lógica do virtual (da velocidade, das tarefas simultâneas, do contato à distância, do excesso de informações, etc.) vem ultrapassando os limites da Internet, impactando a vida cotidiana e gerando uma nova organização subjetiva (ainda muito desconhecida).

Nesse mesmo ano, nos *Anais do III Workshop sobre fatores humanos em sistemas computacionais*, dois artigos da área da psicologia clínica eram divulgados. Raphael Zaremba, Rosane Abreu e Ana Maria Nicolaci-da-Costa apresentavam “A escrita digital: uma pedra no sapato da escola”, abordando o prazer das crianças pela escrita on-line e suas conseqüências para a prática escolar. Nicolaci-da-Costa também publicava o artigo “A tecnologia da Intimidade”, no qual demonstrava que os usuários da Rede já estão construindo novas formas de proteção da intimidade no mundo virtual (considerado por muitos como perigoso, justamente por não oferecer defesas à nossa privacidade).

Ainda em 2000, Carla Leitão e Ana Maria Nicolaci-da-Costa publicavam – na revista *Psicologia Clínica* – o artigo “Psicologia clínica e informática: por que essa inusitada aproximação?”. Neste, examinavam os principais marcos da história da informática e, a partir destes, o crescente interesse da psicologia clínica pelas tecnologias digitais.

Nesta mesma revista, era apresentado o artigo “A escrita dos adolescentes na Internet”, de Maria Teresa Freitas, no qual, de modo análogo ao do artigo de Zaremba, Abreu e Nicolaci-da-Costa (2000) acima mencionado, enfatizava o caráter interativo da escrita digital como o principal motivo que vem levando os jovens a escreverem (ou teclarem) cada vez mais.

Ao fim de 2000, José Mauro Nunes defendia, no Departamento de Psicologia da PUC-Rio, a tese de Doutorado intitulada *Tecnologias informáticas e modos de subjetivação*. Nesta, a construção da subjetividade contemporânea no novo cenário tecnológico era compreendida a partir de quatro paradoxos: o acúmulo *versus* a relevância da informação, o incremento *versus* a restrição da criatividade, a intensificação *versus* o distanciamento da experiência social e a homogeneização *versus* a fragmentação subjetiva.

Em 2001, o Departamento de Psicologia da PUC-Rio continuava a dar sua contribuição ao estudo das novas organizações subjetivas na Era da Internet, apresentando três dissertações de Mestrado baseadas em pesquisas qualitativas com usuários da Rede.

Na primeira, intitulada *IRC: uma nova alternativa para as relações entre as pessoas*, Ana Cláudia da Costa apresentava os resultados de seu estudo com usuários de chats. A partir destes, identificava a formação de “tribos” nas salas de bate-papo e destacava a importância que os usuários dão às amizades que ali se consolidam, a estabilidade que algumas dessas relações virtuais adquirem e a intensidade dos sentimentos que circulam no mundo on-line.

Já na segunda, *Escrevendo (ou seria ‘teclando’?!) o homem do século XXI*, Raphael Zaremba aprofundava seus estudos sobre a escrita digital. Desta vez, não mais se concentrava na investigação do universo infantil e passava a abordar as relações dos jovens com este novo tipo de escrita. Para tanto, traçava um paralelo entre os antigos – e já bem conhecidos – impactos subjetivos da invenção da escrita e da imprensa e aqueles que o recente desenvolvimento da escrita digital vem criando. Apontava que o teclado – por ser algo muito novo e desconhecido – está despertando, em alguns, sentimentos de medo e nostalgia análogos aos gerados, um dia, pela invenção da escrita e da imprensa. A partir dos resultados de sua pesquisa, enfatizava, contudo, que, para os jovens, a escrita digital é uma nova, prazerosa e fascinante forma de comunicação.

Finalmente, na terceira dissertação – *Nossa plural realidade: um estudo sobre a subjetividade na Era da Internet* –, Daniela Romão-Dias revelava a coexistência, na contemporaneidade, de dois modelos subjetivos distintos. O primeiro é o do sujeito moderno, que usa a Internet comedidamente (como ferramenta de trabalho), sem criar personagens virtuais, nem desbravar destemidamente a vida on-line. Já o segundo é identificado como o do sujeito pós-moderno, um sujeito plural, que se aventura na Rede, conhece pessoas, cria personagens e parece não se importar com o fato de se apresentar e se sentir de maneiras diferentes nas realidades real e virtual (integrando, em alguns momentos, as vidas on-line e off-line e, em outros, experimentando uma cisão destas duas vidas).

No início de 2002, Maria Vittoria Civiletti e Ray Pereira publicavam, na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*, o artigo “Pulsões contemporâneas do

desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual”. Divulgando os resultados de sua pesquisa, os autores reforçavam a tendência de definir a subjetividade contemporânea como múltipla e de identificar a coexistência, no mundo atual, deste novo modelo subjetivo e da subjetividade moderna.

No mesmo volume da revista *Psicologia: Ciência e Profissão*, outro artigo sobre as transformações subjetivas geradas pela Internet era publicado. “Simples como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração”, de Raphael Zaremba, Daniela Romão-Dias e Ana Maria Nicolaci-da-Costa, abordava a forma saudável – quase que “natural” – com que as crianças utilizam os computadores e a Internet.

Também no ano de 2002, Ana Maria Nicolaci-da-Costa publicava os resultados de sua pesquisa sobre o uso intensivo da Internet em dois artigos: “Quem disse que é proibido ter prazer online? Identificando o positivo no quadro de mudanças atual” (na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*) e “Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?” (na revista *Estudos de Psicologia*). Nestes, a autora enfatizava o prazer que a vida virtual proporciona a seus usuários e a desorientação que estes experimentam por ainda não conhecerem os limites da vida on-line. Este misto de prazer e desorientação, acrescentava ela, é característico de momentos de transformações sociais drásticas e revolucionárias, como o que presenciamos na atualidade. E, nesses momentos, nada mais precipitado do que lançar olhares negativos sobre novos comportamentos, categorizando-os como patológicos. Nicolaci-da-Costa criticava, assim, os trabalhos norte-americanos sobre o vício na Internet (anteriormente mencionados), alertando para os riscos de encaixarmos novos sentimentos e comportamentos em velhos e preconceituosos rótulos. De seu ponto de vista, isto acaba por impedir a identificação de tudo o que de novo vem acontecendo na vida psicológica de nossos contemporâneos. Ainda segundo a autora, somente por meio de novos olhares torna-se possível detectar o que há de positivo nas novas formas de sentir, se relacionar e viver na Era da Internet.

Chegamos, assim, ao fim de 2002 e, por tudo o que vimos até aqui, parece ser evidente que a psicologia clínica brasileira já voltou sua atenção para a Internet e que, de modo análogo ao dos Estados Unidos, já tem uma produção considerável sobre os impactos subjetivos da Rede. No que se segue, discuto brevemente este novo contexto de produção da psicologia clínica.

### 3.4

#### Identificando uma lacuna: a prática clínica e a Internet

A análise da recente produção da psicologia clínica sobre a Internet tornou possível a identificação de algumas características deste recente campo de investigação que aproxima a psicologia clínica da Internet.

Um olhar cuidadoso sobre este recente conjunto de trabalhos detectou, por exemplo, a falta de articulação que o caracteriza. Dado que tudo é muito recente, ainda não é possível identificar uma configuração clara e consistente que dê um sentido global à produção da psicologia clínica sobre a Internet. Em outras palavras, apesar de já termos produzido bastante, ainda estamos diante da dispersão e da fragmentação que caracterizam o processo de constituição de um novo campo de conhecimento. A construção de conhecimentos sobre algo novo é sempre um processo confuso e desarticulado. Somente com o passar do tempo, conseguimos organizar de forma um pouco mais clara e coerente conhecimentos inicialmente desconexos e contraditórios. Num campo tão recente como o dos estudos psicológicos sobre as tecnologias digitais, como o leitor teve oportunidade de perceber, essa desorganização ainda se faz presente e dificulta a obtenção de uma visão de conjunto do conhecimento produzido.

Meu olhar sobre estes conhecimentos recentemente produzidos detectou, no entanto, uma outra característica desta produção que, de meu ponto de vista, não pode deixar de ser ressaltada. Refiro-me, aqui, à falta de trabalhos que discutam as relações entre a Internet e a prática clínica. Ou seja, ainda não existem trabalhos que investiguem ou relatem algo especificamente relacionado aos impactos da Internet sobre os atendimentos psicoterápicos.<sup>16</sup> Autores que reconhecidamente atuam como terapeutas – como é o caso, por exemplo, de Sherry Turkle, nos Estados Unidos, e de Joel Birman, no Brasil – nada revelam a esse respeito. Nem mesmo aqueles que divulgam o atendimento a pessoas com algum tipo de dificuldade com as novas tecnologias digitais – como o NPPI, da PUC de São Paulo, por exemplo – vêm discutindo o que ocorre nesses atendimentos.

---

<sup>16</sup> Volto a enfatizar que não estou me referindo aos atendimentos on-line. Minha atenção está voltada para os atendimentos psicoterápicos realizados nos consultórios.

A falta de estudos que nos falem da prática clínica e que nos tragam informações sobre como as novas experiências humanas na Internet estão chegando aos consultórios psicológicos parece-me bastante intrigante. Isso porque, como foi discutido no início deste capítulo, desde os primórdios da psicologia clínica, a prática psicoterápica sempre se revelou um espaço privilegiado para a investigação das questões humanas. Como também já foi apontado, um *“laço constante e apertado com a prática”* (Foucault, 1957, p. 123) fez com que a intervenção terapêutica e a aquisição de conhecimentos a respeito do homem se tornassem atividades concomitantes. Na constituição do projeto da psicologia clínica, tanto a atividade de pesquisa quanto a prática psicoterápica fizeram com que, pouco a pouco, as formas de ser, agir e sentir dos seres humanos se tornassem conhecidas.

Nos dias que correm – quando a Internet introduz novas formas de se relacionar, de sentir e de sofrer para nossos contemporâneos – parece-me fundamental resgatar a dimensão investigativa da prática clínica, dimensão esta que tanto contribuiu para as formas com que pensamos e fazemos psicologia clínica atualmente. Travando contato com as reflexões dos psicoterapeutas sobre suas práticas contemporâneas, podemos – além de compreender melhor as relações dos homens com a Internet – conhecer com maior profundidade os impactos da difusão da Internet sobre os atendimentos psicoterápicos em particular e sobre a psicologia clínica em geral. Com este objetivo, passo a dar voz aos psicoterapeutas. Para tanto, exponho, em seguida, a pesquisa de campo que realizei, na qual pude ouvir o que alguns terapeutas pensam a respeito dos impactos da difusão da Internet em suas práticas clínicas.

## 4

### A pesquisa de campo: Objetivos e Procedimentos metodológicos

Neste capítulo, apresento a pesquisa qualitativa<sup>1</sup> que realizei junto a 16 terapeutas a respeito das relações entre suas práticas clínicas e a recente difusão da Internet em nosso cotidiano. Inicialmente, defino os objetivos que a nortearam e, em seguida, descrevo, passo a passo, os procedimentos metodológicos utilizados.

#### 4.1

##### Objetivo

A falta de trabalhos que discutam a penetração da Internet no cotidiano da prática clínica deixa uma série de perguntas sem resposta. De que maneira as novas experiências humanas na Rede estão chegando aos consultórios psicoterápicos? Como os terapeutas analisam os relatos que seus pacientes fazem destas novas experiências? Que impactos tudo isso gera sobre nossas formas já conhecidas de pensar e fazer psicologia clínica?

Instigada por essas questões, defini os contornos de minha pesquisa de campo. Nesta, tive como objetivo investigar os impactos da difusão da Internet sobre os atendimentos psicoterápicos contemporâneos. Mais especificamente, busquei investigar – *da ótica dos psicoterapeutas* – como a Internet vem chegando aos seus consultórios e quais as conseqüências disto para a prática clínica da atualidade. Em outras palavras, procurei ouvir dos psicoterapeutas o que eles pensam a respeito da difusão da Rede no cotidiano de seus pacientes e dos impactos desta difusão sobre a prática terapêutica num novo cenário mundial.

---

<sup>1</sup> Uma discussão sobre as pesquisas qualitativas em contraposição às quantitativas pode ser encontrada em Nicolaci-da-Costa, Leitão e Romão-Dias (2001).

## 4.2 Procedimentos metodológicos

Para investigar, junto a terapeutas, os impactos da Internet sobre a prática clínica, fiz uso do “Método de Explicitação do Discurso Subjacente” (MEDS), desenvolvido por Nicolaci-da-Costa.<sup>2</sup> Ao longo de anos de experiência como pesquisadora, esta autora criou uma série de procedimentos metodológicos que contempla as especificidades das pesquisas qualitativas em psicologia clínica (ver, por exemplo, Nicolaci-da-Costa, 1989, 1994, 1998 e Nicolaci-da-Costa, Leitão e Romão-Dias, 2001). Mais recentemente, no ano de 2002, sua parceria com profissionais da área da informática gerou a necessidade de sistematizar alguns aspectos centrais deste método a fim de facilitar sua utilização por pesquisadores de outras áreas científicas.<sup>3</sup> Por esta razão, em artigo escrito em co-autoria com Barbosa, de Souza e Prates, Nicolaci-da-Costa, descreve sucintamente o conjunto de procedimentos desenvolvido por ela e batiza esta metodologia de “Método de Explicitação do Discurso Subjacente” (MEDS).

De maneira muito resumida, é possível dizer que o MEDS visa identificar diferentes pontos de vista, reações, sentimentos e conflitos subjetivos em contexto. Com este objetivo, propõe a definição de um foco preciso para a investigação em profundidade de um grupo de sujeitos com perfis semelhantes. Para que seja possível obter o grau de minúcia desejado, trabalha-se com um número reduzido de sujeitos (em torno de 20), recrutados a partir da definição prévia e cuidadosa de um conjunto de características relevantes aos objetivos da investigação.

O MEDS prioriza, ainda, a expressão livre e espontânea dos sujeitos em ambientes de investigação que lhes sejam familiares, tendo como matéria-prima

---

<sup>2</sup> No decorrer deste trabalho, refiro-me ao “Método de Explicitação do Discurso Subjacente” somente como MEDS.

<sup>3</sup> Alguns profissionais das áreas de informática e de psicologia começam a trabalhar em parceria com o objetivo de desenvolver tecnologias mais adequadas ao perfil dos usuários. O artigo “Using the Underlying Discourse Unveiling Method to Understand Organizations of Social Volunteers” é um exemplo desta parceria. Neste, Clarissa Barbosa, Clarisse de Souza e Raquel Prates – pesquisadoras da informática – e Ana Maria Nicolaci-da-Costa – psicóloga clínica – entrevistaram membros de uma ONG para definir os passos para o desenvolvimento de um software. Para tanto, utilizaram os procedimentos metodológicos desenvolvidos por Nicolaci-da Costa aos quais venho me referindo. Dado que profissionais leigos em psicologia clínica fizeram uso destes procedimentos, foi necessário descrevê-los com clareza. O artigo mencionado expõe as diferentes etapas deste método e o nomeia como “Método de Explicitação do Discurso Subjacente” (MEDS) ou, na língua inglesa, como “Underlying Discourse Unveiling Method” (UDUM).



para a análise dos dados o material discursivo colhido durante a pesquisa. Quero dizer com isto que os instrumentos para a coleta de dados são construídos de forma personalizada em função das características do grupo de sujeitos, dos objetivos da investigação e do ambiente no qual esta se dá. Independentemente do tipo instrumento construído (questionários, roteiros de entrevista, roteiros para análise de discursos escritos, etc.) e do ambiente de sua aplicação (em locais de trabalho, na rua, na Internet, etc.), sua estrutura deve ser flexível o suficiente para permitir a livre expressão de diferentes pontos de vista a respeito das questões investigadas. Para tanto, são privilegiados tópicos de discussão abertos e evitadas perguntas de múltipla-escolha ou que conduzam a respostas de sim ou de não.

Aliando flexibilidade e sistematização, o MEDS fornece algumas coordenadas gerais para as várias etapas do processo de investigação. Inicialmente, são elaborados os critérios de recrutamento do grupo de sujeitos participantes, buscando-se a definição de um “perfil de alta-definição” (ver Nicolaci-da-Costa, Leitão e Romão-Dias, 2001). Em seguida, passa-se à etapa de construção e à testagem do instrumento por meio de um estudo-piloto e à coleta de dados propriamente dita. Finalmente, os dados colhidos são analisados por meio das técnicas de análise de discurso (ver Nicolaci-da-Costa, 1989 e 1994), a fim de detectar as principais categorias recorrentes no discurso dos participantes da pesquisa.

Uma vez expostas as linhas básicas do “Método de Explicitação do Discurso Subjacente”, relato, no que se segue, como este método foi aplicado no contexto específico desta pesquisa. Ou seja, apresento os critérios utilizados para o recrutamento dos terapeutas participantes, o estudo-piloto a partir do qual construí e testei o roteiro de entrevista utilizado, bem como o processo de realização das entrevistas e os procedimentos de análise dos depoimentos obtidos.

#### **4.2.1**

#### **Sujeitos da pesquisa**

##### **4.2.1.1**

##### **Critérios de recrutamento**

O primeiro passo para a realização da pesquisa foi o de definir os critérios de recrutamento dos terapeutas com os quais faria minhas entrevistas. Com base

nos objetivos propostos, três critérios mostraram-se particularmente relevantes. São eles: as abordagens clínicas adotadas pelos profissionais entrevistados, o tempo de prática dos terapeutas e o perfil de sua clientela.

A escolha das abordagens clínicas contempladas na pesquisa não foi trivial. Dada a maior complexidade que a elaboração deste critério envolveu, sua apresentação é mais extensa e detalhada que a dos demais. Vejamos as razões de tal complexidade.

Pelo fato de nada conhecermos a respeito dos impactos da Internet sobre os atendimentos psicoterápicos contemporâneos, não julguei apropriado limitar minha análise a uma única abordagem clínica. Considerei que – *idealmente* –, por se tratar de uma pesquisa sobre algo muito recente e desconhecido, esta deveria oferecer ao leitor uma visão geral e preliminar das relações entre a Internet e a prática clínica, abordando *questões comuns a diferentes abordagens*.<sup>4</sup>

Logo de início, porém, este ideal encontrou barreiras muito claras. Uma pesquisa de campo executada no contexto de um processo de Doutorado é levada a cabo individualmente e em um prazo de tempo relativamente curto. Além disto, as incontáveis abordagens clínicas hoje existentes na psicologia tornam evidente a inviabilidade de contemplar todas elas em uma pesquisa. Por essas razões, não tive a pretensão de traçar um panorama do campo “psi”.

Mesmo assim, continuei a considerar importante retratar de alguma forma a heterogeneidade de práticas que integram o campo da psicologia clínica. Por isto, optei por recrutar terapeutas pertencentes a duas abordagens que, apresentando diferenças teóricas e técnicas marcantes, representassem esta heterogeneidade.

Esta decisão levou-me, contudo, à difícil tarefa de escolher duas abordagens entre muitas. Para isto, busquei auxílio e inspiração nos estudos da psicóloga e

---

<sup>4</sup> É importante, aqui, ter em mente a discussão realizada no capítulo anterior, na qual, a partir da análise de Foucault (1957 e 1965) sobre a psicologia em geral, identificamos que as diferentes abordagens da psicologia clínica – apesar de suas especificidades – reúnem-se em torno de um projeto comum. Este se refere à produção de conhecimentos sobre as patologias e os conflitos humanos e à intervenção terapêutica com o objetivo de ajudar os homens a lidarem melhor com suas dificuldades. Nesta pesquisa, priorizei investigar as relações deste projeto comum com a difusão da Internet.

pesquisadora Jane Russo sobre a história do mundo “psi” no Brasil.<sup>5</sup> Nestes, a autora analisa a difusão da psicanálise nos anos de 1970, o movimento do lacanismo que vem caracterizando a psicanálise desde a década de 1980 e o desenvolvimento das terapias corporais também nesta mesma época. A partir desta análise, pude refletir sobre a inserção histórica de diferentes abordagens clínicas no contexto da psicologia brasileira. Pude, assim, escolher duas abordagens que, por desempenharem um papel relevante no desenvolvimento do campo “psi” no Brasil, atenderiam aos propósitos de minha pesquisa.

A escolha da primeira abordagem não apresentou maiores problemas. Dada a hegemonia da psicanálise no Brasil da década de 1970 e seu papel ainda importante (embora não mais hegemônico) nas décadas seguintes, definir a filiação à psicanálise como critério para o recrutamento de alguns terapeutas foi uma opção quase que imediata.

Já a definição da segunda abordagem foi um pouco mais difícil. O caminho mais simples e direto seria seguir a análise de Russo (1993 e 2002) e optar por uma abordagem que representasse o *boom* das terapias corporais, no Brasil, a partir dos anos de 1980. Nesta época, segundo a autora, houve um movimento de reação à hegemonia psicanalítica que levou ao desenvolvimento de diferentes práticas alternativas. Dentre estas, acrescenta Russo, as terapias corporais se destacaram pelo sucesso que obtiveram no mercado “psi” brasileiro.

Ocorre, porém, que algumas das características que Russo (1993) identificou nestas terapias pareciam não se coadunar com os objetivos de minha pesquisa. Em primeiro lugar, a *“indeterminação de suas fronteiras e o entrecruzamento de domínios habitualmente vistos como separados pelos saberes científicos tradicionais (exemplo: o terapêutico e o religioso)”* (p. 113) poderiam me levar a questões exteriores ao campo da psicologia clínica, campo no qual tinha a firme intenção de me manter (não era meu objetivo analisar a confluência entre saberes psicológicos e religiosos). Além disto, o fato destas terapias adotarem como instrumento básico de trabalho o corpo (concreto) em detrimento

---

<sup>5</sup> Refiro-me, especificamente, a dois trabalhos desta autora: *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80* (1993) e *O mundo “psi” no Brasil* (2002). No primeiro, Russo apresenta uma metódica pesquisa sobre o movimento das terapias corporais de inspiração reichiana no campo psicológico brasileiro, durante os anos de 1980. Já no segundo, faz uma análise histórica da psiquiatria, da psicologia e da psicanálise no Brasil, tanto como profissões quanto como visões de mundo que penetraram no imaginário nacional.

da palavra trazia à tona um outro complicador. Sendo a Internet uma tecnologia que exclui o corpo (concreto) da relação entre seus usuários e coloca a palavra (o texto) como a principal forma de contato entre eles, parecia-me incoerente recrutar justamente terapeutas que não privilegiam a palavra em suas análises do ser humano e do mundo.

Em decorrência disto, em que pese sua ampla difusão no contexto da psicologia clínica brasileira, as terapias corporais não se mostraram adequadas aos meus objetivos. No entanto, ainda inspirada em Russo (1993 e 2002), considerei importante escolher uma segunda abordagem clínica que representasse, de modo análogo ao das terapias corporais, um movimento de reação à psicanálise, tanto em relação à sua posição hegemônica no campo “psi”, quanto em relação à sua concepção de ser humano.<sup>6</sup>

Com base neste raciocínio, a abordagem da gestalt-terapia surgiu como uma alternativa interessante. Tal como as terapias corporais examinadas por Russo (1993), a gestalt se opõe à visão pessimista e pouco autônoma que a psicanálise tem do ser humano. De modo análogo ao dos terapeutas corporais, os profissionais da gestalt também haviam participado, ainda que de forma menos expressiva, dos eventos que impulsionaram a difusão das práticas terapêuticas alternativas no Brasil.<sup>7</sup>

Russo (1993) chama atenção, entretanto, para algumas diferenças significativas entre a gestalt-terapia e as terapias corporais. Para começar, a gestalt não coloca a intervenção no corpo como seu objetivo central e, conseqüentemente, não pode ser considerada uma terapia corporal *strictu sensu*. Além disto, diz a autora, esta abordagem entrou no meio “psi” antes das terapias corporais, ainda na

---

<sup>6</sup> A partir de Russo (1993), poderíamos dizer, de forma bastante simplificada, que a concepção psicanalítica de ser humano envolve uma visão de homem mais pessimista (na medida em que postula o conceito de pulsão de morte e instaura o “mal” como uma faceta inerente à existência humana) e menos autônoma (já que desconstrói a idéia do homem como senhor absoluto de seu próprio destino). Já as diferentes abordagens que se opuseram à psicanálise apresentam uma concepção de ser humano mais ideal e otimista, definindo-o como “*um indivíduo pleno de poderes, que tira a sua força da comunhão com a natureza, capaz de curvar a sociedade a seus desejos e impulsos*” (Russo, 1993, p. 203).

<sup>7</sup> No estágio inicial de difusão das terapias corporais, segundo Russo (1993), os eventos que divulgavam práticas clínicas alternativas contavam com a presença de diferentes abordagens clínicas. Além das abordagens corporais, marcavam lugar a gestalt-terapia, o psicodrama e, até mesmo, um segmento da psicanálise o qual poderíamos, ainda segundo Russo, chamar de uma “psicanálise alternativa”. Com o tempo, no entanto, o movimento das terapias corporais ganhou maior especificidade e congregou somente as abordagens que utilizavam o corpo como o espaço privilegiado de intervenção terapêutica.

década de 1970, e parece ter atraído profissionais de uma geração anterior à dos terapeutas corporais. Talvez por essa razão, acrescenta ela, os gestalt-terapeutas adotam caminhos bem mais convencionais e tradicionais do que os trilhados pelos terapeutas corporais. Em função destas diferenças, a gestalt-terapia não atendeu aos objetivos específicos de Russo (1993) e, portanto, não integrou seu recorte de investigação.

Para meus objetivos, contudo, as diferenças entre as terapias corporais e a gestalt-terapia, longe de serem um problema, tornaram esta última abordagem uma opção particularmente adequada à minha pesquisa. Ou seja, por um lado, a gestalt – ao privilegiar a palavra como instrumento terapêutico e ao estabelecer fronteiras mais rígidas e convencionais entre o científico e não científico – deixava de apresentar as características que me afastavam das terapias corporais. Por outro, a abordagem gestáltica apresentava algumas características similares às terapias corporais que eram interessantes aos meus propósitos (a reação à hegemonia da psicanálise e à sua concepção de ser humano). Por estas razões, a gestalt-terapia foi a segunda abordagem clínica escolhida para integrar minha investigação.

Finalmente, portanto, defini as duas abordagens clínicas que representariam a heterogeneidade da psicologia clínica em minha pesquisa. Ou seja, estabeleci que os terapeutas entrevistados deveriam ser *psicanalistas e gestalt-terapeutas*.

Já o segundo critério mostrou-se bem mais simples do que o primeiro e se referiu ao tempo de experiência clínica que os entrevistados deveriam ter. Julguei necessário ouvir terapeutas experientes, para que fossem capazes de estabelecer comparações entre dois períodos distintos de sua atuação profissional: o anterior à difusão da Internet no cotidiano de seus pacientes e o momento atual, no qual a Rede penetra intensamente nas mais variadas esferas da atividade humana. Considerando que, no Brasil, como já foi visto, a Internet difundiu-se a partir de 1995, estabeleci que *dez anos de prática clínica* seriam suficientes para que meus entrevistados pudessem refletir criticamente sobre os atendimentos pré e pós-Internet.

O terceiro e último critério relaciona-se ao perfil da clientela destes profissionais. Considerei relevante recrutar terapeutas que atendessem – pelo menos potencialmente – usuários da Internet (somente esses usuários poderiam ter experiências a relatar sobre esse novo mundo tecnológico). Isto significa, no

contexto brasileiro, recrutar profissionais com uma clientela oriunda das camadas médias e altas da população (no Brasil, a maior parte dos usuários da Internet está concentrada nestas camadas da população).<sup>8</sup> Na medida em que esta clientela, quando busca atendimento psicológico, recorre mais comumente a terapeutas que trabalham em consultórios particulares, estabeleci como critério de recrutamento o local de trabalho dos profissionais entrevistados. Ou seja, os terapeutas participantes da pesquisa deveriam exercer a prática clínica *em consultórios particulares*.

Em resumo, estabeleci que minha pesquisa seria realizada com 16 psicoterapeutas – 8 psicanalistas e 8 gestalt-terapeutas – que atendem há pelo menos 10 anos em consultórios particulares do Rio de Janeiro.

Ocorre, porém, que, ao iniciar o recrutamento dos sujeitos, percebi que algumas especificidades do perfil exigido criavam dificuldades na rotineira tarefa de garantir o anonimato dos participantes da pesquisa. Uma breve discussão a esse respeito será feita a seguir.

#### **4.2.1.2**

#### **Considerações sobre o anonimato do grupo de sujeitos**

Já é tradição, na ética que rege as pesquisas científicas, garantir que a identidade dos sujeitos não seja revelada. Comumente, os procedimentos envolvidos na preservação do anonimato são triviais. Basta trocar os nomes verdadeiros dos participantes por nomes fictícios e omitir trechos de depoimentos mais pessoais para que o leitor não tenha acesso à identidade dos sujeitos. São revelados, entretanto, outros dados importantes, tais como idade, profissão, escolaridade, etc.

No caso específico desta pesquisa, no entanto, os procedimentos acima indicados mostraram-se insuficientes. Isto porque, como exponho abaixo, o perfil do grupo de terapeutas se mostrou particularmente vulnerável à identificação.

---

<sup>8</sup> A desigualdade socioeconômica existente em nosso país e o alto custo dos computadores são duas das principais razões desta também desigual difusão da Internet no Brasil. Embora a análise dos aspectos sociais, políticos e econômicos do desenvolvimento das tecnologias digitais não façam parte dos objetivos deste trabalho, algumas pontuações a esse respeito foram feitas durante o segundo capítulo, em particular em meu exame das obras de Bauman (1997 e 1998), Lash (1995) e Castells (1999). Recapitulando, esses autores discutem, ainda que de diferentes óticas, o papel do desenvolvimento das novas tecnologias digitais na criação do que vem sendo chamado de uma nova modalidade de exclusão social.

Uma das razões desta vulnerabilidade é a de que os terapeutas recrutados integram uma mesma categoria profissional e desenvolvem suas atividades em uma única cidade brasileira. Além disto, os membros da comunidade “psi” costumam manter um alto grau de intercâmbio com seus pares, reunindo-se em diferentes atividades de grupo, por meio das quais passam a se conhecer mutuamente. Por estas razões, se comparados a grupos de sujeitos de outras pesquisas (mais heterogêneos, numerosos e geograficamente dispersos), os psicanalistas e gestalt-terapeutas entrevistados parecem ter maiores possibilidades de serem identificados.

Para tornar ainda mais complexa a questão da preservação do anonimato, pelo menos em parte, os prováveis leitores desta pesquisa serão *também* profissionais da área “psi”. Parece-me factível pensar que uma pesquisa executada por uma psicóloga clínica, junto a psicólogos clínicos, para divulgação no meio “psi” torne particularmente delicada a preservação da identidade de seus sujeitos.

Não bastasse o universo restrito da pesquisa, tive que lidar com uma mais uma dificuldade, a qual chamo de *efeito cascata*. Explico melhor. Nas entrevistas, os terapeutas não só emitiam suas próprias opiniões sobre a questão investigada, como também relatavam alguns de seus casos clínicos. Em decorrência disto, tive que me preocupar com o anonimato dos terapeutas e, também, com o de seus pacientes.

Para fazer face às dificuldades encontradas, tomei vários cuidados, seguindo os procedimentos éticos habituais acrescidos de outros menos usuais. Vejamos como contornei estas dificuldades.

Além de utilizar nomes fictícios, omiti outros dados comumente expostos nos relatos de pesquisas. A idade dos entrevistados, sua formação acadêmico-profissional, a localização de seus consultórios e o perfil detalhado da clientela, por exemplo, embora úteis para contextualizar a análise dos resultados, não foram expostos em minha apresentação. Vários depoimentos que continham palavras e expressões de uso muito idiossincrático também foram omitidos. Tomei, também, um cuidado especial com a apresentação dos casos clínicos que me foram relatados. Mencionei alguns destes somente quando estritamente necessário à contextualização da fala de um entrevistado. Nestas ocasiões, dei somente informações básicas, de modo a garantir a proteção da identidade do paciente.

Tendo esclarecido os procedimentos utilizados para a preservação do anonimato de meus entrevistados, traço, a seguir, um perfil genérico do grupo.

### **4.2.1.3 Um breve perfil dos terapeutas entrevistados**

Como já disse, foram entrevistados 16 psicólogos clínicos (8 psicanalistas e 8 gestalt-terapeutas). A idade destes profissionais variou entre 33 e 60 anos. A média destas idades foi de aproximadamente 44 anos.

Dado que não considere as questões de gênero relevantes para a minha investigação, não tive a preocupação de recrutar um número equilibrado de homens e de mulheres (guiei-me tão-somente pelos critérios de recrutamento já expostos). Em decorrência disto, entrevistei 15 mulheres e apenas 1 homem, números que nos remetem à tradicional caracterização da psicologia como uma profissão predominantemente feminina (sobre isto, ver Russo, 1993 e 2002).

Em relação à formação acadêmica, todos os profissionais são formados em psicologia, têm cursos de pós-graduação na área de ciências humanas (de especialização, de Mestrado e/ou de Doutorado) e formação específica em psicanálise ou em gestalt-terapia.

Profissionalmente, todos atuam como terapeutas há, em média, 19 anos (o tempo mínimo de experiência é de 10 anos e o máximo de 33 anos). Atendem em consultórios particulares e têm uma clientela considerável, composta, principalmente, por adolescentes e adultos das camadas médias e altas da população carioca. Alguns deles atendem, também, a crianças, casais e famílias.

## **4.2.2 A coleta de dados**

### **4.2.2.1 O estudo-piloto**

Normalmente realizado para testar o instrumento metodológico de coleta de dados, o estudo-piloto teve, nesta pesquisa, uma função adicional: a de construir o próprio instrumento. Pelo fato da produção da psicologia clínica (analisada no capítulo anterior) nada falar sobre os impactos da Internet sobre a prática clínica, não dispunha de pistas que me orientassem na construção do roteiro de entrevista.



Tornou-se necessário, portanto, realizar, em um primeiro momento, entrevistas livres, sem qualquer tipo de roteiro, a fim de colher junto a terapeutas experientes, alguns indicadores daquilo que merecia ser abordado nas entrevistas definitivas.

Com esta finalidade, fiz quatro entrevistas informais (com 2 psicanalistas e com 2 gestalt-terapeutas), guiada somente pela seguinte questão: o que está acontecendo nos consultórios a partir da entrada da Internet no cotidiano das pessoas?

Os depoimentos colhidos nestas entrevistas foram, então, submetidos às técnicas de análise de discurso desenvolvidas por Nicolaci-da-Costa (1989, 1994) e, por meio desta análise, foram identificados os tópicos que deveriam ser abordados nas entrevistas subseqüentes.<sup>9</sup> Com base nestes tópicos, um roteiro provisório de entrevista foi elaborado.

Em seguida, duas novas entrevistas-piloto foram realizadas, desta vez visando testar o roteiro recém-construído. Mais uma vez, o material coletado foi submetido às técnicas de análise de discurso, a fim de que fossem efetuadas as adaptações necessárias no roteiro. Acrescentando alguns tópicos e retirando outros, um novo roteiro foi construído e, guiada por este, passei, então às entrevistas definitivas.

#### **4.2.2.2 As entrevistas**

Com o intuito de obter depoimentos aprofundados dos 16 terapeutas participantes da pesquisa, optei por entrevistá-los pessoalmente. Como forma de registro, recorri à gravação, mediante a permissão dos sujeitos.

Para recrutar os entrevistados, solicitei a indicação de outros psicólogos clínicos de meu conhecimento. Quis, com isto, estabelecer um laço mínimo de confiança entre entrevistador e entrevistado, para que cada terapeuta se sentisse livre e seguro para se pronunciar a respeito das questões propostas.

---

<sup>9</sup> Os procedimentos envolvidos na análise de discurso das entrevistas-piloto foram os mesmos utilizados nas entrevistas definitivas. Estes procedimentos estão detalhados na seção 4.2.3 deste capítulo, intitulada “*A análise dos dados*”.

O local e a hora das entrevistas foram escolhidos pelos entrevistados, a fim de favorecer um clima informal e descontraído para as entrevistas.<sup>10</sup> Para guiarme, dispunha do roteiro construído a partir do estudo-piloto. Este roteiro continha duas partes, as quais detalho em seguida.

A primeira parte – como o quadro seguinte torna visível – era simples e objetiva, contendo somente dados gerais de identificação dos terapeutas.

<b>Dados de Identificação</b>	
Nome:	Sexo:
Idade:	Formação profissional:
Abordagem clínica:	Tempo de experiência:
Tipo de clientela:	

Quadro 1: Roteiro de entrevista – Parte I

Já a segunda parte do roteiro era composta de questões abertas sobre a Internet e a prática clínica, colocadas na forma de tópicos.<sup>11</sup> Algumas vezes, antes das questões abertas, havia algumas perguntas fechadas (que geravam respostas de sim ou de não), funcionando apenas como quebra-gelo ou como um simples elo de ligação entre um tópico e outro. Todos os tópicos foram abordados em todas as entrevistas, a fim de que pudesse analisar e comparar os depoimentos colhidos. A maneira de abordá-los, no entanto, variou, dado que os tópicos serviram tão-somente como lembretes para a entrevista e não foram colocados de maneira formal para os entrevistados. As questões foram sempre propostas em função do estilo e do ritmo de cada entrevista. Ou seja, respeitando o estilo de cada entrevistado e formulando as perguntas em função do ritmo da conversa, a entrevista ganhava o tom de um bate-papo agradável e informal, no qual o entrevistado podia se sentir à vontade para se manifestar livremente sobre os diversos tópicos colocados. A ordem destes tópicos também foi pensada de modo a imprimir um fluxo de conversa o menos artificial possível. Mesmo assim, caso o entrevistado abordasse algum tópico em uma ordem não prevista pelo roteiro, o encadeamento de seu raciocínio era respeitado, e a ordem de discussão dos tópicos

<sup>10</sup> Sobre a importância da realização de entrevistas em um clima espontâneo, ver Nicolaci-da-Costa (1989).

<sup>11</sup> Sobre a construção deste tipo de roteiro em tópicos abertos, ver Nicolaci-da-Costa (1989). Uma discussão sobre a importância de formularmos perguntas abertas ao invés de fechadas para obtermos respostas mais espontâneas e ricas dos entrevistados, ver, também, Nicolaci-da-Costa, Leitão e Romão-Dias (2001).

alterada. Além disto, todas as respostas dos entrevistados foram aprofundadas por meio de perguntas simples, tais como “Por quê?” ou “Como?”, visando colher depoimentos detalhados.

Esta segunda parte do roteiro foi dividida em três blocos. O primeiro – que batizei de “*A Internet fora do consultório*” – investigou como os próprios terapeutas lidam com a Rede na vida pessoal e no intercâmbio profissional. O quadro abaixo expõe na íntegra os tópicos explorados neste bloco.

<b>A Internet fora do consultório</b>	
1) Na vida pessoal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se acessa a Rede (em caso afirmativo, por que e desde quando; em caso negativo, por que não).</li> <li>• Caso a acesse, que relação estabelece com a Rede na vida privada (impressões, hábitos e preferências). Caso não a acesse, que impressões tem a esse respeito.</li> </ul>
2) No intercâmbio profissional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se tem contatos via Rede (em caso afirmativo, por que e com qual finalidade; em caso negativo, por que não).</li> <li>• Conhecimento que tem a respeito da produção da psicologia sobre a Internet (sobre quais assuntos, por meio de que fontes de informação e a partir de que pontos de vista). Caso não tenha nenhum conhecimento a esse respeito, qual a razão para isto.</li> </ul>

Quadro 2: Roteiro de Entrevista – Parte II – Bloco I

Já o segundo bloco – que chamei de “*A Internet no consultório*” – abordou em detalhes as experiências clínicas relacionadas à vida on-line dos pacientes, os pontos de vista que os terapeutas têm a esse respeito, as intervenções clínicas que fizeram e outras questões diretamente relacionadas ao cotidiano da prática clínica. O próximo quadro descreve os tópicos discutidos neste bloco do roteiro.

<b>A Internet no consultório</b>
1) Se existem relatos dos pacientes acerca de experiências na realidade da Internet e desde quando.
2) Em caso afirmativo, quais as primeiras impressões e reações do terapeuta a esses relatos.
3) Quais as características desses relatos.
4) Recursos que o terapeuta utilizou para dar sentido aos relatos sobre a Internet (categorias de análise, teorias e informações que serviram como suporte).
5) Análises e pontos de vista que o terapeuta construiu sobre estes relatos.
6) Tipos de intervenção realizada.
7) Se já houve algum contato (ou iniciativa de contato) via Rede entre paciente e terapeuta (se houve, de que tipo e se não houve, por que não).

Quadro 3: Roteiro de entrevista – Parte II – Bloco II

O terceiro e último bloco – batizado de “*Generalizando...*” – abordou, não mais a experiência clínica de cada terapeuta, e sim suas impressões gerais sobre os atendimentos psicoterápicos na Era da Internet. No quadro abaixo, constam os tópicos propostos para esta discussão de cunho mais genérico.

<b>Generalizando...</b>
1) Conseqüências da difusão da Internet para a prática clínica contemporânea.
2) Conseqüências da difusão da difusão da Internet para o processo de construção da subjetividade contemporânea.

Quadro 4: Roteiro de Entrevista – Parte II- Bloco III

Guiada por este roteiro, entrevistei os 16 terapeutas que participaram da pesquisa. De posse do vasto material colhido, pude, finalmente, dar início à análise dos discursos de meus entrevistados. Para este fim, segui alguns procedimentos de análise específicos, os quais descrevo em seguida.

### 4.2.3

#### A análise dos dados

Todas as entrevistas foram transcritas e submetidas, tal como no estudo-piloto, às técnicas de análise de discurso propostas por Nicolaci-da-Costa (1989, 1994 e 2002). De forma resumida, a análise é dividida em duas grandes etapas – a da análise inter-sujeitos e a da análise intra-sujeitos – realizadas repetidas vezes até que seja obtida uma interpretação aprofundada do material coletado.

Inicialmente, é feita uma análise inter-sujeitos, por meio da qual busca-se obter uma visão panorâmica do conjunto de depoimentos e identificar as tendências principais apresentadas pelo grupo de entrevistados. Para isto, são reunidas todas as respostas de todos os sujeitos a cada um dos tópicos do roteiro. Em outras palavras, as respostas dos sujeitos ao tópico 1 são agrupadas e categorizadas em função das respostas mais recorrentes. Em seguida, as respostas dadas ao tópico 2 são também agrupadas e categorizadas e assim sucessivamente, até que todos os tópicos tenham sido analisados separadamente. Por meio deste procedimento, as primeiras categorias de análise são construídas a partir das respostas semelhantes dadas a um mesmo tópico. Estas categorias expressam os primeiros resultados relevantes que, embora ainda inconclusivos e superficiais, fornecem uma visão geral do conjunto de depoimentos.

De posse destes resultados, passa-se à etapa seguinte, ou seja, à análise intra-sujeitos. Nesta etapa, a visão panorâmica dos depoimentos do grupo é temporariamente abandonada para que cada entrevista seja examinada individualmente. Este exame minucioso visa identificar conflitos de opiniões, inconsistências entre respostas e possíveis sentimentos contraditórios. Os conflitos e inconsistências no plano individual formam novas categorias de análise, extremamente importantes para os estudos na área da psicologia clínica, área que, como já discutimos, busca particularmente a análise da dimensão de conflito presente no ser humano.

Ocorre, porém, que as inconsistências e conflitos detectados em uma única entrevista, embora interessantes à guisa de ilustração, podem não aparecer nas demais. Para que não dediquemos nossa atenção a casos isolados, faz-se necessário retornar à primeira etapa e analisar novamente as entrevistas em bloco. Busca-se, com esta nova análise inter-sujeitos, checar se as categorias que emergiram na etapa anterior (a da análise intra-sujeitos) são recorrentes no conjunto das entrevistas.

Por meio deste vai-e-vem, é possível definir as categorias de análise que melhor representam os resultados obtidos, conciliando uma visão panorâmica do grupo de sujeitos com o conhecimento em profundidade de seus conflitos e inconsistências. Repetindo, quantas vezes sejam necessárias, as análises inter e intra-sujeitos, torna-se possível dominar o material a fundo, de modo a detectar as sutilezas dos sentimentos, mal-estares e conflitos do grupo de entrevistados.

É importante destacar, ainda, que estes procedimentos, freqüentemente, dão origem a categorias de análise bem diferentes dos tópicos do roteiro de entrevista utilizado. Na análise dos resultados, estes tópicos são utilizados somente como ponto de partida para o trabalho de interpretação dos resultados. De fato, o que se busca é identificar categorias que expressem o quê de espontâneo, original e imprevisível foi dito pelos entrevistados. Por esta razão, a análise dos resultados acaba por apresentar uma organização bem distinta daquela que, inicialmente, o roteiro poderia sugerir. Passemos, então, ao capítulo seguinte, no qual são examinados os principais resultados desta análise.

## 5

### **Impactos da Internet sobre a prática clínica: Apresentação e discussão dos resultados da pesquisa**

Neste capítulo, exponho em detalhes os principais resultados da pesquisa que, vale lembrar, buscou conhecer, da ótica de psicanalistas e gestalt-terapeutas, os impactos da penetração da Internet em seus consultórios.

#### **5.1 Resultados**

##### **5.1.1 Os primeiros contatos**

O relato de uma pesquisa não costuma incluir comentários sobre a etapa de marcação das entrevistas. Vista como um trabalho objetivo (quase automático) de recrutar participantes e de agendar a hora e o local de encontro, não é usual que esta etapa revele algum dado relevante para os objetivos da investigação.

Ocorre, porém, que, nesta pesquisa, uma reação comum à maioria dos sujeitos chamou minha atenção. Esta diz respeito à surpresa que manifestaram diante do convite para participar de meu trabalho de campo. Embora tenham se mostrado muito disponíveis para a entrevista, a maioria dos terapeutas comentou algo sobre o caráter inusitado da investigação e, em seguida, colocou em dúvida a relevância das contribuições que poderiam dar. “Interessante”, disse um terapeuta. “Não sei se eu posso ajudar muito, não tenho muito contato com isso em minha clínica”, falou outra. “Eu não tenho muito a falar sobre isso”, acrescentou uma terceira entrevistada.

Diante de vários comentários como estes, eu mesma, na qualidade de pesquisadora, tive receio de que as entrevistas não fossem muito proveitosas. Mesmo assim, considerando que todo trabalho de campo pressupõe que o pesquisador esteja preparado para lidar com o imprevisível, dei prosseguimento à pesquisa, realizando as entrevistas com os profissionais contatados. Vejamos os principais resultados revelados nestas entrevistas.

### 5.1.2 O uso pessoal da Internet

Todas as entrevistas tiveram o mesmo ponto de partida: o uso que cada terapeuta faz da Rede em sua vida cotidiana. A partir disto, foi possível identificar algumas características comuns ao grupo de sujeitos, as quais apresento abaixo.

Todos os entrevistados são usuários da Internet mas, em sua maioria, utilizam-na relativamente pouco e para objetivos muito específicos. Acessam a Rede com frequência bastante irregular (poucos se conectam diariamente) e não gastam mais do que meia hora em cada acesso. Em sua maioria, limitam suas atividades na Internet à utilização do correio eletrônico para a troca de mensagens de cunho profissional. Mesmo assim, utilizam-no somente em situações específicas: quando a distância impede outra forma de contato e quando a troca de informações via Rede agiliza a realização de tarefas em grupo (em outras situações, preferem o contato pessoal ou telefônico). Somente 4 dos entrevistados trocam e-mails de cunho pessoal.

Além de usarem o correio eletrônico, alguns dos entrevistados fazem pesquisas esporádicas em sites de psicologia. Nenhum deles frequenta salas de bate-papo ou de jogos on-line. Alguns depoimentos, transcritos abaixo, exemplificam o uso da Internet por parte dos terapeutas entrevistados.

Virgínia Sá (psicanalista) revela a irregularidade e a falta de curiosidade que caracterizam seu acesso à Rede:

“Olha, eu poderia usar bem mais do que uso. É um pouco preguiça. Eu uso e-mail, um pouco. Acaba que eu prefiro o telefone. Eu sei usar, tenho acesso, mas passo um tempão sem checar nada. Tipo assim, se me solicitar, se eu tiver que trabalhar com a Internet, eu vou lá fazer. Mas eu não tive a curiosidade, uma coisa minha de ir até ela. Se ela [a Internet] me puxar, eu vou.”

Já Ricardo Figueiredo (psicanalista) faz uso da Internet regularmente. Apesar disto, considera a Rede “lenta”, “chata” e útil somente em algumas situações específicas:

“Eu uso muito e-mail, pesquisas, para falar com amigos que viajam. Mas, pra te falar a verdade, meu tempo é escasso. E eu acho muito lento. Eu acho chatíssimo. Muitas vezes, eu prefiro pagar uma ligação internacional a ficar esperando o tempo de conexão. É fundamentalmente trabalho. Por exemplo, você entra pra procurar um livro que nem você fazia antigamente nos sebos da cidade. É trabalho.”



Alice Falcão (gestalt-terapeuta), embora curiosa, também parece não ter se entusiasmado com as novas possibilidades da Internet:

“A minha relação com a Internet é bastante limitada. Eu não participo de bate-papo. (...) Uso e-mail. Essas coisas básicas, fundamentais, profissionais. Não tenho experiências, até o momento, de trocar e-mails afetivos com amigos. (...) Eu uso mais com um caráter informativo, utilitário. (...) Eu diria que é uma relação fria. Eu meio que me intero da linguagem, porque sou curiosa. Mas não tenho paixão.”

Tal como Alice, Silvana Medeiros (gestalt-terapeuta) faz uso da Rede somente por necessidades profissionais:

“Eu não tenho paciência nem prazer com qualquer tipo de máquina. Eu não tenho interesse. O computador e a Internet são uma necessidade. Uso e-mail. Agiliza meu trabalho pra caramba (...) Não é algo que me seduz. Eu até chamava o computador de ‘*serial killer*’ [risos].”

Estes depoimentos sugerem que os terapeutas utilizam pouco a Internet pelo fato de não encontrarem maiores atrativos nas atividades que esta disponibiliza. Para o grupo, a Internet não desperta curiosidade, não diverte, não seduz e não gera prazer, funcionando somente como uma ferramenta de trabalho útil.

Há, no entanto, algumas exceções que merecem ser examinadas. Três terapeutas contam que algumas de suas experiências on-line, longe de se caracterizarem como “uma relação fria” e “limitada” como as da maioria dos sujeitos, foram capazes de suscitar reações bastante intensas. A análise do discurso desta minoria pode revelar informações interessantes. Vejamos o que esta análise revela.

O primeiro depoimento é de Mariana Vasconcelos (psicanalista), que fala do sofrimento que experimentou nas poucas vezes em que se aventurou a pesquisar nas páginas da Web. Enquanto o uso do e-mail não lhe causa nenhum impacto, a atividade de navegação lhe gera estresse. Nas suas palavras:

“Uso e-mail. (...) Navegar não. Eu me perco, não sei aonde clico, pra onde que eu vou. É muita informação. É um sofrimento. É estressante. Esse excesso é muito complicado.”

As razões do sofrimento de Mariana são reveladas por meio de uma palavra-chave: “excesso”. Explico melhor. Mariana diz que navegar na Rede gera sofrimento por disponibilizar um volume excessivo de informações, isto é, pelo fato de a quantidade de informações colhidas ultrapassar sua capacidade de

absorvê-las e de organizá-las. “Eu me perco, não sei aonde clico, pra aonde que eu vou”, diz ela. Para minimizar seu estresse, Mariana encontra uma saída. “Navegar não”, afirma ela, eliminando a atividade de pesquisa de sua vida on-line.

O segundo depoimento traz a reflexão de Elza Barroso (gestalt-terapeuta) sobre os motivos pelos quais usa a Internet apenas ocasionalmente. Em sua fala, a expressão “não vou dar conta” parece ter um sentido similar ao que a palavra “excesso” adquire no relato de Mariana. Observemos como esta expressão aparece em seu discurso:

“Me sinto desconfortável em relação ao mundo da Internet. Eu tenho muitos livros pra ler que eu sei que não vai dar tempo. Eu tenho uma clínica que me exige muito, que me exige demais. Eu tenho muitas atividades em minha vida. A Internet me apresenta possibilidades infinitas de uso. Mais possibilidades. Então, eu tenho a sensação de que, se eu for incluir muito a Internet, eu não vou dar conta.”

Duas fontes distintas de excesso são apontadas por Elza. A primeira (apenas indiretamente ligada à Internet) relaciona-se às “muitas atividades” de seu dia-a-dia. Uma vez que sua vida off-line já é excessiva, não sobra muito espaço para a Internet. Para complicar, a Rede lhe acena com “possibilidades infinitas”. Aqui está a segunda fonte de excesso. Unindo os excessos das vidas on-line e off-line, o desconforto de Elza vem à tona. “Eu tenho a sensação de que (...) não vou dar conta”, ela conclui. Parafraseando o depoimento de Mariana (apresentado acima) este excesso é, de fato, muito complicado. Tal como Mariana, Elza também encontra uma solução para administrar seu cotidiano: utiliza a Rede somente para a troca eventual de e-mails.

Já o terceiro e último depoimento é bem diferente dos dois anteriores. Neste, Fernanda Santos (gestalt-terapeuta) fala de sentimentos positivos gerados pela troca freqüente de e-mails com seus amigos. Para ela, a Internet gera prazer. É interessante observar, contudo, que lidar com este prazer não é tarefa fácil:

“A Internet ocupa um lugar na minha vida e nas minhas relações. Tipo, eu chego em casa, falo com algumas pessoas no telefone e eu quero, eu tenho prazer, eu desejo entrar na Internet pra ver o que as pessoas mandaram, se responderam à minha mensagem. Mas tudo isso não é pra mim, ainda, e eu espero que não seja, uma coisa que eu sinta muita falta. Tipo: ‘ai, meu deus’, desesperada se não tiver. Porque tem o risco meio delicado de virar uma coisa mais importante do que deve ser. Sei lá. Que ocupe demais meu tempo. Isso me incomodaria.”

Justamente por ter prazer em suas atividades na Rede, Fernanda tem medo de ultrapassar os limites por ela considerados aceitáveis. Dar muita importância à vida on-line e passar tempo demais conectada são alguns dos temores que novamente relacionam a vida on-line a excessos. Diferentemente de Elza e Mariana, Fernanda parece ter limites mais elásticos para definir o que seriam, de seu ponto de vista, estes excessos. Por essa razão, além do uso como ferramenta profissional, utiliza a Internet para falar com amigos. Mostra-se, no entanto, preocupada com o possível incômodo que o uso excessivo da Internet pode gerar.

Estes três depoimentos – os quais chamei de discurso da minoria – sugerem que reações intensas são experimentadas sempre que o uso da Internet gera (ou ameaça gerar) algum tipo de excesso (de informação, de atividades, de tempo de conexão), pondo em risco a organização e administração da vida cotidiana. Parecem sugerir, também, que as três terapeutas em questão reagiram a este excesso de forma semelhante. As três optaram por utilizar a Internet de forma comedida, de modo a se exporem o mínimo possível aos excessos que vislumbraram.

A análise do discurso da minoria, mais do que ressaltar contrastes, explicitou semelhanças entre os usos que o grupo faz da Internet.

Em um nível mais superficial dos discursos, a diferença entre estas três entrevistadas e os demais sujeitos da pesquisa salta aos olhos. Enquanto a maioria dos entrevistados afirma que o uso da Internet não gera impactos da ordem de reações e sentimentos, a minoria revela que diferentes fontes de excesso encontradas na Rede deram origem a reações muito intensas. Ou seja, enquanto a maioria estabeleceu uma “relação fria” com a Internet, três dos entrevistados tiveram uma relação que pode ser definida como *tensa*. Tensa, acima de tudo, por colocar em xeque os limites que propiciam a organização e a administração da vida cotidiana.

É justamente na questão dos limites, contudo, que os entrevistados parecem se aproximar. Praticamente todos parecem colocar limites claros e precisos para o uso da Rede. A maioria deles estabeleceu-os *a priori*. Para estes, a Internet tem uma função meramente instrumental e os excessos com os quais poderiam vir a se deparar não chegaram a ser experimentados e conhecidos. Já os outros três terapeutas se aventuraram um pouco mais, testaram alguns limites e conheceram alguns tipos de excesso gerados pelo uso mais intenso da Internet. Contudo, à

exceção de Fernanda Santos (gestalt-terapeuta), a chamada minoria misturou-se ao restante dos entrevistados e erigiu, *a posteriori*, os mesmos limites que os demais terapeutas haviam colocado logo de início. Por vias distintas, quase todos construíram o mesmo perfil de usuário: o de um usuário comedido, que usa a Rede instrumentalmente, não se expõe a excessos e põe uma série de limites para sua utilização (é importante lembrar que poucos mandam “e-mails afetivos” ou navegam e nenhum frequenta salas de chat ou de jogos). Para os terapeutas, o uso pessoal da Internet parece estar a salvo da questão dos excessos e relaciona-se quase que exclusivamente à absorção de uma nova ferramenta, útil para determinados contatos com seus colegas de trabalho.

Ocorre, porém, que um outro espaço das vidas destes terapeutas começa a sentir os efeitos da penetração da Internet. Refiro-me, aqui, à chegada da Internet aos seus consultórios. No que se segue, exponho como isto aconteceu.

### 5.1.3 A Internet na clínica

Crianças que contam suas aventuras em *games* on-line e que estranham a inexistência de um computador com Internet nos consultórios de seus terapeutas. Adolescentes que encarnam diferentes personagens nos chats, montam sites e trocam incontáveis e-mails. Homens e mulheres que procuram parceiros amorosos na Rede, fazem sexo virtual, vivem encontros e desencontros, tramam traições. Idosos que descobrem as novidades da Web e nela encontram uma forma de ocupar seu tempo ocioso. Pessoas de várias idades que se atrapalham com a complexidade do mundo digital.

Há aproximadamente três anos, dizem os sujeitos da pesquisa, experiências como estas passaram a integrar o cotidiano da prática clínica. Elza Barroso (gestalt-terapeuta), Virgínia Sá (psicanalista), e Alice Falcão (gestalt-terapeuta) contam como, gradativamente, foram percebendo a chegada da Internet em seus consultórios:

“Eu fui ouvindo primeiro como uma coisa de pessoas ligadas à própria área da informática. Então pra mim isso estava dentro de uma coerência. Era circunscrito. Mas, de repente, o uso ficou mais espalhado. Então, eu comecei a ver isso chegando muito na clínica.” (Elza Barroso, gestalt-terapeuta)

“Há três anos, tinha um ou outro paciente falando, pedindo meu e-mail. Hoje, isso já faz parte de meu cotidiano.” (Virgínia Sá, psicanalista).

“Na clínica, eu até já tinha clientes que se conectavam, mas não tinha assim nenhum atravessamento. Alguns pacientes falavam nisso, mas não tinha nada de especial. Isso começou a ficar mais presente há uns dois ou três anos atrás.” (Alice Falcão, gestalt-terapeuta)

Já outros terapeutas têm experiências um pouco diferentes. Para estes, a chegada da Internet em seus consultórios já se faz sentir, mas não com a frequência e com a intensidade que os depoimentos anteriores parecem sugerir. É o que dizem, por exemplo, Mônica Villaça (psicanalista) e Silvana Medeiros (gestalt-terapeuta):

“O que rola é algum paciente contando de alguma experiência que ele tenha tido assim. Um paciente que estava num momento de estar buscando relações. Estava carente, sem ninguém, correndo atrás. Entre outras coisas ele ensaiou uns contatos pela Internet. Nada muito freqüente.”(Mônica Villaça, psicanalista)

“Eu tenho, na minha clínica, poucos relatos. Eu já tive situações de clientes trazerem coisas sobre a Internet. Até alguns casos de clientes que namoraram pela Internet. Uma chegou a pensar em casamento. Mas o uso da Internet que a maioria dos clientes trazem é um uso puramente profissional. Não tem uma história clínica.” (Silvana Medeiros, gestalt-terapeuta)

Para minha surpresa, estes e outros depoimentos – apesar de revelarem diferentes tipos de experiência clínica com usuários da Rede – são indicativos de que os terapeutas entrevistados já têm algo a dizer a respeito da chegada da Internet aos seus consultórios. Se, de início, a maioria deles acreditava ter pouco a contribuir para a pesquisa, no decorrer da mesma, terapeutas e pesquisadora descobriram *juntos* que há muito mais a ser dito sobre a penetração da Internet na clínica “psi” do que os primeiros contatos com os entrevistados levaram a supor.

Considero que esta descoberta mútua não deve ser desconsiderada, posto que expressa o quanto todos aqueles que trabalham no campo da psicologia clínica (tanto terapeutas como pesquisadores) ainda estão confusos em relação aos novos impactos da Internet sobre a prática clínica. Alguns dos entrevistados chegaram a tecer comentários relativos ao caráter recente de tais impactos, enfatizando o fato de que, durante a pesquisa, puderam refletir sobre questões a respeito das quais pouco haviam parado para pensar anteriormente.

Virgínia Sá (psicanalista), por exemplo, diz no início da entrevista :

“Sabe, eu tava pensando aqui, antes da entrevista, no seu tema de pesquisa. Eu nunca tinha pensado nisso. Eu parei pra pensar e vi que já tem muita coisa sobre a Internet acontecendo.”

Eliane Cabral (psicanalista) também revela que a entrevista serviu, em alguns momentos, como um espaço para a elaboração de novos pontos de vista sobre questões também novas. Refletindo sobre a função que o uso cotidiano da Rede exercia na vida de um paciente, ela diz:

“Eu nunca pensei sobre isso. Deixa eu dar uma meia-trava.”

Daniela Marques (psicanalista) é outra terapeuta a enfatizar que o fato de ter dedicado um pouco de seu tempo à entrevista acabou chamando sua atenção para diversas questões relativas à penetração da Internet em sua prática clínica. Nas suas palavras:

“Essa entrevista tá sendo legal pra chamar minha atenção pra importância de tudo isso. Eu não acompanho nada [a respeito da produção da psicologia clínica sobre a Internet]. A maioria dos ‘psi’ são pouco ligados à tecnologia de maneira geral. (...) Mas a gente tem que se aproximar e entender isso. *Porque as pessoas estão falando disso o tempo todo no consultório* (...) Eu procuro entender isso através de cada pessoa. Mas eu poderia entender de uma forma mais generalizada. A experiência clínica fica muito no particular. *Acho que a gente tem que começar a trocar sobre isso, a conversar. A gente precisa construir alguma coisa mais fundamentada sobre isso.*” (minhas ênfases)

Daniela resente-se da falta de conhecimentos consistentes e “fundamentados” que articulem suas idéias preliminares sobre o papel da Internet na clínica. Enfatiza, também, que a troca com outros profissionais da área seria uma importante via para a sistematização de experiências ainda muito dispersas e confusas.

Raquel Figueiredo (gestalt-terapeuta) parece concordar com Daniela, ressaltando a falta de uma visão global do papel da Rede no contexto clínico:

“Nunca tinha parado pra pensar nisso [na Internet na clínica]. Essa entrevista acaba funcionando como uma auto-supervisão. Eu nunca tinha visto por esse lado. Eu via pelo lado singular, pelo lado de cada paciente. Nunca na visão de um todo.”

As falas de Virgínia, Eliane, Daniela e Raquel são exemplos preciosos que podem auxiliar o leitor a captar *o clima e o tom* da maioria das entrevistas realizadas. Parece não haver dúvidas de que os terapeutas vêm sentindo – com

diferentes intensidades – os efeitos da chegada da Internet na clínica. Atentos, buscaram compreender tudo isso “pelo lado singular”, “pelo lado de cada paciente”, “através de cada pessoa”, “por uma escuta caso a caso”, etc. Muitos deles, porém, parecem perceber que estão diante de algo maior do que a simples presença da Internet em alguns casos clínicos. Detectando algo novo e ainda desconhecido, revelam sentir falta da “visão de um todo”, de “alguma coisa mais fundamentada” que integre fragmentos clínicos e idéias dispersas que vêm surgindo no dia-a-dia do trabalho em seus consultórios. Assim sendo, sugerem que novos conhecimentos devem ser construídos por meio de muita reflexão e da troca entre os profissionais da área da psicologia clínica. A fala de Alice Falcão (gestalt-terapeuta), apesar de um pouco extensa, resume com propriedade as preocupações que a maioria do grupo de sujeitos revelou durante a pesquisa e que deu o tom das entrevistas realizadas:

“Minha preocupação maior é pensar sobre que sujeito é esse que está diante de mim. Quero conversar com os meus parceiros. Falta isso. Porque [a prática clínica] é uma prática tradicionalmente individual. E é até um pouco assustadora, porque ali, entre quatro paredes, você fica à mercê daquele encontro. *E a gente precisa combater isso, evitar que o novo, que nossas dúvidas e nossos medos fiquem entre as quatro paredes de nosso consultório.* Mesmo sem a gente querer, sem a gente sentir, ou parar para discutir, a clínica fora dos moldes que nós conhecemos vai acontecer muito antes do que a gente imagina. É uma questão de tempo e o tempo hoje corre rápido. E acho que a gente tem que correr. Não correr para se instrumentalizar. Tipo, ah, vou ter que usar muito bem o computador. *Mas discutir, uma discussão mais contextualizada. Tem um caminho pra ser feito, senão, a gente se perde.*” (minhas ênfases)

A maioria das entrevistas transcorreu neste clima, ou seja, como um momento de “troca” ou, como disse Raquel Figueiredo (gestalt-terapeuta), como uma “auto-supervisão”. Em outras palavras, para muitos dos terapeutas, as entrevistas serviram como um espaço no qual algumas questões presentes no cotidiano da prática clínica puderam ser percebidas com maior clareza e repensadas com maior distanciamento. Muitas destas entrevistas foram uma oportunidade de pensar de forma menos particularizada a respeito dos casos clínicos, procurando integrá-los na medida do possível. Foram, também, como muitos terapeutas sugeriram, uma oportunidade de discutir “o novo”, suas “dúvidas e medos”. Em decorrência disto, estas entrevistas foram extremamente ricas e instigantes mas, em alguns momentos, também muito difíceis. Afinal, os terapeutas estavam encarando o desafio de falar a respeito de questões sobre as

quais ainda há poucas referências a serem seguidas e poucas certezas a serem reveladas. Mais do que isto, estes profissionais estavam disponíveis para explicitar suas dúvidas e incertezas e para apresentar idéias ainda em estado bruto.

Em meio à diversidade de depoimentos que obtive nestas entrevistas, um conjunto expressivo de relatos chamou minha atenção. Este se refere aos relatos sobre as reações dos próprios terapeutas quando seus pacientes começaram a levar às sessões suas novas descobertas no mundo da Internet. Passo, então, à apresentação das principais reações que me foram reveladas.

### 5.1.3.1

#### Primeiras reações

Quando da chegada da Internet ao contexto clínico, a primeira reação foi unânime: se algo diferente aparece na fala dos pacientes, este “algo” – novo ou não, conhecido ou não, inteligível ou não – deve ser acolhido pelo terapeuta. De diferentes óticas, todos os profissionais entrevistados assinalam a inevitável necessidade de acolhimento dos relatos sobre as experiências on-line de seus pacientes.

Alguns entrevistados, por exemplo, consideram que os relatos de experiências na Internet não vêm trazendo novas questões para o atendimento de seus pacientes. Apesar disto, acrescentam, uma vez levadas às sessões, estas experiências devem necessariamente ser acolhidas pelos terapeutas. Vejamos o que dizem Ricardo Magalhães (psicanalista) e Mônica Villaça (psicanalista) a esse respeito:

“As pessoas depositam intensidades na Internet como depositavam no cinema, no rádio e na televisão. Portanto, faz parte de nossa realidade. Fazendo parte dela, faz parte da clínica.” (Ricardo Magalhães, psicanalista)

“Nos meus casos, é uma coisa assim ...Em si mesmos, eles não trazem nada de muito novo. Não são muito diferentes do que a gente pode ouvir numa conversa no bar. Claro que em si mesmos, porque a significação da pessoa ter trazido aquilo ali pra sessão é outra história. Em si mesmo, ser um contato virtual ou não ser, não faz a menor diferença. Mas, certamente, faz alguma diferença dentro do fluxo associativo do paciente.” (Mônica Villaça, psicanalista)

Para a maioria dos entrevistados, contudo, os relatos sobre a Internet não somente devem ser acolhidos, como também parecem levantar novas questões para aqueles que atuam como terapeutas na contemporaneidade. Seguem-se



alguns trechos de depoimentos que enfatizam o caráter novo e desconhecido da chegada da Internet aos consultórios “psi”.

Eliane Cabral (psicanalista), por exemplo, revela que os terapeutas não poderiam imaginar, há alguns anos, os efeitos gerados pela Internet na atualidade:

“A gente foi tendo que introduzir o efeito da TV na vida das pessoas. O do computador e o da Internet foi outro, muito mais extenso. (...) Essas são coisas que, a anos atrás, eram impensáveis numa psicanálise. E essas coisas têm que ser acolhidas.”

Marisa Oliveira (psicanalista) parece concordar:

“Muitos pacientes trazem muito a questão dos e-mails. É uma outra forma de comunicação que não existia antes. Já trouxeram, em diferentes momentos, encontros através de chats. Essas coisas são todas muito novas. E tudo isso entrou como uma associação dos pacientes. E, entrando nessa associação, a gente tem que lidar com isso.”

Elza Barroso (gestalt-terapeuta) conta que, tão-logo começou a ouvir relatos sobre a Internet, detectou a chegada de algo muito novo à clínica:

“Na primeira vez que eu tive contato com a Internet, eu pensei: ‘vem algo muito novo por aí.’ (...) Eu fui escutando. Meus pacientes começaram a falar disso. Aí eu comecei a me ver como alguém que nunca lidou com máquinas. Rapidamente, passei a usar o computador e a Internet.”

Já Patrícia Rezende (gestalt-terapeuta) enfatiza o quanto seus pacientes passaram a levar às sessões novas questões a partir do que experimentavam na Internet:

“Muita coisa mudou no atendimento dessas pessoas [usuárias da Rede]. As pessoas começaram a aprender coisas a respeito delas próprias através de um novo canal. E esse canal era a Internet.”

Estes e outros depoimentos parecem revelar que, para a grande maioria dos terapeutas entrevistados, a chegada da Internet em seus consultórios foi recebida como algo muito novo e desconhecido. Em decorrência disto, não foram poucas as reações que estes profissionais experimentaram ao travar contato com tudo isso. Dou alguns exemplos.

Virgínia Sá (psicanalista) relembra o susto que levou ao conhecer as novas aventuras de uma de suas pacientes, que começava a procurar namorados pela Internet:

“Veio como um susto primeiro. Deu aquele espanto mesmo. Um certo ‘o que que vai ser isso?’, ‘o que é isso?’ Como uma visão de uma coisa estranha, sem saber como as pessoas iriam se adaptar a isso.”

Patrícia Rezende (gestalt-terapeuta) também se espantou com a chegada da Rede ao seu consultório. Sua primeira reação foi :

“Tipo: opa! Como é que se lida com isso? Caramba, como é que se faz isso?”

Já Dora Cerqueira (psicanalista) ouviu, com muita reserva, as iniciativas de sua paciente (uma adolescente) em fazer amizades pela Internet. Dado que esta paciente tinha dificuldades de relacionamento, qualquer movimento para ampliar suas amizades no mundo off-line era valorizado na terapia. Em contrapartida, as iniciativas no mundo on-line despertaram, em Dora, muitas desconfianças. Hoje, passado algum tempo, Dora faz uma autocrítica de suas primeiras reações:

“Era alguma questão muito nova. (...) Mas eu ouvi aquilo tudo com muita reserva. (...) [Sua paciente] Estava indo ao cinema que é uma coisa, bem, era uma conquista pra ela, pra vida dela. Eu aplaudi e veiculei isso de alguma maneira pertinente ao espaço terapêutico. Não foi dessa maneira que eu recebi a Internet. Eu poderia ter tratado isso como mais uma conquista. *Eu poderia ter aplaudido isso também. Não foi dessa maneira que eu recebi a Internet.*” (minhas ênfases)

Mariana Vasconcelos (psicanalista), por sua vez, fala do conflito com o qual se deparou ao ouvir um relato sobre namoros virtuais:

“Foi a primeira pessoa que eu conheci que tinha namoradas de Internet [risos]. Eu até, na época, pensei; ‘nossa, isso existe mesmo!’ Porque você acha que é meio folclore. (...) Eu tinha um desejo de que ele saísse fora. Que ele encontrasse uma namorada. *Eu sentia na minha escuta uma desvalorização.* (...) Eu mesma ficava num certo conflito sempre. Não gostava, achava que ele poderia ter reações mais legais. Mas, ao mesmo tempo, eu vi que, se essa era a forma que ele estava se relacionando, essa era a forma. Era um conflito porque eu achava que ele poderia ter outras formas. (...) *Eu sei que essa Internet, na época, começou a me irritar. Tipo desliga essa droga e vai à luta.*” (minhas ênfases)

Irritação, reserva e espanto foram algumas das reações de grande parte dos entrevistados frente à entrada da Internet na clínica. Muitas destas reações já são, hoje, acompanhadas de alguma autocrítica. Dora Cerqueira revelou que poderia

ter aplaudido as iniciativas de sua paciente na Internet. Mariana Vasconcelos percebeu certa “desvalorização” em sua escuta. Algumas das razões para reações tão intensas podem, no entanto, ser melhor compreendidas se retomarmos o que foi revelado a respeito dos terapeutas como usuários da Internet. Como vimos, os entrevistados utilizam-na como uma ferramenta de trabalho, e pouco se aventuram em outras atividades que não sejam as de enviar e receber e-mail de cunho profissional. Não foi este, contudo, o perfil de uso que chegou aos seus consultórios. A comparação entre experiências tão diferentes foi imediata:

“Eu tenho a minha experiência [pessoal] e a minha experiência clínica. São duas experiências muito diferentes.” (Dora Cerqueira, psicanalista)

“Para mim está sendo muito difícil, até pelas minhas próprias limitações com a máquina. Eu teria que ter estudo e proximidade disso pra ficar confortável. (...) Então, isso me coloca na posição de ficar tentando compreender isso.” (Alice Falcão, gestalt-terapeuta)

“É que eu custei muito a entrar nesse mundo internáutico. (...) E é claro que essa coisa toda me incomodava muito. (...) E ainda mais aparecendo no consultório. (...) Quando eu comecei a escutar, era como se isso não fizesse parte do meu mundo. E escutar uma coisa que não faz parte do mundo da gente é complicado.” (Raquel Figueiredo, gestalt-terapeuta)

Estes três depoimentos parecem deixar claro que o contraste entre dois tipos de experiência na Internet possibilitou que muitos terapeutas percebessem que existem usos da Rede um tanto desconhecidos para eles. Estes profissionais conheciam a Internet tão-somente como uma ferramenta interessante para determinados contatos profissionais. No espaço clínico, contudo, pouco se fala da Internet como um instrumento de trabalho. Em contrapartida, usando as palavras de Virgínia Sá (psicanalista), muito se diz sobre a Internet “como uma maneira diferente de conviver com a vida” e sobre novas formas de se sentir e de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Impactados pelo contraste entre experiências tão distintas, os terapeutas parecem ter sido levados a travar contato com o quê de diferente os pacientes estavam lhes apresentando. Não foram poucas as revelações que seus pacientes lhe fizeram. No que se segue, destaco algumas das questões que chamaram mais a atenção dos entrevistados para os impactos da Internet sobre a prática clínica.

### 5.1.3.2 Indicadores clínicos relevantes

Como vimos, diversos relatos sobre a Internet vêm fazendo parte do contexto das psicoterapias da atualidade. Alguns destes, destacam os entrevistados, não parecem ter nenhuma relevância clínica. É o que dizem, por exemplo, Ricardo Magalhães (psicanalista) e Silvana Medeiros (gestalt-terapeuta):

“Tem aqueles casos que aparecem mas que não têm o menor interesse. No meu consultório, eles passam por aí e rapidamente saem. (...) Nada mais do que isso. Não afeta absolutamente em nada as questões de uma análise. (...) Trazem coisas que poderiam acontecer da mesma forma em outros lugares.”(Ricardo Magalhães, psicanalista)

“Eu tenho, na minha clínica, alguns relatos de uso puramente profissional. Que não têm uma história clínica, que não têm tomado um vulto maior na vida dessas pessoas.” (Silvana Medeiros, gestalt-terapeuta)

Em contrapartida, diz Raquel Figueiredo (gestalt-terapeuta), há outros relatos que se configuram como uma questão clínica importante:

“Nem tudo sobre a Internet vira uma questão clínica. Mas eu acho que a Internet é uma questão clínica fundamental a partir do momento em que muitos pacientes trazem isso como algo difícil deles próprios entenderem. E é uma questão difícil para nós [terapeutas] também. Porque não tem a ver com a realidade que a gente estava acostumada. Temos que nos adaptar a uma nova situação.”

Marta Bianco (gestalt-terapeuta) concorda, acrescentando que a Internet aparece na fala de seus pacientes também como metáfora para a descrição de situações do cotidiano. Nas suas palavras:

“Muitas vezes a Internet não aparece diretamente na clínica, mas aparecem em expressões usadas em outros contextos. *‘Deletei não sei quem’*, *‘acessei não sei o quê’*. As pessoas vão usando isso, mesmo quando não estão falando de Internet. O verbal já está totalmente tomado por esse tipo de presença da Internet. *Eu acho que isso fala bem como isso está presente na vida das pessoas*. Até mesmo pessoas que nunca usaram a Internet já ouviram e usam essas expressões.” (minhas ênfases)

No decorrer das entrevistas, pude ouvir inúmeros relatos de casos clínicos nos quais a Internet aparecia de alguma forma. Por meio destes, pude perceber que algumas questões específicas eram enfatizadas recorrentemente pelo grupo de sujeitos, parecendo funcionar como indicadores daquilo que, de fato, vinha ganhando relevância no contexto clínico. Exponho, abaixo, alguns dos principais indicadores revelados. São eles: o prazer no uso da Rede, a forte sensação de

“onipotência” que este uso proporciona, o estatuto do corpo na Internet, os excessos experimentados na vida on-line e as novas formas de registro e de controle gerados pela Rede.

### **5.1.3.2.1 Internet e prazer**

Ao ouvirem as aventuras on-line de seus pacientes, os terapeutas depararam-se com uma descoberta quase unânime. Esta se refere ao fato de que a Internet é, para muitos pacientes, uma nova fonte de prazer, um encantador brinquedo e um agradável espaço para estar com outras pessoas. Marta Bianco (gestalt-terapeuta), por exemplo, fala do prazer que a Rede desperta em pacientes de diferentes faixas etárias:

“A Internet aparece como um objeto de prazer. Os adolescentes têm muito prazer de usar a Internet, de varar madrugada se comunicando, pegando música, encontrando parceiros e parceiras. As crianças trazem como curiosidade, como diversão, pegando joguinhos. (...) O interessante é que eu não vejo nenhuma criança falando que está na Internet pra pesquisar coisas. Não é estudo. É divertimento, lazer. Como um brinquedo. (...) Para o adulto tem também esta questão lúdica, como um brinquedo interessantíssimo. E proibido também. Existe a coisa do brinquedo que te dá permissão de fazer tudo, mesmo o que é proibido.”

Dora Cerqueira (psicanalista) também destaca o prazer que a Rede propicia a seus pacientes:

“Não é uma chateação. Ao contrário. A Internet é um espaço fixo na vida deles. Um espaço de vida forte. Um prazer.”

Elza Barroso (gestalt-terapeuta), por sua vez, utiliza diversas expressões para falar do prazer que seus pacientes têm em se conectar à Internet:

“É estranho para mim, mas meus pacientes não fazem da Internet uma ferramenta. Eles fazem dela um espaço de conversação, um espaço de recreação. É um facilitador de relacionamentos. Às vezes se transforma num espaço construtivo, um espaço de elaboração de sentimentos e ações. Um espaço pra sentir prazeres e emoções. São essas coisas que me fazem sentir que ainda temos muito pela frente. Que ainda temos muito que pensar.”

Já Mariana Vasconcelos (psicanalista) fala, tanto do uso prazeroso da Internet por parte dos adolescentes que atende, quanto de como o prazer emergiu

em um caso clínico específico. No que diz respeito aos adolescentes que atende, ela afirma:

“Eu percebo que a Internet circula entre os adolescentes de uma forma muito gostosa, muito engraçada, muito leve.”

Em relação ao caso particular que relatou, sua experiência foi bem diferente. Mariana atende um paciente adulto que se mantinha praticamente fechado em seu quarto durante anos, apresentando, inclusive, alguns episódios de delírios e alucinações. Não tinha amigos, namoradas, nem uma vida sexual ativa. Certo dia, este paciente começou a se conectar à Internet e a freqüentar salas de bate-papo. Nestas, experimentou diversos tipos de contatos via Rede, muitos ligados à prática de sexo virtual. Mariana conta como, a partir dos relatos destas experiências on-line, o prazer e o erotismo puderam ser trabalhados na análise:

“Já naquele outro caso que te falei, era um uso mais pesado. Mas era interessante, porque [a Internet] era um dos poucos lugares no mundo em que ele se adaptava. E o marginal pôde aparecer. O prazer pôde aparecer na vida dele. Era uma forma erótica, um contato com pessoas que valorizavam ele. E isso pôde ser trabalhado na análise.”

Até mesmo quando a experiência clínica relacionada à Internet não é tão presente no cotidiano dos entrevistados, a Rede como fonte de prazer é motivo de reflexão. Silvana Medeiros (gestalt-terapeuta), por exemplo, revela que a maioria de seus pacientes (adultos de meia-idade) fala pouco sobre a Internet. Quando o fazem, conta ela, é mais para expressar dificuldades geradas pelo uso imperativo da Internet no ambiente profissional:

“Meus pacientes colocam muito a dificuldade que tiveram ou ainda têm de usar e de se familiarizar [com a Internet]. Isso é mais freqüente. Mas é bem periferia, não chega a se tornar uma questão de elaboração pessoal.”

Mais adiante, contudo, Silvana compara o uso que seus pacientes mais velhos fazem da Rede e o que observa entre pessoas mais jovens:

*“Na minha clientela[a Internet] não é o objeto de desejo das pessoas. (...) O uso da Internet que a maioria dos clientes traz é um uso puramente profissional. Não chama atenção. É um uso utilitário. O que me ocorreu agora é que a minha clientela atualmente é de adultos mais de meia-idade. (...) Atender um adolescente talvez mudasse essa visão, porque esse instrumento já faz parte da vida dele. A Internet já entraria como um mediador das relações pessoais. Os adolescentes,*

desde crianças já estão crescendo com essa cultura. *Aí, talvez isso já caracterizasse um trabalho clínico mais recente.* A geração de 40/50 anos, bem, isso não faz parte da vida dessas pessoas.” (minhas ênfases)

Silvana parece ter detectado um importante foco de análise que permeia (ainda que de modo mais implícito) o discurso dos demais entrevistados. O prazer gerado pela Internet parece estar ligado ao tipo de uso que cada um faz dela. Silvana descreve dois tipos muito distintos de uso da Rede. O primeiro é o uso instrumental da Internet, uso este que parece não revelar nada de relevante do ponto de vista clínico. Nesses casos (e é importante lembrar que este é o uso predominante da Internet entre os terapeutas entrevistados), a Rede “não é objeto de desejo das pessoas”. Já o segundo tipo de uso diz respeito a aventuras mais ousadas no mundo virtual. Diz respeito, sobretudo, parafraseando os entrevistados, à utilização da Internet como “um espaço de conversação”, como um “espaço de recreação” e como um novo “mediador das relações pessoais”. Estes usos parecem estar levando os terapeutas entrevistados a lançarem olhares diferentes sobre a Internet na prática clínica. A Rede, na medida em que possibilita novas formas de estar com outras pessoas, parece se tornar uma poderosa fonte de prazer e, em consequência disto, começa a se configurar como uma questão clínica relevante.

Segundo os entrevistados, as novas e prazerosas experiências on-line vêm despertando sentimentos intensos entre os pacientes usuários da Rede, sentimentos estes que parecem ser capazes de modificar a percepção que estes pacientes têm de si mesmos. Para muitos entrevistados, um sentimento, o qual nomeiam de “onipotência”, parece ser uma das questões centrais nos atendimentos de usuários da Internet. Vejamos como estes terapeutas definem “onipotência”.

#### **5.1.3.2.2 Internet e “onipotência”**

Durante as entrevistas, foi possível notar que a maioria dos terapeutas falou dos pacientes usuários da Internet de forma muito semelhante. Referiu-se a estes como “onipotentes”, “superpoderosos”, “super-heróis”, “sujeitos inflados”, “indivíduos multifacetados”, etc. Em todos os casos, o significado destas expressões era o de que aqueles que utilizam sistemática e prazerosamente a Internet parecem ter a impressão de que estão munidos de uma espécie de

*superpoder pessoal*. Em outras palavras, segundo vários terapeutas, os recursos da Internet (a comunicação em tempo real e à distância, a proteção do anonimato, o acesso fácil e rápido a informações diversas, a realização simultânea de diferentes atividades, etc.) parecem gerar a sensação de que as pessoas têm acesso a tudo e de que são capazes de tudo. Ainda segundo os entrevistados, os pacientes que usam cotidianamente a Internet parecem ignorar muitos dos limites do mundo real, posto que, na Rede, muitos destes limites não estão presentes. Examinemos o que dizem alguns terapeutas a este respeito.

Dora Cerqueira (psicanalista) fala que uma de suas pacientes torna-se, a cada dia, “mais onipotente”:

“Ela se sente o máximo. É de uma onipotência clinicamente muito significativa. A Internet abriu as portas dela. Lá, ela sente que pode tudo. Tem força. Faz um monte de coisas ao mesmo tempo, fala com um monte de gente ao mesmo tempo. Livre das limitações de seu mundinho real, ela se sente outra pessoa, mais forte, mais querida, mais tudo. Ela diz que a que Internet massageia seu ego.”

De modo análogo ao de Dora, Raquel Figueiredo (gestalt-terapeuta) dá sua definição do paciente-usuário da Rede:

“São pessoas que têm pressa, que buscam várias coisas ao mesmo tempo. Querem tudo rápido e acham que podem conseguir tudo nesse ritmo. Num certo sentido, isso me preocupa. Porque, na terapia, todo esse poder que eles sentem, às vezes, atrapalha. Eu fico tentando entender o que pode significar esse enorme sentimento de poder. *Porque as pessoas estão se sentindo cada vez mais superpoderosas* [risos], indo à luta por elas próprias, tentando achar rápido seus caminhos. Isso pode ser legal, isso de se apropriar de um poder pessoal. Mas quando pinta algo frustrante, essas pessoas não suportam muito.” (minhas ênfases)

Marta Bianco (gestal-terapeuta) também se mostra preocupada com as conseqüências desta sensação de “superpoder” e de “onipotência”:

“Eu vejo que a Internet na vida das pessoas dá uma sensação de superpoder, de onipotência que condiz muito com o que nós vivemos hoje no mundo. E a onipotência tem a ver com a perda dos limites. *Eu acho que uma sensação de onipotência é muito favorecida pela Internet. A pessoa fica extremamente sujeita a essa sensação de que ‘eu posso tudo e que cada vez eu posso mais’.* As coisas são cada vez mais rápidas. *Uma falsa sensação de que existir é poder, é possuir, é ter acesso a.* Tudo está acessível e eu posso tudo. Tudo está disponível facilmente. Só que essa onipotência não nos dá suporte, limite, sustentação nenhuma. Porque, na verdade, é uma falsa sensação de poder as coisas. Porque efetivamente, o que eu posso... Eu não posso tudo em inúmeros sentidos. Eu não posso tudo. Na relação com os outros, eu tenho limites.” (minhas ênfases)



Tal como Raquel e Marta, Daniela Marques (psicanalista) enfatiza as dificuldades e frustrações advindas do confronto entre a “onipotência” das experiências virtuais e as limitações da vida real:

“Durante um tempo, tudo fica ótimo. Tudo é perfeito e completo. Mas na hora de encarar os obstáculos da realidade, desmonta tudo.”

Já Eliane Cabral (psicanalista) analisa a sensação de poder pessoal presente na Internet de dois ângulos distintos. Por um lado, concorda que, muitas vezes, os pacientes “desmontam” ao se defrontarem com a realidade:

“Quando você usa um nickname e não está se mostrando, o que está surgindo por ali é que as pessoas são tomadas por uma onipotência espantosa. O que é difícil pra eles, é depois aparecer com nome próprio, com as limitações.”

Por outro lado, no entanto, Eliane acredita que experiências on-line nas quais é possível “ser onipotente” podem ser transformadoras. Em um de seus casos clínicos, por exemplo, um adolescente conseguiu ganhar maior confiança na sua vida off-line por ter exercitado outras formas de ser na Rede:

“Essa possibilidade que tem de criar personagens ... É muito engraçado. Eu tinha um adolescente que tinha um site e administrava uma série de atividades neste site. Pra ele, era a maneira de se sentir melhor. Porque, na rua, era o caçula, o esquisito o bobinho.... No seu site ele era o mais esperto de todos. Ele tinha o poder de botar pessoas pra fora de listas de discussão. Ele tinha poder, tinha a possibilidade de inverter o jogo e de exercitar o desejo de não ser o otário e o atrapalhado. Com isto, ele foi ficando, de fato, menos atrapalhado.”

Como estes depoimentos indicam, muitos terapeutas entrevistados parecem considerar que a imagem onipotente de si mesmo construída nas experiências on-line é uma questão clínica que não pode ser desconsiderada. Isto porque, lidar com esta “onipotência”, envolve trabalhar clinicamente a questão dos limites entre o real e o virtual, bem como com as conseqüências subjetivas que tudo isso começa a gerar.

Além disto, vários terapeutas relacionam os sentimentos de “onipotência” acima mencionados a outras questões colocadas em cena pela Internet. Uma destas diz respeito às novas relações com o corpo que caracterizam as aventuras on-line. Em seguida, apresento o que vários entrevistados revelaram sobre o estatuto do corpo na Internet.

### 5.1.3.2.3 Internet e corpo

Muitos entrevistados destacaram que o fato das experiências on-line prescindirem do corpo concreto, ou seja, da presença física, cria interessantes e desconhecidas formas de o sujeito se relacionar com a imagem que tem de seu corpo.

Poder navegar pela Rede e conversar à distância com pessoas de qualquer parte do mundo, por exemplo, reforça a sensação de poder discutida acima. O corpo parece não ser mais um obstáculo para a vida humana. Seguem-se dois exemplos.

“Tem uma coisa mágica de você se superar, de estar ilusoriamente em um monte de lugares ao mesmo tempo, de transcender a dimensão do espaço, de não precisar mais do seu corpo para agir no mundo.” (Fernanda Santos, gestalt-terapeuta)

“Porque, na ausência do próprio corpo, a gente pode qualquer coisa. (Elza Barroso, gestalt-terapeuta)

A ausência do corpo concreto e a sensação de poder dela decorrente se fazem sentir nos novos relacionamentos estabelecidos nas salas de bate-papo. Sob a proteção do anonimato, comunicando-se simplesmente por meio de textos, o paciente cria o corpo que bem quiser. Elza Barroso (gestalt-terapeuta) conta:

“Tenho pacientes gordas que se fazem de magras, homens que se fazem de mulheres, louras que viram morenas.”

Daniela Marques (psicanalista) acrescenta:

“Com o corpo camuflado, você pode revelar a imagem idealizada que quiser!”

Enquanto muitos terapeutas ressaltam que a ausência do corpo concreto na vida on-line cria a possibilidade de construir uma imagem virtual segundo seus próprios desejos, outros abordam a questão do corpo na Internet de uma maneira um pouco diferente. Para alguns terapeutas, é interessante perceber que muitos de seus pacientes, longe de sentirem que seu corpo está ausente de suas experiências virtuais, têm a sensação de que seu corpo concreto se “expande” e se aperfeiçoa

por meio do uso da Internet. Examinemos o curioso depoimento de Patrícia Rezende (gestalt-terapeuta):

“É como se estivéssemos acrescentando capacidades sensoriais e motoras. Para nós, nosso corpo é veloz e chega em qualquer parte do mundo via Internet. É só pensar no cansaço que o uso dá Internet dá. Pelo que ouço, o corpo se cansa de navegar como se realmente tivesse se movido, tivesse olhado tudo, mexido em tudo. O corpo está lá, diferente, mas está lá. *Parece que ganhamos ‘pseudópodes virtuais’.*” (minha ênfase)

Fernanda fala de uma sensação de *presença* corporal e não, como outros dizem, da ausência do corpo concreto na Internet. É, sem dúvida, uma presença que não nos é familiar, mas que é também discutida por outros entrevistados.

Para Marisa Oliveira (psicanalista), por exemplo, a Internet serve como um instrumento para expandir a capacidade perceptiva do ser humano. Um corpo expandido parece ser o resultado da soma das vidas on-line e off-line dos usuários da Internet. Ela relata:

“As pessoas têm acesso a experiências que a gente nunca tinha tido acesso antes. A gente entrou por toda uma nova possibilidade de conhecimento e de experiências. (...) Os instrumentos que a gente está lidando, e a Internet é um deles, é algo muito maior. São instrumentos para expandir nossa capacidade sensível. Percebemos o imperceptível, o micro e não somente o macro.”

Elza Barroso (gestalt-terapeuta) também utiliza a idéia de expansão do corpo para falar do usuário da Rede:

“As pessoas parecem usar a Internet para se expandir. A velocidade das conquistas é muito grande. *Tem uma expansão do mundo e o sujeito sente que também tem uma expansão imensa. Ele tem muito mais pernas, mais braços, mais olhos em função dessas conquistas.* Eu acho que isso modifica a imagem que o homem tem de si. Eu acho que ainda não temos anos suficientes de uma prática pra saber.” (minhas ênfases)

Na opinião de Patrícia, Marisa e Elza, a Internet parece ter “expandido” o corpo de seus usuários com novas habilidades. Já, para outros, a Rede propicia a criação de imagem “idealizada” de seu corpo devido à ausência do corpo concreto. Há, no entanto, um ponto em comum entre estes profissionais. Para eles, as questões relativas ao estatuto do corpo na Rede assumem uma importância significativa no trabalho clínico com usuários da Internet.

Eliane Cabral (psicanalista) dá um exemplo deste trabalho clínico. Para ela, a ponte entre o real e o virtual é um dos desafios dos atendimentos contemporâneos e pode ser trabalhada a partir das questões suscitadas pelos limites do corpo. Segundo Eliane:

“Nós temos um sustento corporal pro nosso funcionamento psíquico. E esse corpo cria esse embate do real, com o outro, com o limite do outro. Isso, muitas vezes, não está presente nas relações dos sujeitos com a Internet. É esse limite que a informática rompe. O limite do corpo. Isso é interessantíssimo. Essa experiência virtual com a falta de limites é um dos elementos que o terapeuta tem que estar mais atento na hora em que ele está trabalhando com a informática. Porque, no real, os limites ainda estão lá. A questão é você fazer uma ponte entre o virtual e o real. Esse é o desafio que a gente tem.”

Ainda segundo Eliane, a presença física do terapeuta é um elemento importante para fazer emergir as inúmeras questões que o estatuto do corpo na Internet coloca em cena. Nas suas palavras:

“O corpo na terapia é um embate com o limite. Essa experiência virtual com a falta de limite vem ganhar algum sentido no contato com o terapeuta. A presença física do terapeuta vai criar novos sentidos para o real e para o virtual.”

Já para Mônica Villaça (psicanalista), a ausência do corpo concreto nos relacionamentos virtuais não é uma questão diretamente relevante nos casos que atende. Apesar disto, julga que esta ausência é uma questão particularmente interessante para o terapeuta refletir criticamente sobre seu próprio trabalho. De seu ponto de vista, um dos pressupostos fundamentais da psicologia clínica – o da relação face-a-face – passa a ser menos “naturalizado”. Mônica não chegou a mencionar a questão das terapias on-line. Revelou, contudo, que a questão da presença física deve ser profundamente repensada:

“Por que o que se passa aqui [no consultório] requer presença física? E isso é que eu acho interessante pensar. Eu sei que requer. Mas de onde que eu tiro isso? (...) O que que o corpo traz consigo e por que que o corpo precisa estar presente pra que haja determinado tipo de troca? Porque, a rigor, pensando a partir de uma lógica mais comum, [a análise] não envolve o corpo, envolve a palavra. Mas essa palavra é ligada a uma determinada corporeidade, à presença de duas pessoas, ao imediato de uma intervenção frente-a-frente. Essas são questões interessantes de pensar. *A Internet afeta a clínica por aí, com perguntas*” (minhas ênfases)

Muitas são as perguntas que estes terapeutas se colocam. A maioria delas leva-os a refletir sobre limites, sobre o que é possível e sobre o que não é possível

nos mundos on e off-line. Segundo a grande maioria dos terapeutas entrevistados, a vida on-line ainda não tem esses limites claramente estabelecidos e, em decorrência disto, freqüentemente, seus pacientes cometem muitos excessos na realidade da Internet. Examinou, em seguida, os diferentes tipos de excesso apontados pelos sujeitos da pesquisa.

#### **5.1.3.2.4 Internet e excesso**

Os pacientes estão expostos a um volume impressionante de informações, comentam praticamente todos terapeutas. O tempo que esses pacientes gastam na Internet é excessivo, dizem outros. A facilidade com que eles revelam sua intimidade é espantosa, acrescentam ainda outros. A partir de inúmeras falas como estas, foi possível identificar que, para os terapeutas entrevistados, o excesso de informação, de horas de conexão e de exposição da intimidade são três tipos de excesso aos quais os pacientes freqüentemente estão expostos. Seguem-se exemplos de cada um destes.

O *excesso de informações* disponibilizadas pela Internet é uma unanimidade entre os terapeutas entrevistados. Todos julgam que seus pacientes, por meio de seus “pseudópodes virtuais”, captam informações superiores à real capacidade de absorção. Em decorrência disto, acrescentam os terapeutas, muitos pacientes sentem-se confusos para internalizá-las e organizá-las de forma coerente e singular. A esse respeito, Eliane Cabral (psicanalista) e Marta Bianco (gestalt-terapeuta) dizem:

“Porque vem tanta informação ao mesmo tempo que o sujeito tem que filtrar, peneirar um pouco aquele excesso. E, muitas vezes, não consegue. Esse excesso vem fazendo, muitas vezes, a pessoa perder a noção daquilo que é próprio e o que é do outro.” (Eliane Cabral, psicanalista)

“Um mundo de informações na frente e a pessoa não consegue sair da frente do computador. Tem que acessar aquilo tudo. Virou uma obrigação e não uma opção. O grande conflito, ou um dos grandes, talvez seja melhor colocar assim, é isso. O paciente sente que tem obrigação de acessar porque aquilo está à sua disposição. ‘Eu tenho que usar’. E aí eu acho que as pessoas correm o risco de não terem mais o discernimento do que é importante e do que não é, do que eu posso e do que eu não posso.” (Marta Bianco, gestalt-terapeuta)

Tal como Eliane e Marta, Silvana Medeiros (gestalt-terapeuta) considera que o volume de informações disponível na Rede é superior à capacidade de

elaboração de seus pacientes. Acrescenta que uma das conseqüências deste excesso é o caráter superficial por meio do qual estas informações são elaboradas:

“Tudo vem estimulando uma busca instantânea. Tudo é muito mais rápido. Então, a utilização desse instrumento sacia a primeira demanda. Mas um aprofundamento, uma elaboração, uma mastigação do conteúdo, isso vai tendendo a ficar amortecido.”

Ricardo Magalhães (psicanalista) parece concordar:

“A Internet, até pela quantidade absurda de informação, torna algumas coisas mais difíceis. As pessoas confundem informação com conhecimento. O raciocínio não vai. Tem informação. Não tem conhecimento. Em vez do computador ficar parecido com o cérebro é o cérebro que fica parecido com o computador.”

Já Raquel Figueiredo (gestalt-terapeuta) dá um exemplo de como este excesso de informações atinge diretamente sua prática clínica:

“Os clientes trazem muita informação. Cada vez mais informações. Eles conhecem muito de doença, por exemplo. Eles vêm com patologias inteiras conhecidas pela Internet. Depressão, eles já sabem sintomas, percentagens de heranças, de fatores que podem contribuir. Isso é uma parte que eu acho muito chata. Porque não resolve. Eles buscam, mas se embananam. Tem essas coisas, trazem dados, informações que têm que ser trabalhadas na terapia. (...) Saber muito sobre depressão, às vezes, atrapalha o tratamento. Mas isso, eu sei como lidar. Mas, eu fico tentando entender o que pode significar trazer tanta, tanta coisa pra cá. Eu tenho que admitir que eu fico meio incomodada da pessoa ficar tão perdida.”

Marta Bianco (gestalt-terapeuta) dá um outro exemplo clínico, usando a metáfora dos resultados de pesquisas feitas nos mecanismos de busca da Internet para falar de uma sessão terapêutica:

“Na clínica, hoje, é muito comum as pessoas chegarem na sessão dizendo que têm tanta coisa pra falar que não vai dar tempo. Não conseguem viver aquele momento. É como se listassem, na tela do computador, tudo que tem que ser falado. Como se fosse o resultado de uma busca na Internet. Eu tenho isso, isso e isso pra falar. Eu tenho que marcar os assuntos que são importantes e falar de tudo. Já vem com uma agenda programada.”

Além de refletirem sobre as conseqüências deste excesso de informação, alguns entrevistados assinalam também que o *excesso de horas de conexão* é uma questão clínica freqüente e relevante. Ao atenderem pacientes que usam intensivamente a Internet, muitos terapeutas estranham o tempo que seus pacientes passam teclando nos chats. Fernanda Santos (gestalt-terapeuta) e

Mariana Vasconcelos (psicanalista) são duas das profissionais que mencionam esta preocupação:

“Mas o tempo que ela passava na Rede, era um tempo inacreditável conectada. Era excessivo. (...) Tipo ela não tinha dinheiro pra pagar as contas dela e a conta do telefone dela era um negócio absurdo. Ela passava madrugadas no computador. Ela perdia a noção mesmo, de tempo, de dinheiro, de tudo.” (Fernanda Santos, gestalt-terapeuta)

“Era muito tempo. Quase o tempo todo em chats. Uma coisa muito congelada, de uma esterilidade.... E ainda por cima ele não tava trabalhando. Ele basicamente ficava no quarto e na Internet.” (Mariana Vasconcelos, psicanalista)

Já Patrícia Rezende (gestalt-terapeuta) fala do excesso de horas de conexão de forma mais generalizada:

“Acho que esse pessoal que trabalha com Internet ou que usa muito a Internet estabeleceu uma outra relação com o tempo. Trocam o dia pela noite. A noite é mais tranqüila, tem menos interferências. E, de madrugada, é mais fácil você perder a noção, passando a noite inteira na Internet sem nem sentir.”

Raquel Figueiredo (gestalt-terapeuta), por sua vez, lança um olhar diferente sobre o excesso de horas de conexão. Segundo ela, muitos pacientes se preocupam com o número de horas que permanecem na Rede em função da divulgação, na mídia, de histórias sobre viciados na Internet:

“Alguns, por exemplo, vêm escutando muito essa história de vício e trazem isso para a terapia. Se estão viciados na Internet ou não. Eu não tenho essa preocupação. Eu posso até ver com essa pessoa que traz o medo de estar viciada o que ela sente em relação a isso [ficar horas a fio na Rede]. Porque quem me traz isso, curiosamente, não são pessoas que só fazem isso na vida. Que medo é esse de dependência? Que medo é esse de se ligar a uma coisa ou a alguém? Tem muito medo assim, da escuta dos outros, de como as outras pessoas vão ficar falando. Quem me traz isso são, geralmente, pessoas preocupadas com relações de dependência e muito ligadas nas opiniões dos outros. Não passa por um vício na Internet. São muito reativas a opiniões dos outros.”

Já outros profissionais se impressionam com a o *excesso de exposição da intimidade* de seus pacientes nos bate-papos on-line. Silvana Medeiros (gestalt-terapeuta) preocupa-se com a falta de cuidados para falar de si nos chats:

“Me impactou a coisa do se jogar, no sentido de já ir caminhando prum namoro, como se fosse um namoro de perto. Havia uma disponibilidade para falar de si, para construir projetos. Como se a tela, o computador não fosse um empecilho no sentido de ter alguns cuidados de aproximação, de investigação.”

Daniela Marques (psicanalista) mostra-se intrigada com o fato de muitos pacientes falarem, via chat, de aspectos íntimos que, num contato face-a-face, dificilmente falaria com tanta rapidez:

“Eu fico impressionada com a facilidade com que as pessoas se expõem e se revelam. Isso me assustou. Isso me espanta. (...) Eu acho que elas entram num certo barato de prazer, perdem os limites e saem falando. Não se dão conta disso!”

Virgínia Sá (psicanalista) parece concordar, ressaltando a falta de defesas erigidas nas relações estabelecidas na Internet:

“E tiveram pacientes que fizeram um uso muito atirado. Casos de entrar nesses bate-papos e ir falando de si sem o menor cuidado. E, o que é pior, ir se encontrando [presencialmente] com pessoas sem o menor cuidado. Esse tipo de desproteção é bem grave.”

Virgínia chama a atenção para a passagem do virtual para o real. Se, no virtual, os pacientes já se expõem em excesso, quando eles decidem conhecer seu amigo virtual presencialmente, a situação é mais preocupante. Dora Cerqueira (psicanalista) também se mostra particularmente preocupada com a falta de anteparos que protejam seus pacientes nos encontros reais:

“Depois que você se descortinou no mundo virtual, você vai encontrar a pessoa na vida real sem nenhuma defesa. E aí? Você pode se dar muito mal.”

Tanta preocupação com os excessos (de informação, de horas de conexão e de auto-exposição) parece estar relacionada aos perigos que, segundo os terapeutas, cercam a vida na Internet. Para vários destes terapeutas, as possibilidades de registro e controle presentes na Rede são novas fontes de perigo. No que se segue, exponho o que alguns entrevistados estão pensando a respeito destes registros e controles.

#### **5.1.3.2.5 Internet, registros e controles**

Segundo Fernanda Santos (gestalt-terapeuta) estamos vivendo no “tempo dos controles”. Especificamente em relação à Internet, este controle se dá pela possibilidade de efetuar inúmeros registros de seus passos virtuais e, também, dos passos de terceiros. Muito do que se passa na Internet pode ser copiado para o



computador pessoal.<sup>1</sup> Outras atividades podem ser rastreadas na própria Rede por usuários mais experientes. Quase toda a vida on-line pode ficar registrada: e-mails, conversas de chats, histórico dos sites visitados, etc.

Estas novas formas de registros foram analisadas pelos entrevistados a partir de duas óticas. A primeira refere-se ao registro que o próprio usuário faz de sua vida on-line para uso pessoal. Já a segunda diz respeito ao registro dos passos virtuais por outras pessoas como forma de controle e manipulação. Examinemos estas duas funções separadamente.

O registro da vida on-line pelos próprios usuários é visto com interesse por alguns terapeutas. Fernanda Santos (gestalt-terapeuta), por exemplo, conta que uma de suas pacientes tinha por hábito reler os registros dos bate-papos dos quais participava:

“Ela me contava que aquilo [os registros dos chats] era a documentação de sua história. Tinha toda a história de seu namoro. Desde o início, sua relação com ele estava ali. Ela me contou que guarda tudo o que fez desde que começou a entrar na Internet. E que, quando ela relê essas histórias, ela lembra, feliz, de algumas e acha outras muito estranhas. Disse que aprende muito com essas histórias.”

Fernanda conta, também, que, certo dia, esta paciente perdeu o registro de tudo, em função de um defeito em seu computador. Para surpresa da terapeuta, a paciente ficou “desesperada”. Fernanda diz:

“Eu que não entendo muito disso, não entendi nada. Tive que perguntar o que isso representava para ela. E não representava pouca coisa. Ela disse que deu uma nostalgia danada não ter mais suas histórias para rever. Passou uma madrugada inteira tentando ver o que recuperava.”

A surpresa que Fernanda sentiu também foi experimentada por Patrícia Rezende (gestalt-terapeuta). Agora, depois de ter atendido a muitos casos similares, Patrícia revela que um computador quebrado é, para muitos, um luto a ser elaborado na terapia:

“Uma das cenas que eu acho muito interessante é quando o computador apaga [risos]. É uma coisa que eu fiquei impactada. O computador não é uma simples

---

<sup>1</sup> O computador tem características específicas e diferentes das da Internet, bem como gera outros tipos de impactos subjetivos (a esse respeito, ver Turkle, 1984). Nesta pesquisa, limito-me ao estudo da Internet e de seus impactos sobre a clínica. Contudo, no caso específico dos registros da vida on-line, o computador entra em cena pelo simples fato de ser o objeto físico no qual ficam gravados e armazenados os registros da vida na Internet.

ferramenta. Eles ficam com muita raiva. É um luto. Porque todo o seu material, todas as suas fotos, os seus e-mails foram ‘queimados’. Na minha visão, parece uma experiência muito correlata a de uma casa que queimou tudo. Você não tem mais nada, não tem mais lembranças. É um sentimento de que algo é irresgatável. É um luto muito grande. Isso toma uma proporção na vida da pessoa. A pessoa fica mal, fica se culpando se deveria ter feito alguma coisa, fica nessa luta. (...) Eu fiquei fazendo muitas perguntas pra esses pacientes. E aí, eu identifiquei isso como um trabalho de luto mesmo, um luto que tinha que ser trabalhado na terapia.”

As informações tão caras a esses pacientes podem também ser registradas por terceiros. Mais do que o registro pessoal, esta possibilidade preocupa muitos dos terapeutas entrevistados. Daniela Marques (psicanalista) fala, por exemplo, que muitas das intimidades reveladas na Rede sob o anonimato são usadas por outras pessoas como forma de controle e de manipulação. Na Rede, diz ela:

“Tudo que você fala fica impresso. O outro pode estar registrando e, em geral, fica. Eles guardam e-mails e colecionam. Têm registrado coisas tuas, da tua história e da tua intimidade. Coisas que você, supostamente, está fazendo anonimamente. E usam isso de forma muito perversa.”

Tal como Daniela, Fernanda Santos (gestalt-terapeuta) também se preocupa com a manipulação dos registros da vida on-line. Segundo ela, diversos de seus pacientes, julgando-se livres de muitas amarras da vida real, tiveram a desagradável experiência de serem controlados via Internet. Nas suas palavras:

“Os passos das pessoas começam a ser seguidos. Tive uma paciente que tinha um namorado virtual ciumento que controlava seus passos nos chats. Entrava disfarçado [ou seja, entrava na sala de bate-papo usando um outro nome e um outro personagem] para ver o que ela falava no chat quando ele não estava presente, guardava frases para usar numa briga, pintava o sete.”

Já Elza Barroso (gestalt-terapeuta) conta que uma de seus pacientes assumiu uma posição oposta àquela que Fernanda descreveu no depoimento acima. Ou seja, em vez de ficar submetida aos controles da Internet, esta paciente assumiu o papel de controladora. Rastreava todos os passos virtuais de seu marido e os registrava, a fim de comprovar uma traição. Uma vez tendo recolhido grande quantidade impressa de provas, levou-as para a terapia de casal, revelando na sessão o ato de traição:

“Foi uma cena de extrema intensidade. Foram meses, de recolhimento de material. E a pessoa revelou aqui dentro [no consultório] a sua pesquisa. Então, a surpresa, o desmascaramento. Foi como se o pano caísse e o teatro acabasse.”

Mariana Vasconcelos (psicanalista) sentiu na própria pele os efeitos do excesso de controles que Rede disponibiliza. Vejamos o que ela viveu:

“Ele [paciente] disse que poderia entrar nos meus e-mails e fazer uma devastação lá dentro. Você sabe que eu fiquei com medo dele entrar mesmo? De repente, tinha entrado há muito tempo, né? (risos) Enfim, o cara é um *hacker* mesmo. (...) Só pra você ter uma idéia, ele achava coisas que eu já tinha publicado. Conhecia todos os meus artigos. Eu nem sabia que isso estava na Internet. (...) Eu comecei a tomar certos cuidados com meus e-mails, a passar e-mails mais inócuos. Eu sei que parecia que o cara conseguia qualquer coisa. Rastreava qualquer coisa. (...) Ainda bem que eu não sou paranóica. Mas isso passava pelo meu trabalho da transferência.”

A interferência dos registros provenientes da Internet sobre a prática clínica é discutida também por Alice Falcão (gestalt-terapeuta), por meio de uma curiosa situação que viveu no setting terapêutico. Um paciente passou a levar para as sessões a cópia de todos os e-mails trocados entre ele e sua namorada. Como estavam tentando manter um relacionamento à distância, este paciente estava inseguro da viabilidade deste intento. Do ponto de vista de Alice, o paciente queria que ela, ao ler estes e-mails, desse sua opinião sobre o relacionamento. Este fragmento de caso clínico foi, para Alice, uma situação atípica, na qual teve que refletir sobre sua posição de terapeuta:

“Ele não trazia, como era comum na clínica, a fala do outro por ele mesmo. Ele trazia os e-mails. Era como se tivesse uma terceira pessoa aqui falando. Eu tive um certo cuidado pra não me perder, pra poder sempre ficar na perspectiva dele, da fala dele. (...) Uma fronteira se rompeu. E havia a solicitação de eu falar o que eu tinha entendido a respeito daquilo que estava escrito. E é uma sedução. Então, ele trazia muito material e uma ansiedade muito grande. É um dado interessante. Você não tem mais a fala sobre o outro, você tem a fala literal. Mas tem que ter cuidado, né? Porque essa fala literal não deve ser a estrela do espaço. Mas, em contrapartida, precisa ser legitimada, compreendida.”

Depoimentos como estes apontam para um dado curioso. A Internet chega à prática clínica não somente pela fala dos pacientes, mas também por meio de registros concretos levados à sessão ou, até mesmo, pelo controle que algum paciente faz da vida on-line (e pessoal) de seu terapeuta. Não são poucos os indicadores dos impactos da Internet sobre a clínica contemporânea. Cabe, então, uma breve recapitulação do que foi visto até agora. Isto será feito a seguir.



### 5.1.3.3 Refletindo sobre os indicadores clínicos detectados

Por meio dos indicadores clínicos acima expostos, foi possível conhecer um pouco melhor as idéias e preocupações centrais dos entrevistados em relação aos primeiros impactos da Internet sobre a prática clínica. Foi possível perceber, ainda, que, pouco a pouco, os pacientes vêm contando suas histórias no mundo on-line e apresentando a seus terapeutas uma Internet que estes não conheciam. Não são poucas as novidades que os entrevistados têm que absorver. A maioria dos terapeutas entrevistados parece estar em um novo momento de suas práticas clínicas. Trata-se, sobretudo, de um momento de muitas perguntas ainda sem respostas, de muitas dúvidas, e, conseqüentemente, de muitos incômodos. Apesar de muito experientes, estes terapeutas enfrentam o desafio de conhecer algo novo e de dar sentido a tudo o que ouvem a respeito da realidade da Internet. Num certo sentido, voltam a se sentir profissionais inexperientes. Para concluir esta seção, passo a palavra a três representantes do grupo de sujeitos da pesquisa:

“A Internet, e o computador também, isso foi um impacto pra mim. Porque a gente tem aquela coisa de manter o setting terapêutico e aí ficou assim... Eu perdi o controle dessa situação. (...) Qual o limite disso?” (Raquel Figueiredo, gestalt-terapeuta)

“Porque eu achava que era uma coisa que chegava muito mais pra atrapalhar do que pra ajudar. E é por isso. Porque a Internet veio bagunçar aquele setting todo certinho. [risos] O de que o paciente vai chegar, vai falar e vai embora.” (Eliane Cabral, psicanalista)

“Hoje em dia, o tempo inteiro você está tendo que refazer as bases do seu conhecimento. Refazendo tudo para poder dar conta dessas coisas que estão se transformando cada vez com maior rapidez. (...) A paz da vida da gente foi invadida por essas transformações todas. A gente tem que inventar, criar novos caminhos. Eu acho que isso vem apenas nos mostrar que a gente não tem controle sobre as mudanças da vida.” (Marisa Oliveira, psicanalista)

Muita “bagunça” e muita confusão parecem estar cercando a prática clínica da atualidade e desafiando aqueles que se vêem diante de pacientes que, tal como os profissionais que os atendem, também se mostram confusos, desorientados e despreparados para lidar com mudanças tão radicais. Em meio à tamanha desorientação, é Marisa Oliveira (psicanalista) quem dá pistas sobre a direção a ser tomada para a apresentação de outros resultados relevantes da pesquisa. Ao ressaltar a necessidade de “refazer as bases do seu conhecimento”, criando e

inventando novos caminhos, esta entrevistada indica que meu próximo passo deve contemplar as relações que terapeutas vêm estabelecendo com os conhecimentos da psicologia clínica, os quais, durante mais de um século, serviram de âncoras seguras para o fazer e o pensar da prática psicoterápica. Assim sendo, passo, agora, a apresentar o que os entrevistados dizem a este respeito.

#### 5.1.4

#### Os conhecimentos da psicologia clínica em questão

Durante as entrevistas, a maioria dos entrevistados se mostrou cautelosa e crítica ao se referir aos conhecimentos teóricos da psicologia clínica. Embora estes ainda funcionem como importantes referências, muitos dos entrevistados detectam um descompasso entre as teorias de suas abordagens clínicas e a prática contemporânea. Ou seja, de seus pontos de vista, nem todos os fenômenos que têm lugar em seus consultórios encontram, no corpo de conhecimentos teóricos da psicologia clínica, categorias de análise adequadas a sua compreensão.<sup>2</sup>

Em decorrência disto, muitos revelam que, diante de novas situações clínicas, a flexibilização e a relativização das teorias e técnicas da psicologia clínica se fazem necessárias. Expressões como “uma leitura relativizada”, “uma leitura amplificada”, “uma postura questionadora”, “um olhar menos ortodoxo”, “uma visada crítica” e “maior flexibilidade” são utilizadas por vários terapeutas para enfatizar o quanto a utilização das tradicionais ferramentas psicológicas nem sempre é eficaz na análise dos pacientes que hoje habitam os consultórios “psi”. Seguem-se alguns exemplos de depoimentos a este respeito.

Raquel Figueiredo (gestalt-terapeuta) revela que, ao lidar com a formação de novos gestalt-terapeutas, ressalta a importância de uma postura flexível para acolher e compreender um novo contexto clínico:

“O que eu vou dizer, o que eu vou passar de informação pra esse pessoal que está se formando agora? Eu digo, assim: ‘antigamente eu fazia assim, assim e assim. Tudo muda, porque o mundo muda, a cultura muda e cada coisa nova que vai surgindo, a gente vai mudando também’. Eu sou cada vez mais flexível. Porque

---

<sup>2</sup> Em função dos objetivos desta pesquisa, somente os dados relacionados à penetração da Internet nos consultórios foram analisados. É interessante informar, contudo, que a penetração dos telefones celulares na vida cotidiana e as novas formas de intervenção no corpo (como por exemplo as técnicas de inseminação artificial) também foram mencionadas por vários dos entrevistados como questões que vêm gerando fortes impactos sobre o homem contemporâneo e sobre a prática clínica.

não dá pra ter aquela rigidez de antigamente. Não dá.”

Já Mônica Villaça (psicanalista) chama a atenção para a necessidade de utilizar a teoria psicanalítica de “uma maneira informada”:

“A psicanálise dá subsídios muito importantes pra pensar a clínica e a cultura. Eu gosto dos recursos que ela fornece pra pensar as questões da cultura. É um instrumental interessante. Mas, é claro, se você utilizar isso de *uma maneira informada e não xiita*.” (minhas ênfases)

Virgínia Sá (psicanalista) parece concordar com Mônica, revelando que, apesar de utilizar a psicanálise como referência básica para sua prática, muitas vezes, é levada a refletir sobre os limites de suas teorias e técnicas. Em um momento de sua entrevista, por exemplo, Virgínia reflete sobre diferentes condutas adotadas por ela diante da solicitação de dar seu e-mail para alguns pacientes. Segundo Virgínia, estas novas situações a fizeram pensar nos limites dos instrumentos psicológicos hoje disponíveis. Nas suas palavras:

“Eu escuto tudo isso psicanaliticamente, quer dizer, como o uso de cada um se dá dentro de seus mecanismos psíquicos. Eu posso receber algo pela Rede e, se for o caso, trabalhar na sessão. (...) Eu nunca me vi diante de uma situação dessas com um paciente mais grave, por exemplo. Talvez com um paciente mais grave isso seja importante. Não sei. *Mas eu não sei trabalhar desse jeito, eu não tenho instrumentos pra trabalhar com esse novo. Não sei se a psicanálise ou a psicologia têm instrumentos pra isso. Eu acho que não. A psicanálise e outras linhas da psicologia se aplicam em vários contextos. Em outros não.*” (minhas ênfases)

Enquanto que a maioria dos entrevistados parece se ater à necessidade de flexibilização e relativização dos conhecimentos da psicologia clínica, alguns terapeutas dedicaram um tempo maior de suas entrevistas para refletir sobre o estatuto da psicologia clínica. Vejamos o que eles disseram a este respeito.

Patrícia Rezende (gestalt-terapeuta), por exemplo, quando enfatiza a questão da “flexibilidade”, parece ter preocupações mais amplas a respeito do corpo de conhecimentos da psicologia clínica. No que se segue, transcrevo o trecho de seu depoimento, no qual ela desenvolve suas idéias sobre o que chamou de “flexibilidade”:

“A palavra que me vem é flexibilidade. Os terapeutas vão ter que estar abertos a um universo de idéias e de novas formas de viver. É um pouco complicado pra formação do terapeuta. O terapeuta tem que suportar essas novidades que, se imaginadas há anos atrás, poderiam ser vistas como enlouquecedoras. [risos] Você

tem que se abrir, pensar e pensar pra frente. *O mundo mudou e não adianta ficar pensando em teorias que eram cabíveis, que deram muito resultado. Mas elas correspondiam a um outro contexto, sabe? Essa é a realidade. O que funcionou um dia pode não vir a funcionar mais.*” (minhas ênfases)

Parece-me possível considerar que a palavra “flexibilidade” utilizada por Patrícia é adequada para definir a postura crítica que, como foi visto acima, a maioria dos terapeutas entrevistados adota em relação aos conhecimentos da psicologia clínica. Parece-me, contudo, que Patrícia levanta questões mais profundas, para as quais flexibilidade talvez não seja a palavra mais adequada. Explico melhor. Patrícia diz que as teorias hoje disponíveis se aplicam a um antigo contexto mundial (“o mundo mudou e não adianta ficar pensando em teorias (...) que correspondiam a um outro contexto”). Acrescenta que, por essa razão, estas teorias podem não mais servir como formas de interpretação do mundo contemporâneo (“o que funcionou um dia pode não vir a funcionar mais”). A partir desta fala, parece-me possível considerar que Patrícia está lidando mais com a questão da ruptura do que com a questão da flexibilização. Parece-me, ainda que ela vem refletindo sobre a possível necessidade de *desconstrução* dos conhecimentos da psicologia clínica. Apesar de não serem unânimes, depoimentos como este, também foram fornecidos por outros terapeutas. Nestes, ruptura, mudança, construção e desconstrução de conhecimentos são questões centrais.

Marisa Oliveira (psicanalista), por exemplo, fala da necessidade de “refazer as bases do conhecimento” contemporâneo. Ainda a esse respeito, ela reflete:

“O homem começa se dar conta de que aquilo que se supunha que eram certezas... Não tem mais certeza nenhuma. O conhecimento vai ser sempre incompleto, as coisas vão ser sempre transitórias. O tempo todo a gente está lidando com isso. (...) *Isso evidentemente trouxe transformações muito grandes para a maneira com que a gente encara o sujeito. A gente não vê, hoje, o sujeito como um sujeito pronto, acabado. A gente só vê o sujeito em transformação. (...) Nesse sentido, a clínica sofreu grandes transformações. A gente está vendo isso na psicologia em geral e na psicanálise em particular. A gente teve que transformar a maneira da gente pensar. O que interessa agora são as transformações. (...) Hoje em dia eu não tenho nem ao menos um problema, que dirá a resposta para sua solução. Eu estou construindo um problema.*”(minhas ênfases)

Já Fernanda Santos (gestalt-terapeuta) mostra-se desanimada com a falta de referências consistentes que embasem sua prática como psicoterapeuta:

“Eu acho que a gente está vivendo um momento muito diferente. Eu sinto a força das mudanças do mundo dentro do meu consultório. A Internet não é a única mudança, mas é uma delas.(...) Não é mais uma coisa daquela pessoa que teve uma história de vida, uma questão a ser resolvida. *Não se tratam mais de quadros clínicos certinhos. Se trata de uma mudança no mundo e nas pessoas.* E se trata também de muito medo. Eu acho que a gente está vivendo um momento caótico mesmo. *Um momento de falta de parâmetros. E a psicologia me deixa cada vez mais desanimada. Temos que produzir muito. Nossos parâmetros são insuficientes, quase que ridículos.*” (minhas ênfases)

Mariana Vasconcelos (psicanalista) é outra profissional a chamar atenção para a necessidade premente de registrar as mudanças radicais do mundo e de criar novos recursos para compreender o sujeito contemporâneo:

“Na verdade, a Internet faz parte de um processo de perceber que o mundo muda e que a subjetividade não é sempre a mesma. Então a gente tem que começar a falar e trabalhar essas linguagens novas. Nós temos que nos dar conta de que, se o mundo muda, a psicanálise também pode mudar.(...) Isso, se você acredita que há uma nova subjetividade em jogo, que essas tecnologias não são um utensílio a mais. Eu acho que isso fala de uma mudança onde a forma do sujeito apreender o mundo vai ser outra, que a cognição vai ser outra e que a afetividade dele vai passar por outras vias. É receber a mudança e criar recursos para entender o que está acontecendo.”

De modo análogo aos de Patrícia, Marisa, Fernanda e Mariana, Alice Falcão (gestalt-terapeuta) enfatiza a necessidade de produzir novas categorias de análise para conhecer uma também nova subjetividade em construção:

“Eu me preocupava muito com a teoria e com a técnica. Hoje, minha preocupação maior é pensar quem é o cliente que está diante de mim. Porque hoje ainda é comum você ver um fenômeno e logo ir criando uma resposta ‘psi’ pra ele. Aí, você perde de vista a própria função da psicologia, que é uma função crítica. O olhar do psicólogo é crítico. Não é só replicar. A gente tem que produzir!”

Os depoimentos acima são muito instigantes e tornam visível o complexo desafio que vários terapeutas enfrentam nos dias atuais: o de construir novos conhecimentos sobre o sujeito contemporâneo. “Não é só replicar. A gente tem que produzir!”, ressalta Alice Falcão.

Este desafio não é, contudo, fácil de enfrentar. Muitos entrevistados sentem na pele o quanto é difícil ser terapeuta num momento de radicais mudanças no mundo e nos homens. Percebem, também, o quanto é difícil desconstruir certezas solidamente enraizadas e abrir mão de conhecimentos teóricos que, há pouco tempo, eram tão eficazes na compreensão dos sujeitos que habitavam seus



consultórios. Examinemos os ricos depoimentos que alguns entrevistados fornecerem sobre as diversas dificuldades que vêm enfrentando.

Retomando a fala de Alice Falcão (gestalt-terapeuta) – que, como vimos anteriormente, clama pela produção de novos conhecimentos –, é possível travar contato com algumas de suas preocupações:

“A prática clínica faz a gente se mexer muito. Se perguntar o tempo todo, isso é bom, isso é ruim? É um outro contexto de desenvolvimento. Não dá pra gente sair classificando tudo rápido. Eu não posso perder o olhar sensível. Hoje eu estou teoricamente ultrapassada. Mas também estou, e isso é o que me assusta, ultrapassada em relação ao sujeito no mundo. *Não dá só pra usar antigos referenciais mas, ao mesmo tempo, a gente não tem um referencial já construído.*” (minhas ênfases)

Por um lado, Alice sente que as teorias tradicionais estão ultrapassadas. Por outro, ressent-se de que nada de novo foi colocado em seu lugar. Uma espécie de vácuo parece deixar vários dos entrevistados sem referência. Isto também preocupa Mariana Vasconcelos (psicanalista). Para ela, na medida em que a prática clínica lida o tempo todo com homens concretos e com seus sofrimentos, há necessidade de referências que dêem suporte ao seu trabalho:

“Eu tenho um compromisso clínico com o sofrimento. No campo das idéias você pode se abrir. No abstrato, você pode abrir mão de suas referências numa boa. Mas a cada paciente, ali, na sua frente, a coisa não é tão simples. Tem uma coisa ali de você ter que saber responder os seus porquês. Dar conta do sofrimento. Não dá falar qualquer porcaria [risos].”

Fernanda Santos (gestalt-terapeuta) compartilha as preocupações de Mariana. Em sua opinião, a pressão de “ter algo a dizer” sobre o sofrimento de seus pacientes, conjugada às suas dúvidas sobre quem são estes pacientes, vem gerando um enorme sentimento de “solidão”:

“Há algum tempo, minha clínica era muito tranqüila. Eu tinha pacientes que vinham ao consultório sofrendo ou só para aparar algumas arestas. Mas eu tinha o que fazer no meu consultório. Eu sabia o que fazer. Hoje não. São pessoas que vêm precisando de ajuda, de acolhimento, sem saber bem por quê. Vêm procurando alguém pra escutar, pra entender junto com você o mundo. As teorias, sendo até mais radical, servem mesmo é pra nós. Eu penso muito: pra que serve o meu trabalho? Eu acho que é quase um espaço pra alguém escutar. Eu, como terapeuta, me sinto, muitas vezes, muito sozinha. Me sinto sem nenhum porto seguro.”

Por meio dos depoimentos acima, parece ser possível perceber que uma das dificuldades envolvidas na desconstrução e construção de conhecimentos no

campo da psicologia clínica está no fato de a prática clínica exigir intervenções em sujeitos de carne e osso que chegam aos consultórios em sofrimento. “Não dá pra falar qualquer porcaria”, brinca Mariana Vasconcelos. A ausência de um “porto seguro” é, no cotidiano da clínica, geradora de muitas angústias.

Há, contudo, outras preocupações que atingem tanto os profissionais que apontam a necessidade de construção de novos conhecimentos psicológicos quanto aqueles que julgam que a relativização teórica já é suficiente para a compreensão do novo contexto clínico. A grande maioria dos entrevistados preocupa-se com as dificuldades que sente para absorver o impacto das novas questões subjetivas colocadas em cena pela Internet. Apesar de algumas vozes dissonantes, para os terapeutas entrevistados, “acolher o novo”, compreender “essa tal de Internet”, “dar boas-vindas à nova subjetividade em construção”, e “ver com bons olhos os novos relacionamentos virtuais” são tarefas de grande monta. Para encarar os desafios envolvidos nestas tarefas, muitos deles começam a refletir criticamente sobre suas próprias reações. Munidos desta auto-crítica, vários terapeutas revelam que o sentimento de “nostalgia” e o “preconceito” parecem estar interferindo em seu trabalho. Acompanhem as reflexões críticas feitas por estes profissionais.

Dora Cerqueira (psicanalista) revela que, certa vez, “não conseguiu ver com bons olhos” as aventuras de seu paciente na Internet:

“Porque, dentro de mim, tem um certo preconceito de que o meu mundo era algo melhor. Que o preço que as pessoas vão pagar por essas mudanças todas é muito grande. Que estar frente-a-frente com as pessoas faz com que o ser humano seja mais bonito.”

Fernanda Santos (gestalt-terapeuta) também revela suas dificuldades para acolher o novo mundo da Internet em seu consultório. Ao relatar um caso no qual seu paciente tecia uma numerosa rede de amigos virtuais, os quais não queria conhecer pessoalmente, ela desabafa:

“Ai, eu admito. Pra mim é difícil entender isso. E eu acho que eu manifesto isso de alguma maneira no contato com o paciente.”

Marta Bianco (gestalt terapeuta) também toca nos preconceitos que a Internet coloca em cena. Ao se dar conta de suas próprias reações frente ao novo, alerta para os riscos de o preconceito trazer conseqüências sérias para a prática

clínica. Uma destas, suspeita ela, é a de os pacientes não falarem de suas aventuras virtuais para seus terapeutas:

“Acho que muitos pacientes usam a Internet e nem falam disso na terapia. Porque tudo ainda é muito desconhecido pras pessoas. Tem uma condenação social a respeito de precisar procurar parceiros na Internet. Então, muitos pacientes já falam dessa busca de parceiros de forma envergonhada. Então eu suspeito que muitos procurem e nem falem pros seus terapeutas. Fica algo do lado de fora do contexto terapêutico.”

Virgínia Sá (psicanalista) também fala um pouco de suas reações no cotidiano de seu trabalho. Ora incorpora o novo com naturalidade, ora sente-se desencantada com as transformações que vem observando em seu consultório:

“Tem um pouco de ‘olha, o mundo está indo pro buraco’. Esse discurso faz parte da nossa época, de desencanto, de que está todo mundo indo pro buraco. Aí, [risos], você sente isso mas pára um pouquinho pra pensar. E pensa: ‘nossa, que besteira, não é nada disso’. É uma nova possibilidade. Tem que escutar, olhar cada caso. Vamos pensar isso. Não dá pra pensar isso como algo descolado da vida, já faz parte. Já está sendo incorporado por todo mundo. Tá no dia-a-dia. Não dá pra dizer que a Internet é mais uma coisa qualquer que não tem impacto sobre o trabalho clínico. Eu acho que é uma coisa nova que faz parar pra pensar. Sem também muito drama. Tem que pensar como uma coisa nova que surge.”

Elza Barroso (gestalt-terapeuta) parece concordar. Receia que o peso de sua formação profissional, de sua história de vida e, principalmente, dos valores de sua geração dificulte a identificação das transformações em curso na prática clínica:

“Eu tenho muito medo de entender o mundo do paciente a partir de interpretações banais, a partir do meu desconhecimento, por eu ser uma pessoa de outra geração. Porque, no fundo, eu acho que eu iria pro virtual somente se algo estivesse muito complicado no mundo real. Mas e os meus pacientes? Eles funcionam assim? Ainda é uma grande interrogação. (...) E eu tenho a minha história, a minha relação com os filmes que eu vi, os livros que li, as teorias que eu estudei. Não dá pra abandonar nada do que foi a minha experiência. (...) Eu tenho muito medo de ficar estagnada. Eu tenho que ficar mais atenta.”

Já Alice Falcão (gestalt-terapeuta) chama atenção para o quanto sua visão de mundo é diferente das de muitos de seus pacientes. Conciliar seu próprio código com o de seus pacientes é uma de suas preocupações centrais:

“Não dá pra a gente ficar dizendo que antigamente é que era bom porque as pessoas se encontravam. Você tem que fazer uma leitura não patologizante, mas sem perder o olhar crítico. Você ver qual seria a questão das relações humanas no mundo de hoje. Mas pra mim isso requer um grande esforço. Porque pessoalmente, eu tenho uma visão nostálgica de que ficar conversando com amigos na praia é mais legal do que ficar teclando com alguém na Internet. Quais são as minhas limitações para acompanhar as mudanças do sujeito contemporâneo? Eu tenho os meus códigos e eles me trazem novos códigos. Mas, ao mesmo tempo, eu ainda faço parte desse mundo, estou viva e não sou um caso único. E como que eu posso juntar esses códigos e investir na prática clínica?”

Mariana Vasconcelos (psicanalista) parece sintetizar os pontos de vista dos entrevistados. Enfatiza a crise e o conflito hoje vividos pelos terapeutas, o conflito entre o novo e o velho, entre o positivo e o negativo, entre acolher e ter preconceito, etc. Enfatiza, sobretudo, a dificuldade de o terapeuta acompanhar a velocidade das mudanças da contemporaneidade:

“Eu sou muito ambígua. Porque, na verdade, eu acho que eu tenho um certo preconceito, um julgamento de valor de achar que isso que está acontecendo é uma coisa ruim. Que está afastando as pessoas ao invés de estar unindo. Que está dificultando mais os encontros. Não é só a Internet. É a Internet num pacote no qual as relações estão mais difíceis. Como se a Internet fosse um dos sinais de que as pessoas estão se vendo menos, se encontrando menos, se olhando menos, se tocando menos. (...) Mas, ao mesmo tempo, tem uma certa sensação de que isso pode ser positivo e que isso está fazendo surgir um novo sujeito. Mas eu não mudo tão rápido. Acho que você deve tentar acolher, escutar, sem críticas. Mas eu acho que é uma crise pra gente, um conflito.”

As dificuldades levantadas pelos entrevistados não são de pequena monta. O acolhimento do novo, do diferente e do desconhecido necessariamente entra em choque com tudo o que esses terapeutas já viveram, com todas as teorias solidamente internalizadas ao longo do tempo, com seus valores, com suas visões de mundo. “Eu não mudo tão rápido”, avisa Mariana. “Não sou um caso único”, afirma Alice. A relativização ou a desconstrução dos conhecimentos tradicionais da psicologia clínica e a construção de novos conhecimentos são tarefas que envolvem entrar em contato, não somente com os relatos dos pacientes, mas, também, com os próprios preconceitos, medos e conflitos. Como Alice e Mariana ressaltaram, se o tempo corre, as mudanças subjetivas nem sempre são operadas na mesma velocidade.

### 5.1.5 Perspectivas para o futuro

Ainda não é possível saber aonde chegaremos. Nos dias atuais, a prática clínica coloca mais dúvidas do que certezas. Há poucos anos, como disseram vários terapeutas, a prática clínica se dava num terreno mais seguro e tranquilo. Atualmente, nada é conhecido em profundidade. Durante as entrevistas, os terapeutas tiveram a coragem de expor suas incertezas e seu desconhecimento frente à penetração da Internet em seus consultórios. Ainda durante as entrevistas, vários terapeutas puderam parar para refletir sobre tudo isto e, em muitos momentos, fizeram uma autocrítica de seus pontos de vista iniciais a respeito das relações entre a Internet e a prática clínica. Por meio desta reflexão crítica, mostraram-se corajosos para colocar em palavras seu desconhecimento a respeito dos impactos que a nova realidade da Internet pode gerar sobre o sujeito contemporâneo e, conseqüentemente, sobre a prática clínica.

“Eu não tenho a percepção clara das conseqüências subjetivas de tudo o que estamos vivendo” (Virgínia Sá, psicanalista)

“É claro que tudo isso vai trazer conseqüências para a subjetividade. Mas eu ainda não sei como.” (Silvana Medeiros, gestalt-terapeuta)

“Como terapeuta, sei muito pouco sobre a organização psicológica de meus pacientes, principalmente dos mais novos. Mas, não tem jeito, temos que pagar pra ver.” (Patrícia Rezende, gestalt-terapeuta)

“Eu não estaria sendo sincera se falasse que minha clínica hoje é radicalmente diferente daquela que eu fazia há anos atrás. Essa é a clínica que eu sei fazer. Não sei fazer diferente. Mas tem uma escuta nova, muitas perguntas, muita curiosidade. Na verdade, se minha prática não se modificou, meu pensar sobre a clínica mudou. Estou pensando, observando, mas ainda não tenho como dizer como será o ser humano, como será a escola, como será a psicoterapia do futuro.” (Elza Barroso, gestalt-terapeuta).

Ocorre, porém, que a percepção de que pouco se sabe a respeito do sujeito contemporâneo na nova Era da Internet parece abrir novas perspectivas para o futuro. Como disse Elza, ainda não é possível falar de uma nova clínica. Não é possível, tampouco, falar de um novo e consistente conjunto de conhecimentos psicológicos elaborados a partir das recentes experiências clínicas dos profissionais entrevistados. Parece-me possível, no entanto, identificar o surgimento – ainda que embrionário – de “uma nova escuta” e de um novo

“pensar sobre a clínica”, no qual “muitas perguntas” são colocadas, muitos sentimentos são pontos em cena e muitas dificuldades são experimentadas. Identificando suas dúvidas, seu desconhecimento e, como eles próprios revelaram, seus “preconceitos”, os entrevistados parecem estar abrindo caminho para a construção de novos pontos de vista sobre os impactos da Internet na prática clínica. Conforme Marisa Oliveira (psicanalista) revelou em depoimento anteriormente exposto, a falta de certezas constrói problemas e faz com que novas saídas sejam criadas.

Parece-me que, para vários terapeutas, as entrevistas serviram como um espaço para identificação de dúvidas e para a elaboração de novos pontos de vista. Não raro com surpresa, muitos profissionais parecem ter descoberto que já há muito a ser dito sobre o sujeito contemporâneo e sobre o contexto clínico da atualidade. Tudo, entretanto, carece de articulação, de debate e de legitimação. São reflexões quase que solitárias sobre a Internet e a clínica, reflexões ainda em estado bruto, “fechadas” nos consultórios de cada terapeuta. Alguns dos entrevistados ressaltam o quanto é difícil expor estes pontos de vista:

“Eu acho que essa discussão sobre novas formas de subjetivação, o computador e a Internet te põem o tempo todo diante disso. Você não tem nenhuma idéia pronta. *Na realidade, no contexto clínico, as pessoas têm muito receio de se expor e falar o que estão pensando e fazendo na clínica. Porque não existe nada arrumado na cabeça de ninguém.* (...) Você tem que lançar mão da Internet. E eu quero dizer com isto, bem, que isto significa apenas não ignorar que a Internet existe. (...) Agora, seguramente, ainda não temos como entender as conseqüências subjetivas deste novo contexto de vida.” (Eliane Cabral, psicanalista, minhas ênfases)

“Sendo um elemento novo, eu não posso negar e dizer: ‘não, isso não está acontecendo’. [risos] Apareceu, vamos ouvir, perguntar e refletir. Vamos conversar, debater as dúvidas, as inseguranças. Aí já dá pra refletir que isso é um elemento novo reestruturando o campo clínico e não mais uma questão cristalizada em um processo terapêutico qualquer. *O problema é que, às vezes, você tem dificuldade de lidar com seus próprios deslizes. E fica tudo fechado no consultório. A questão da humildade é muito difícil.* E a gente precisa buscar isso pra podemos conversar a respeito.” (Alice Falcão, gestalt-terapeuta, minhas ênfases)

“Acho que a gente tem que começar a trocar sobre isso, a conversar. A gente precisa construir alguma coisa mais fundamentada sobre isso.” (Daniela Marques, psicanalista)

“Eu escuto as pessoas falarem muito pouco do papel da Internet nas mudanças que vivemos na clínica. *A impressão que eu tenho é que a coisa ainda está longe de se tornar um debate. Mas eu também acho que, como eu, as pessoas estejam vivendo essas coisas dentro dos seus consultórios.* Só que não dá pra transformar isso num caso clínico estruturado. E aí o papo não surge. Acho que tudo isso ainda confunde muito as pessoas.” (Fernanda Santos, gestalt-terapeuta, minhas ênfases)

“Acho que tudo isso ainda confunde muito as pessoas”, revela Fernanda. Para ela, suas dúvidas e incertezas também devem estar pairando nos consultórios de outros terapeutas. Apesar disto, acrescenta Fernanda, a discussão sobre os impactos da Internet na clínica “está longe de se tornar um debate”. Talvez por isto, Fernanda, em outro momento da entrevista, tenha revelado o quanto se sente sozinha no dia-a-dia de trabalho em seu consultório. Em depoimento anteriormente exposto, Fernanda diz:

“Eu, como terapeuta, me sinto, muitas vezes, muito sozinha. Me sinto sem nenhum porto seguro.” (Fernanda Santos, gestalt-terapeuta)

A “impressão” de Fernanda de que, tal como ela, outros terapeutas enfrentam – solitariamente – dificuldades semelhantes às que ela está vivendo em seu consultório parece proceder. Os depoimentos de Eliane Cabral (psicanalista), Alice Falcão (gestalt-terapeuta) e de Daniela Marques (psicanalista) – transcritos acima – parecem indicar que alguns profissionais também se ressentem da falta de interlocutores para dividir suas incertezas. “As pessoas têm muito receio de se expor e falar o que estão pensando e fazendo na clínica”, chama a atenção Eliane. “Fica tudo fechado no consultório”, parece concordar Alice. “A gente tem que começar a trocar sobre isso, a conversar”, enfatiza Daniela. Depoimentos como estes, embora não sejam recorrentes nos discursos da maioria dos entrevistados, apontam o intercâmbio com os profissionais da psicologia clínica como um caminho possível para a construção de conhecimentos a respeito dos impactos da Internet na prática clínica contemporânea.

## **5.2**

### **Discussão dos resultados**

Dado que os resultados acima apresentados foram muito ricos e variados, diferentes linhas de raciocínio poderiam ser adotadas nesta discussão, privilegiando um ou outro conjunto de depoimentos. No que se segue, enfatizo aquele que foi, talvez, um dos resultados mais surpreendentes da pesquisa: o do contraste entre *o pouco* que terapeutas acreditavam ter a dizer sobre as relações entre a Internet e a prática clínica e *o muito* que disseram a este respeito.

Como já foi visto, se, de início, os terapeutas pensaram ter pouco a colaborar para a pesquisa, durante as entrevistas, foram capazes de identificar e

analisar diferentes impactos da Internet sobre a prática clínica. Em linhas gerais, da ótica dos entrevistados, as experiências de seus pacientes na Rede, por serem fonte de enorme prazer, atingem pontos cruciais do trabalho clínico, a saber: a forma de os pacientes se sentirem e se perceberem (trazendo à tona a questão da “onipotência”), as relações destes com o corpo, as relações com excessos e limites (reais e virtuais) e as formas de controle e a manipulação propiciadas pelas novas formas de registros da Internet.

Curiosamente, porém, os terapeutas não se limitaram a falar das relações de seus pacientes com a Internet. Frequentemente, durante a pesquisa, a maioria dos terapeutas falou também de seus próprios sentimentos e reações frente à chegada da Internet aos seus consultórios. Como venho insistentemente mencionando, os terapeutas fizeram das entrevistas um espaço de elaboração de suas próprias incertezas e, com autocrítica apurada, revisitaram seus casos clínicos, buscando repensar não somente o que a Rede trouxe de novo e de desconhecido para seus pacientes, mas também para eles próprios enquanto terapeutas.

Relembrando, muitos falaram de susto, incômodo e irritação diante do desconhecido da Internet. Outros explicitaram a sensação de “confusão”, de “falta de controle” e de “bagunça” que os relatos sobre a Rede foram capazes de suscitar no contexto psicoterápico. Vários mencionaram o sentimento de nostalgia e o preconceito frente à nova realidade da Internet. Já outros perceberam-se em conflito ou inexperientes para lidar com as novas questões que a Internet vinha colocando. Chegaram, inclusive, a falar da solidão que experimentaram entre as quatro paredes dos consultórios e, conseqüentemente, da dificuldade que encontraram para dar sentido ao turbilhão de dúvidas geradas pela Rede.

Esse conjunto de sentimentos e reações chama muita atenção e é, de meu ponto de vista, a *chave* para a discussão dos resultados da pesquisa. Ou seja, a intensidade e a diversidade de reações relatadas levam-nos a pensar que, em seus primeiros momentos, o principal impacto da chegada da Internet nos consultórios dos entrevistados tenha sido o da *desorientação*. Tudo era desconhecido e ainda muito nebuloso. Tomando emprestadas as palavras do teórico pós-moderno David Harvey (1989), os terapeutas estavam imersos em um contexto de mudanças avassaladoramente presentes e, por esta razão, não conseguiram ter a real dimensão dos impactos que a Internet vinha gerando. Atropelados pelo ritmo veloz da difusão da Rede em seus consultórios, os terapeutas não tinham o



distanciamento necessário para avaliar criticamente suas recentes experiências e para ter uma visão de conjunto das mesmas. Desorientados, deram prosseguimento ao seu trabalho cotidiano, escutando cada novo caso atentamente, mas de forma muito particularizada. Faltava, como disse um das entrevistadas, “a visão do todo”. Como já foi visto, grande parte dos terapeutas sequer se dava conta do quanto já tinha a dizer sobre os impactos da Internet no cotidiano de suas práticas.

Pouco a pouco, porém, dedicando um tempo para reunir fragmentos de casos clínicos e idéias soltas sobre estes casos, os entrevistados foram se surpreendendo, durante as entrevistas, com o quanto já tinham a falar sobre “essa tal de Internet”. A desorientação vivida pelos terapeutas parece estar sendo colocada em perspectiva. Como sugerem os resultados da pesquisa, com relativo distanciamento, impressões caóticas e nebulosas vêm, gradativamente, se transformando em pontos de vista um pouco mais organizados, ainda que preliminares, sobre os impactos da Internet sobre a prática clínica.

Ocorre, porém, que esta desorientação parece ter gerado uma outra consequência não menos importante do que as acima discutidas. Refiro-me, aqui, ao desconhecimento dos entrevistados em relação a trabalhos recentes da psicologia clínica sobre os impactos subjetivos da Internet. Se, no plano individual, os terapeutas não percebiam o que eles próprios tinham a dizer sobre as relações entre a Rede e a clínica, parece-me compreensível que não tenham lançado olhares mais amplos em busca do que pesquisadores da área pensavam e sentiam a respeito de questões semelhantes. Em outras palavras, a desorientação experimentada dentro das quatro paredes de seus consultórios parece ter inviabilizado, não apenas um contato com seus próprios pontos de vista sobre a Internet, mas, também, com o quê de novo já vinha sendo produzido pela área da psicologia clínica a este respeito. Parece não ter sido viável, nem a troca de experiências com outros terapeutas, nem, sobretudo, o contato com o campo das pesquisas em psicologia clínica.

É interessante observar, contudo, que, outros profissionais da psicologia clínica – em particular aqueles que atuam na área de pesquisa – têm preocupações semelhantes e vêm estudando questões bastante próximas àquelas abordadas pelos entrevistados. Dou alguns exemplos (colhidos na análise da produção da psicologia clínica sobre a Internet realizada no terceiro capítulo deste trabalho).

A Internet como nova e importante fonte de prazer para seus usuários, por exemplo, também é abordada frequentemente nas (já mencionadas) pesquisas sobre os impactos subjetivos da Rede. Para citar apenas algumas destas, destaco, no contexto norte-americano, o livro de Don Tapscot, intitulado *Growing up digital: the rise of the Net Generation* (1997), no qual o uso saudável e prazeroso da Internet por crianças e jovens é uma das questões centrais. Dentre a produção nacional, cabe destacar os seguintes artigos: “A escrita digital: uma pedra no sapato da escola” (2000), de Raphael Zaremba, Rosane Abreu e Ana Maria Nicolaci-da-Costa, “A escrita dos adolescentes na Internet” (2000), de Maria Teresa Freitas e “Quem disse que é proibido ter prazer online? Identificando o positivo no quadro de mudanças atual” (2002b), de Ana Maria Nicolaci-da-Costa. Nestes, são divulgados os resultados de pesquisas nas quais, de diferentes perspectivas, o prazer on-line e suas conseqüências são abordados em profundidade.

Também na questão dos excessos, muitos pontos de vista podem ser compartilhados por terapeutas e pesquisadores. O excesso de informações, por exemplo, é analisado por Michelle Weil e Larry Rosen, no livro *Technostress: coping with technology @ work, @ home, @ play* (1997). Já o excesso de horas de conexão é exaustivamente examinado pelos pesquisadores norte-americanos Kimberly Young (1996,1998 e 2001) e David Greenfield (1998) em suas pesquisas a respeito do “vício”. Em contrapartida, visões críticas a respeito da patologização do uso da Rede podem ser encontradas nos trabalhos de Don Tapscot (citado acima) e de Nicolaci-da-Costa (2002a e 2002b). Finalmente, o excesso de auto-exposição que tanto preocupa os terapeutas entrevistados também é abordado por alguns pesquisadores do campo da psicologia clínica. Lanzari (2000), por exemplo, reflete sobre as conseqüências subjetivas da exposição do usuário de chats sob a proteção do anonimato. Já Nicolaci-da-Costa (2000) expõe as novas formas de proteção que estão sendo erigidas para lidar com a exposição da intimidade na realidade da Internet.

É claro que tanto terapeutas como pesquisadores examinam as questões acima mencionadas guiados por um mesmo objetivo geral: o de compreender as transformações subjetivas geradas pela difusão maciça da Internet no mundo contemporâneo. A pergunta de uma das terapeutas entrevistadas parece resumir esta questão de base: “quem é esse sujeito que está diante de mim?”. Em busca de

respostas para esta pergunta, muitos pesquisadores enfrentam o desafio de investigar a configuração subjetiva dos usuários da Rede Mundial de Computadores. Dou alguns exemplos. No contexto norte-americano, a pesquisadora Sherry Turkle (1995), após meticulosa pesquisa com usuários da Rede, propõe um novo modelo subjetivo para a contemporaneidade, o de uma subjetividade fluida e múltipla. Já no contexto brasileiro, Nicolaci-da-Costa (1998 e 1999) traça um perfil do usuário brasileiro da Internet e Romão-Dias (2001) e Civiletti e Pereira (2002) propõem modelos subjetivos que, em linhas gerais, são similares ao elaborado por Sherry Turkle (acima mencionado). Finalmente, os psicanalistas Joel Birman (1997) e de Gilza Oliveira (2000), em breves artigos, refletem teoricamente sobre os efeitos subjetivos gerados pelo uso da Internet, enfatizando, como principal consequência, a perda das antigas características que definiam o sujeito moderno. Não oferecem, no entanto, novas características para a análise da subjetividade contemporânea.

Muitos outros exemplos poderiam ser fornecidos. Parece-me, no entanto, que os acima mencionados já são suficientes para revelar que os impactos da difusão da Internet são muito mais amplos do que poderíamos pensar há algum tempo. Não são impactos circunscritos a um ou outro caso clínico que chega aos consultórios “psi”. Não são, tampouco, impactos que atingem, individualmente, alguns terapeutas. Não são, nem mesmo, impactos limitados ao cenário das psicoterapias da atualidade. Mais do que isto, são impactos que toda a área da psicologia clínica, em suas vertentes de psicoterapia e de pesquisa, passa a enfrentar. Um novo momento chegou, independentemente de, na qualidade de psicólogos clínicos estarmos preparados para enfrentá-lo com tranquilidade. Há muito trabalho a ser feito. Já temos, contudo, algumas referências para nos guiar.

## 6

### **Tecendo novas redes conceituais: um desafio para a psicologia clínica**

No segundo capítulo deste trabalho, “*A produção científica contemporânea: um breve panorama*”, foi possível observar o surgimento de um novo contexto de produção científica, no qual sólidos e tradicionais conhecimentos são desconstruídos e uma nova rede conceitual vem sendo cuidadosamente tecida para explicar uma também nova realidade mundial. Foi possível observar, também, que esta “estrutura em rede” (Castells, 1999) permite que novos, numerosos e heterogêneos conceitos, aparentemente dispersos e fragmentados, sejam visualizados com maior clareza e articulados de diferentes maneiras.<sup>1</sup> Foi possível, finalmente, identificar o papel de protagonista que as tecnologias digitais – e, em particular, a Internet – vêm desempenhando na constituição deste novo contexto de produção científica.

A partir disto, foi proposta a análise da inserção da psicologia clínica neste novo contexto. Procurei investigar se, de modo análogo ao de outras disciplinas, a psicologia clínica sofre os impactos do acelerado desenvolvimento das tecnologias da informação e se, em decorrência disto, vem tecendo sua própria rede conceitual para compreender o homem contemporâneo. Para tanto, concentrei-me nas relações entre a psicologia clínica e a Internet.

Parece-me que, finalmente, é possível fazer uma análise mais criteriosa das questões acima levantadas. Passemos, então, às conclusões finais que me foram possíveis obter ao longo desta jornada.

Em primeiro lugar, parece-me que a simples existência de uma produção recente da psicologia clínica sobre a Internet é suficiente para revelar que os efeitos da construção de um novo cenário tecnológico já se fazem sentir no campo

---

<sup>1</sup> Cabe destacar que há divergências quanto à articulação em rede dos conhecimentos científicos contemporâneos. Como vimos (também no segundo capítulo deste trabalho), diferentemente de Manuel Castells, alguns teóricos pós-modernos (em especial Lyotard e Vattimo) e, também, Jean Baudrillard falam da fragmentação dos conhecimentos da atualidade e da impossibilidade de atribuir ao mesmos algum tipo de configuração capaz de fornecer alguma idéia de conjunto.

“psi”. Ainda que um tanto incipiente, o novo perfil desta recente produção “psi” marca o fim da distância histórica que a psicologia clínica mantinha do estudo de diferentes tipos de tecnologia. Desde o final da década de 1990, estamos presenciando uma transformação significativa nesta área da psicologia: alguns de seus profissionais passaram estudar, de diferentes perspectivas, as mudanças subjetivas implementadas pela difusão da Internet no cotidiano de nossos contemporâneos.

Ocorre, porém, que o perfil destes estudos apresenta duas características marcantes, as quais discuto abaixo.

A primeira diz respeito à falta de articulação dos trabalhos elaborados. Quero dizer com isto que, os recentes estudos sobre os impactos subjetivos da Internet carecem de uma configuração clara, ou seja, carecem da estrutura em rede que venho insistentemente mencionando. Vale lembrar que, se, por um lado, a heterogeneidade é uma das características que define a nova rede de conhecimentos contemporâneos, a visão de conjunto (flexível mas articulada) é outra de suas peculiaridades (a esse respeito, ver Castells, 1999). A análise da produção “psi” mostrou que a heterogeneidade é marca inequívoca do atual conjunto de trabalhos da psicologia clínica sobre a Internet. Entretanto, estes trabalhos ainda não apresentam um grau mínimo de articulação. Ainda não é fácil identificar suas linhas de raciocínio centrais, seus focos de divergência e, acima de tudo, uma visão de conjunto que os represente. Tudo ainda está muito disperso, confuso, contraditório e fragmentado.

Já a segunda característica desta produção diz respeito ao tipo de trabalhos elaborados. Como vimos, os estudos sobre os impactos subjetivos da Internet referem-se, quase que exclusivamente, a *relatos de pesquisas*. Fruto da iniciativa de psicólogos-pesquisadores, estes estudos divulgam diferentes resultados de investigações empíricas sobre as transformações subjetivas do sujeito contemporâneo enquanto usuário da Rede. Conseqüentemente, não discutem (nem têm por objetivo discutir) os efeitos da difusão da Internet sobre as práticas clínicas da atualidade. Até mesmo aqueles pesquisadores que também trabalham como terapeutas (como, por exemplo, Sherry Turkle) concentram-se na análise dos resultados das pesquisas que levaram a cabo e não contemplam os atendimentos psicoterápicos de pacientes usuários da Rede.

Tendo em vista a fragmentação da produção da psicologia clínica sobre a Internet e sua concentração na vertente de pesquisas, parece-me precipitado afirmar que a psicologia clínica encontra-se tecendo *novas redes conceituais* que expliquem os impactos subjetivos da Rede. Seus trabalhos ainda parecem fios iniciais, incompletos e soltos, que apenas potencialmente, poderão ser utilizados como matéria-prima para o processo coletivo de tecer novas redes conceituais sobre a vida subjetiva na Era da Internet.

No decorrer da presente tese, dei especial ênfase ao fato de os trabalhos “psi” sobre a Rede se concentrarem no campo de pesquisas e não contemplarem os efeitos do recente desenvolvimento da Internet sobre as formas contemporâneas de intervenção terapêutica. Devido à ausência de trabalhos sobre as relações entre a Internet e a prática clínica, propus a realização da pesquisa de campo aqui apresentada. Nesta, pude ouvir aqueles profissionais “psi” que se mantinham silenciosos: os psicoterapeutas.

Após a detalhada apresentação e discussão dos resultados obtidos, parece ter ficado claro que a recente produção da psicologia clínica sobre a Internet é, tão-somente, a ponta visível de um grande iceberg (e, tal como nos icebergs, a parte visível é infinitamente menor à submersa). Ou seja, apesar dos trabalhos divulgados até o momento abordarem somente investigações levadas a cabo por psicólogos-pesquisadores, *os psicólogos que atuam como psicoterapeutas também têm muito a dizer a respeito dos impactos da Internet* sobre seus pacientes, sobre a função de terapeuta e, conseqüentemente, sobre a prática clínica. Os depoimentos da presente pesquisa parecem ser testemunhos de que os impactos da difusão da Internet vão muito além daquilo a que temos acesso a partir da produção da psicologia clínica a este respeito. Não estamos diante de impactos isolados percebidos por alguns pesquisadores mais sintonizados com o novo contexto tecnológico. Estes impactos são sentidos também por terapeutas que, mesmo sem dar especial atenção a questões tecnológicas, tiveram que absorver a entrada da Internet em seus consultórios. Contudo, como disseram vários entrevistados, na vertente da prática clínica, as reflexões a este respeito são ainda um tanto confusas e assistemáticas. Mantêm-se “fechadas” nos consultórios e ainda não resultaram na elaboração de trabalhos científicos.

Em resumo, os impactos da difusão da Internet no mundo contemporâneo atingem profundamente todo o campo da psicologia clínica, tanto em sua vertente

de pesquisa como em sua vertente de prática psicoterápica. Nesta última, porém, muitos dos impactos ainda se encontram fora do alcance de nossas vistas.

A pesquisa aqui realizada buscou tornar visíveis alguns destes impactos, contribuindo para o árduo processo de tecer novas redes conceituais que contemplem as relações entre a Internet, a psicologia clínica em geral e a prática clínica em particular. Buscou, ainda, servir de alerta para a falta de articulação dos pontos de vista da psicologia clínica sobre a Internet. Buscou, finalmente, apontar para a necessidade de articular as vertentes de pesquisa e de intervenção psicoterápica que compõem esta área da psicologia. Resgatando a dimensão investigativa da prática clínica, talvez seja possível começar a unir os fios soltos que, timidamente, a psicologia clínica começa a tecer. Disto, talvez resulte a construção de uma rede articulada e composta pelos fios oriundos das pesquisas e, também, da prática clínica.

Para tanto, há, contudo, de meu ponto de vista, um importante dificuldade a ser superada, tanto por parte dos psicólogos que pesquisam os impactos subjetivos da Internet, como pelos terapeutas que se deparam, em seus consultórios, com as novas questões clínicas que a Rede coloca em cena. Refiro-me, aqui, ao conflito entre os tradicionais sistemas conceituais da psicologia clínica e a construção de novas categorias de análise para identificar as novas formas de ser, de sentir e de se relacionar dos sujeitos contemporâneos. Ao que parece, pairam no campo “psi”, sentimentos de nostalgia diante da perda de antigas referências e de medo diante da ausência (ainda que temporária) de novas âncoras conceituais. No atual estágio de reflexão sobre os impactos subjetivos da Internet, tanto pesquisadores quanto psicoterapeutas, parecem estar se embaralhando em novos e velhos fios conceituais. Ora utilizam conceitos tradicionais da psicologia clínica para a análise da vida humana na Era da Internet, ora constroem novas categorias para a compreensão de um novo contexto de investigação. Este confuso quadro, embora habitual em momentos de mudanças amplas e radicais, parece estar servindo de obstáculo para a construção daquilo que venho chamando de *novas* redes conceituais da psicologia clínica. Como diz Nicolaci-da-Costa (1998):

“Não é fácil estudar o novo. E não é fácil porque o velho tende a atrapalhar, principalmente quando já temos formas consolidadas de ver e interpretar o que nos cerca. (...) Partir do que já é conhecido é sempre mais confortável. O problema é que, em se tratando de algo completamente novo, quando se parte do conhecido tende-se a encaixar o novo no velho, o que é uma forma de não o enxergar.” (p. 7)

Parece-me estar sendo especialmente difícil para muitos profissionais da psicologia clínica se deparar com o caráter datado e historicamente constituído dos conhecimentos de sua área. Estamos, na qualidade de psicólogos clínicos, diante do desafio de, utilizando as palavras de Foucault (1965), acordar de uma espécie de sonho, do sonho de que o corpo de conhecimentos da psicologia clínica seria capaz de servir de matriz de análise para tudo o que acontece ou viria a acontecer com o sujeito em sua existência no mundo. É necessário, diz Foucault (1965) acordar desta “*espécie de sonho antropológico*” (p. 209), no qual a psicologia e outras ciências humanas mergulharam. É preciso, enfatiza Foucault, “*acordar desse sono antropológico como outrora acordou-se do sono dogmático*” (p. 209).

Na época em que Foucault falava a respeito de tudo isto, uma certa estabilidade parecia impedir que tivéssemos a real dimensão de seu alerta. Alguns anos se passaram e, hoje, enquanto vivemos as radicais e confusas transformações mundiais, as antigas frases de Foucault retornam e causam, certamente, maior impacto sobre nós do que aquele gerado há poucas décadas. Atualmente, o alerta de Foucault para o caráter provisório do projeto científico da psicologia ganha maior relevância. Nas suas palavras:

“A renovação radical da psicologia como ciência do homem não é, portanto, simplesmente um fato histórico do qual podemos situar seu desenrolar durante os últimos cem anos: ela ainda é uma tarefa incompleta a ser preenchida e, a esse título, permanece na ordem do dia.” (Foucault, 1957, p. 123)

Como o trecho acima sugere, a psicologia em geral e a psicologia clínica em particular estão diante de uma inevitável tarefa: a da renovação radical de seu projeto como ciência. Trazendo as idéias de Foucault para o tempo presente, parece-me possível dizer que, tal como no final do século XIX, estamos, nos dias atuais, diante de um novo e “curioso projeto” psicológico: o de conhecer o homem que está emergindo das transformações ocorridas no final do século XX.

Não é um projeto simples nem, tampouco, de rápida execução. Já vimos, contudo, que, ao menos no âmbito da psicologia clínica, alguns passos iniciais já foram dados nesta direção. Já começamos, por exemplo, a travar contato com os sentimentos e reações que a perda de sólidas e tradicionais visões de mundo suscita (e, como sabemos, o processo de identificação de nossas próprias



dificuldades é, em geral, um bom caminho para a superação das mesmas). Já começamos a reconhecer, também, que nossa vida cotidiana e profissional vem sendo intensa e incessantemente atingida pelos impactos de um novo cenário mundial amplamente moldado pelo desenvolvimento da Internet e das demais tecnologias da informação. Tudo indica que, finalmente, começamos a despertar de um longo sonho para reconhecer que, utilizando mais uma vez as sábias palavras de Foucault (1957):

“(...) a psicologia aparece como uma análise empírica da maneira segundo a qual a existência humana se oferece no mundo; mas ela deve assentar-se sobre a análise existencial da maneira segundo a qual essa realidade humana se temporaliza, se espacializa e, finalmente, projeta um mundo.” (p. 138)

A despeito das inúmeras dificuldades em cena, já temos um conjunto de trabalhos que, embora pouco numeroso e muito fragmentado, pode servir de guia para a análise de uma nova realidade humana assentada em um novo tempo, em um novo espaço e em um novo mundo. Como vimos, já há diversas perspectivas de análise das transformações de ordem psicológica desencadeadas pelas recentes experiências humanas na Era da Internet. Já temos, portanto, matéria-prima – ainda que em estado bruto – para a construção de novas formas de pensar e fazer psicologia clínica. Cabe a nós, contudo, transformar o ato ainda muito solitário de pensar o novo em uma tarefa coletiva.

Espero ter dado minha pequena parcela de contribuição a esta instigante e difícil tarefa de superar o desafio que muitos daqueles que fazem e pensam a psicologia clínica de nossa época estão enfrentando. Que os fios aqui expostos possam ser úteis para que terapeutas e pesquisadores construam um novo e, de meu ponto de vista, inevitável projeto para a psicologia clínica. Não terá sido o primeiro nem, tampouco, creio eu, será o último. Como disse Foucault (1957): *“a renovação radical da psicologia como ciência do homem (...) é uma tarefa incompleta a ser preenchida e, a esse título, permanece na ordem do dia”* (p. 123).

## 7

### Referências Bibliográficas

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BALIBAR, S. A física numa escalada humana. In: Morin, E. (Org.) **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 60-68.

BARBOSA, C. et al. Using the Underlying Discourse Unveiling Method to Understand Organizations of Social Volunteers. In: SYMPOSIUM ON HUMAN FACTORS IN COMPUTERS SYSTEMS, 5., 2002, Fortaleza. **Anais...** SBC, 2002, p. 15-26.

BAUDRILLARD, J. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

----- **Tela-total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

----- **América**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

----- **A ilusão do fim: a greve dos acontecimentos**. Lisboa: Terramar, 1992.

----- **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1968.

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

----- **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BECK, U. Sociedade de risco. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 mai. 1999. Caderno Mais!, p. 5. Entrevista.

----- A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: Beck, U.; A. Giddens A.; Lash, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995a, p. 11-71.

----- Autodissolução e auto-risco da sociedade industrial: o que isso significa?

In: Beck, U.; A. Giddens A.; Lash, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995b, p. 207-218.

BRETON, P. **História da Informática**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1987.

BIRMAN, J. Entre o gozo cibernético e a intensidade ainda possível: sobre Denise está chamando, de Hal Salwer. In: ---- **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 221-233.

CALLIGARIS, C. Solidão na Rede. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 set. 1998. Disponível em: <<http://uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1998>>. Acesso em: 5 dez. 2001.

CANGUILHEM, G. Qu'est que la psychologie? In: ---- **Études d'histoire et de philosophie des sciences**. 2ª ed. Paris: J. Vrin, 1970. (Texto original publicado em 1968)

Conselho Federal de Psicologia. **Resolução CFP nº 003/2000 de 25 de setembro de 2000 – Regulamentação do atendimento psicoterapêutico mediado por computador**. Disponível em: <[http://www.pol.org.br/arquivos\\_pdf/resolucoes/2000/resolucao03\\_2000.pdf](http://www.pol.org.br/arquivos_pdf/resolucoes/2000/resolucao03_2000.pdf)>. Acesso em 9 dez. 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASSÉ, M. O cosmos: concepções e hipóteses. In: Morin, E. (Org.) **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 35-42.

CIVILETTI, M. V. E PEREIRA, R. Pulsações contemporâneas do desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual. In: **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, Conselho Federal de Psicologia, v. 1, n. 1, p. 38-49, 2002.

COSTA, A. C. A. **IRC**: uma alternativa para as relações entre as pessoas. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DEANGELIS, T. Is Internet addiction real? In: **Monitor on Psychology**, Washington, DC, American Psychological Association, v.31, n. 4, p. 24-27, abr. 2000.

DURKHEIM, E. **O suicídio**: um estudo sociológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982. (Texto original publicado em 1897)

EAGLETON, T. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FIGUEIREDO, L. C. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação

(1500-1900). São Paulo: Escuta, 1992.

----- **Matrizes do pensamento psicológico.** Petrópolis: Vozes, 1986.

FINK, J. **How to use computers and cyberspace in the clinical practice of psychotherapy.** New Jersey: Aronson, 1999.

FOUCAULT, M. Filosofia e Psicologia. In: Motta, B. M. (Org.) **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise / Michel Foucault.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 199-209. (Texto original publicado em 1965)

----- **O nascimento da clínica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. (Texto original publicado em 1963)

----- **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas.** São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Texto original publicado em 1966)

----- A Psicologia de 1850 a 1950. In: Motta, B. M. (Org.) **Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise / Michel Foucault.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 199-209. Entrevista. (Texto original publicado em 1957)

FREITAS, M. T. A escrita dos adolescentes na Internet. In: **Psicologia Clínica,** Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 171-188, 2000.

FRÉMONT, A. O planeta solidário. In: Morin, E. (Org.) **A religião dos saberes: o desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 140-144.

GACKENBAH, J. **Psychology and Internet: intrapersonal, interpersonal and transpersonal implications.** San Diego: Academic Press, 1998.

GREENFIELD, D. **Virtual Addiction: help for netheads, cyberfreaks, and those who love them.** Oakland: New Harbinger Publications, 1999.

GIDDENS, A. Giddens rejeita brasilização. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 23 mai. 1999. Caderno Mais!, p. 5-6. Entrevista.

----- A vida em uma sociedade pós-industrial. In: Beck, U.; A. Giddens A.; Lash, S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995, p. 73-133.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 1989.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo: Ática, 1991.

LANZARI, C. A fantasia e o baile de máscaras do final do milênio. In:

**Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, Conselho Federal de Psicologia, v. 1, n. 3, p. 92-99, 2000.

LASH, S. A reflexividade e seus duplos: estrutura, estética, comunidade. In: Beck, U.; A. Giddens A.; Lash, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995a, p. 135-206.

----- Sistemas especialistas ou interpretação situada? Cultura e instituições no capitalismo desorganizado. In: Beck, U.; A. Giddens A.; Lash, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995b, p. 235-253.

LEITÃO, C. F.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A psicologia no novo contexto mundial. In: **Estudos de Psicologia**, Natal, UFRN. (no prelo)

----- Psicologia clínica e informática: por que essa inusitada aproximação? In: **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 189-205, 2000.

LÉVY, P. The universal without totality, essence of cyberculture. In: Larreta, E. R. (Ed.) **Media and Social Perception**. Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM, 1999, p. 199-207.

----- **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1995.

LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MANDL, C. Perca o receio de usar o computador. **Folha de São Paulo**, 12 jun. 2002. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/folha/informatica/ult124u10257.shl>>. Acesso em: 11 out. 2002.

MCLUHAN, M. & POWERS, B. **The global village**: transformations in world life and media in 21<sup>st</sup> century. New York: Oxford University Press, 1986.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **História do MCT**, s/d. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/sobre/historia.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2001.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Evolução da Internet no Brasil e no mundo**, s/d. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/Temas/info>>. Acesso em: 22 fev. 2001.

MORIN, E. (Org.) **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Rio de

Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

----- A ciência sem consciência está condenada? In: Le nouvel observateur (Ed.) **Café Philo**: as grandes indagações da filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 84-87.

MURRAY, B. Datasmog: newest culprit in brain drain. In: **APA Monitor**, Washington, DC, American Psychological Association, v. 29, n. 3, mar. 1998. Disponível em: <<http://www.apa.org/momonitor/mar98/smog.html>>. Acesso em: 22 fev. 2001.

----- A mirror on the self. In: **Monitor on Psychology**, Washington, DC, American Psychological Association, v.31, n. 4, p. 16-19, abr. 2000.

NEGROPONTE, N. **Vida Digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NETMANÍACOS só vivem com o Modem na veia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2001. Disponível em: <<http://www.estado.estadao.com.br/suplementos/info/2001/03/12/info024.html>>. Acesso em: 11 out. 2002.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. A qual dar crédito? In: **Estudos de Psicologia**, Natal, UFRN, v. 7, n. 1, p. 25-36, jan/jun. 2002.

----- Quem disse que é proibido ter prazer on line? Identificando o positivo no quadro de mudanças atual. In: **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, Conselho Federal de Psicologia, v. 1, n. 2, p. 12-21, 2002.

----- A tecnologia da Intimidade. In: SYMPOSIUM ON HUMAN FACTORS IN COMPUTERS SYSTEMS, 3., 2000, Porto Alegre. **Anais...** SBC, 2000, p. 3-12.

----- Caught in a World Wide Web: the Internet and the New Man. In: Larreta, E. R. (Ed.) **Media and Social Perception**. Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM, 1999, p. 155-177.

----- **Na malha da Rede**: Os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

----- A subjetividade nas malhas da rede. In: A PSICOLOGIA EM CONTEXTO: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA, 1996, Rio de Janeiro. **A psicologia em contexto...** Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1996, p. 155-166.

----- A análise de discurso em questão. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 317-331, 1994.

----- Questões metodológicas sobre a análise de

discurso. In: **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 4, n. 1, p. 103-108, 1989.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M.; LEITÃO, C. F.; ROMÃO-DIAS, D. Gerando conhecimento sobre os homens, mulheres e crianças que usam computadores: algumas contribuições da psicologia clínica. In: SYMPOSIUM ON HUMAN FACTORS IN COMPUTERS SYSTEMS, 4., 2001, Florianópolis. **Anais...** SBC, 2001, p. 120-131.

NISBET, R. A. **The sociological tradition**. New York: Basic Books, 1966.

NUNES, J. M. **Tecnologias informáticas e modos de subjetivação**. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, G. F. T. Cyberespaço, criação e alteridade. In: **Methodus**: Revista científica e cultural, Rio de Janeiro, Universidade Estácio de Sá, n. 2, p. 17-28, ago/dez. 1999.

ROMÃO-DIAS, D. **Nossa plural realidade**: um estudo sobre a subjetividade na era da Internet. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

----- Entre o real e o virtual: quem seremos nós? In: **Revista Nova América**, Rio de Janeiro, Nova América, p. 48-51, set. 2000.

RUSHKOFF, D. **Um jogo chamado futuro**: como a cultura dos garotos pode nos ensinar a sobreviver na era do caos. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

RUSSO, J. **O mundo psi no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

----- **O corpo contra a palavra**: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SAYEG, E. Psicologia e Informática: interfaces. Site do **Conselho Regional de Psicologia de São Paulo**. Disponível em:

<<http://www.crsp.org.br/atmc/artigos/13.html>>. Acesso em: 11 out. 2002.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: Velho, O. G. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. (Texto original publicado em 1902-3)

SLEEK, S. Isolation increases with Internet use. In: **APA Monitor**, Washington, DC, American Psychological Association, v. 29, n. 9, set. 1998. Disponível em: <<http://www.apa.org/momitor/sep98/isolat.html>>. Acesso em: 22 fev. 2001.

SULER, J. **The psychology of cyberspace**. Disponível em: <<http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/psycyber.html>>. Acesso em: 4 dez. 2002.

TAPSCOTT, D. **Growing up digital**: the rise of the Net Generation. New York:

McGraw-Hill, 1997.

TURKLE, S. **Life on the screen: identity in the age of Internet**. New York: Touchstone, 1995.

----- **The second self: computers and the human spirit**. New York: Simon & Schuster, 1984.

VATTIMO, G. The Mass-Overman. In: Larreta, E. R. (Ed.) **Media and Social Perception**. Rio de Janeiro: UNESCO, ISSC, EDUCAM, 1999, p. 57-65.

----- Estamos perdendo a razão? In: Le nouvel observateur (Ed.) **Café Philo: as grandes indagações da filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 60-63.

----- **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VICIADO em informática? Relaxe: isso tem cura. **Jornal da Tarde**, 13 set. 2000. Disponível em: <<http://www.jt.com.br/2000/09/13/ger120.html>>. Acesso em: 11 out. 2002.

WEIL, M. & ROSEN, L. **Technostress: coping with technology @ work, @ home, @ play**. New York: John Wiley & Sons, 1997.

YOUNG, K. **Tangled in the Web: understanding cybersex from fantasy to addiction**. Boston: Houghton Mifflin, 2001.

----- **Caught in the Net: how to recognize the signs of the Internet Addiction and winning strategy for recovery**. New York: John Wiley & Sons, 1998.

----- **Internet Addiction: the emergence of a new disorder**. Disponível em: <<http://www.netaddiction.com>>. Acesso em: 11 out. 2002.

ZAREMBA, R. **Escrevendo (ou seria 'teclando'?) o homem do século XXI**. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ZAREMBA, R.; ABREU, R. S.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A escrita digital: uma pedra no sapato da escola. In: SYMPOSIUM ON HUMAN FACTORS IN COMPUTERS SYSTEMS, 3., 2000, Porto Alegre. **Anais...** SBC, 2000, p. 196-202.

ZAREMBA, R.; ROMÃO-DIAS, D.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Simples como uma torradeira: um estudo sobre o computador no cotidiano da nova geração. In: **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, Conselho Federal de Psicologia, v. 1, n. 1, p. 92-99, 2002.